



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

O IMAGINÁRIO SOCIAL ATRAVÉS DA MÍDIA:
uma perspectiva discursiva da construção identitária do professor

CARLA CORREIA DE ALMEIDA DO NASCIMENTO

SÃO CRISTÓVÃO- SE

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



CARLA CORREIA DE ALMEIDA DO NASCIMENTO

O IMAGINÁRIO SOCIAL ATRAVÉS DA MÍDIA:

uma perspectiva discursiva da construção identitária do professor

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras, PPGL, para o doutoramento em Estudos Linguísticos da Universidade Federal De Sergipe, UFSE, como requisito à obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos. Área de concentração: Estudos Linguísticos; Linha de pesquisa: Linguagem: Identidade e Práticas sociais. Orientador: Prof. Dr. FÁBIO ELIAS VERDIANI TFOUNI.

SÃO CRISTÓVÃO- SE

2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Nascimento, Carla Correia de Almeida do

N244i O imaginário social através da mídia: uma perspectiva discursiva da construção identitária do professor / Carla Correia de Almeida do Nascimento. ; orientador Fábio Elias Verdiani Tfouni – São Cristóvão, SE, 2024. 168 f.; il.

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Linguística - Estudo e ensino. 2. Análise de Discurso. 3. Diálogos imaginários. 4. Identidade de gênero. 5. Professor - Formação. 6. Professores - Avaliação. I. Tfouni, Fabio Elias Verdiani, orient. II. Título.

CDU 81'1

CARLA CORREIA DE ALMEIDA DO NASCIMENTO

O IMAGINÁRIO SOCIAL ATRAVÉS DA MÍDIA:

uma perspectiva discursiva da construção identitária do professor

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras, PPGL, para o doutoramento em Estudos Linguísticos da Universidade Federal De Sergipe, UFSE, como requisito à obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos. Área de concentração: Estudos Linguísticos; Linha de pesquisa: Linguagem: Identidade e Práticas sociais;

Orientador: Prof. Dr^o. FABIO ELIAS VERDIANI TFOUNI.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: PROF. DR. FABIO ELIAS VERDIANI TFOUNI

Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Universidade Federal de Sergipe

**Interno 1: PROFA. DRA. TAYSA MÉRCIA DOS SANTOS SOUZA
DAMACENO**

Doutorado em Linguística Aplicada/UFRN
Professora do Departamento de Letras Vernáculas/UFS

Interno 2: PROF. DR. JOCENILSON RIBEIRO DOS SANTOS

Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/2015)
Universidade Federal de Sergipe

Externo 1: PROFA. DRA. SÔNIA ALBUQUERQUE – IFS

Doutorado em Educação (Universidade Federal de Sergipe)
Professora efetiva do Instituto Federal de Sergipe, Campus Estância

Externo 2: PROF. DR. ANDERSON DE CARVALHO PEREIRA - UESB

Doutor em Ciências (Psicologia) pela Universidade de São Paulo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Aprovada em: 07 de junho de 2024.

Dedico este trabalho a DEUS, pois, sem ELE, não teria chegado até aqui!

*“Tudo é do Pai
Toda honra e toda glória
É DELE a vitória
Alcançada em minha vida”*

Frederico Cruz

AGRADECIMENTOS

“Tudo posso Naquele que me fortalece” (Filipenses 4.13). Foi com esse versículo que iniciei meus agradecimentos em minha dissertação de mestrado, em 2019. Posso dizer, seguramente, que é, para mim, a melhor forma para iniciar, mais uma vez os agradecimentos, agora em minha tese, cinco anos depois, pois, se cheguei até aqui, foi porque DEUS me sustentou. Então, inicio expressando minha gratidão a ELE, e a Nossa Senhora, mãe intercessora, que acolhe nossas preces, levando-as ao Pai.

Esse ano marcante de 2019, além de marcar a defesa do meu título de mestra, marca, em meados de dezembro, a realização, ao mesmo tempo, de dois grandes sonhos: passar na seleção do doutorado e descobrir que ia ser mãe. Foi o ano que transformou minha vida! Dou graças pela generosidade de DEUS em me permitir viver esses sonhos. Não foi nada fácil, mas eu tinha certeza de que não estava sozinha. Obrigada, meu SENHOR, por me dar mais estas oportunidades de realizar sonhos! ELE preparou tudo. Muitas angústias, desesperos, vontade de desistir, mas sempre senti a mão DELE segurando a minha e enxugando cada lágrima que derramei.

Por isso, sou gratidão...

Aos meus pais, minha base e amor maior, minha gratidão por tanto! Em todos os momentos, como sempre, são presentes e me incentivam a prosseguir, a ir além. Segurando minha mão quando preciso, são minha fortaleza, assim como sempre foram desde que nasci. Também agradeço a DEUS pela vida deles, Claudionete e Antônio Carlos, amo vocês!

Aos meus filhos, João Pedro que sofreu com as ausências, os estresses desde o mestrado; e Róger Lucas que nasceu nesse processo louco de doutoramento, participando, inclusive, da seleção. Amo vocês infinito!

Ao meu esposo Róger Matos que, desde o mestrado, ainda namorado, foi companheiro, amigo, parceiro, técnico, incentivador, dentre tantas funções, esteve ao meu lado aguentando comigo todas as alegrias e desesperos, enxugando minhas lágrimas, segurando minha mão, incentivando-me a seguir. Sou grata por tê-lo em minha vida!

Em memória, agradeço a minha querida avó Odete, carinhosamente vó Nete, que sempre me incentivou e sei que estaria muito feliz por mim.

Aos familiares e amigos, também agradeço o carinho, o apoio e o cuidado, sou grata pela vida de todos, muito obrigada, vocês são importantes para mim!

Em seguida, quero agradecer aos professores que foram tão relevantes na jornada do conhecimento. Em especial, agradeço ao professor Fábio Tfouni, meu orientador desde o mestrado, sempre tão paciente e generoso. Obrigada professor, por todos os ensinamentos, leituras e incentivos, tão valiosos. Ao professor Jocnilson Ribeiro, pelas valiosas contribuições, pela atenção e pela gentileza em contribuir com o processo de escrita e por participar da banca de defesa. Às professoras da banca de qualificação e de defesa, Taysa Mércia e Sônia Albuquerque, pela gentileza em participar das bancas e pelas contribuições. Ao professor Anderson de Carvalho, que fez parte de minha banca no mestrado e, agora, no doutorado, minha gratidão, estou muito feliz em tê-lo na banca. Enfim, grata por fazerem parte deste momento tão relevante. Também, aos professores do PPGL, à coordenação do programa, aos funcionários que sempre são solícitos em ajudar e esclarecer as dúvidas, minha gratidão a todos, ao PPGL por completo. Agradeço também a Karol (Karolaine), a Fabi (Fabiana) e a Jennifer pela partilha e apoio durante essa etapa final, difícil e tensa.

Portanto, quero agradecer a todos que fizeram parte em algum momento desses quatro anos, contribuindo de alguma forma. Para finalizar meus agradecimentos, quero citar um trecho da letra de uma música que resume tudo que sinto:

*“Tudo é do Pai, toda honra e toda glória
É dele a vitória alcançada em minha vida
Tudo é do Pai, se sou fraco e pecador
Bem mais forte é o meu Senhor
Que me cura por amor”*
Composição: Frederico Cruz
Versão: Padre Fábio de Melo

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerolítico miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço. Não há identificação plenamente bem-sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro pessoa”, isto é, sobre o outro, objeto de identificação.

(Pêcheux, 2015, p. 56)

RESUMO

O discurso é atravessado por formações imaginárias que funcionam nos processos discursivos, representando os lugares sociais e ideológicos do sujeito. Sob essa premissa, este trabalho se propõe ao estudo discursivo do imaginário construído sobre o professor pela mídia, através de instituições educacionais, analisando as representações que são perpetuadas na sociedade e (re)criam sua identidade. Utilizando o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso pecheutiana, fundamentado em Michel Pêcheux (1993; 1994; 1995; 2015), e em Orlandi (2005; 2007; 2011; 2012), em um diálogo com os Estudos Culturais, respaldados em Stuart Hall (2001), Zygmunt Bauman (2005), e Claude Dubar (1997; 2009) que abordam as questões relacionadas ao conceito de identidade, construção identitária, delinear-se-á um paralelo entre os conceitos de representações imaginárias e construção identitária. O estudo também agrega contribuições da Psicologia social, especialmente os conceitos de Identidade de Antônio Carlos Ciampa (1987; 1989; 2002), de Serge Moscovici (1961; 1978; 2005; 2007), além de outros textos que tratam dessa temática. O objetivo geral é investigar os sentidos que são (re) produzidos na mídia sobre o professor, por meio de instituições educacionais, e formulam as representações que são perpetuadas na sociedade. A questão central é: Quais sentidos são produzidos e atravessam as discursivizações de enunciados contemporâneos, formulando as imagens e as representações sociais sobre o professor na mídia, em sites de instituições educacionais, e como essas imagens (re)criam a identidade do professor? Por conseguinte, tal estudo proporciona a reflexão sobre as relações simbólicas e de poder que constituem as formações discursivas e que se estabelecem como verdade na posição sujeito professor, possibilitando um deslocamento no olhar desse sujeito, o professor, bem como no olhar social em relação a essa temática.

Palavras-chave: Identidade. Sujeito-professor. Formações Imaginárias. Formações Discursivas.

ABSTRACT

The discourse is permeated by imaginary formations that function in discursive processes, representing the social and ideological places of the subject. Under this premise, this work proposes the discursive study of the imaginary constructed about the teacher by the media, through educational institutions, analyzing the representations that are perpetuated in society and (re)create their identity. Using the theoretical-methodological device of Pecheutian Discourse Analysis, based on Michel Pêcheux (1993; 1994; 1995; 2015), and Orlandi (2005; 2007; 2011; 2012), in a dialogue with Cultural Studies, supported by Stuart Hall (2001), Zygmunt Bauman (2005), and Claude Dubar (1997; 2009) that address issues related to the concept of identity, identity construction, a parallel will be drawn between the concepts of imaginary representations and identity construction. The study also includes contributions from social psychology, especially the concepts of identity by Antônio Carlos Ciampa (1987; 1989; 2002), by Serge Moscovici (1961, 1978, 2005, 2007), in addition to other texts that deal with this theme. The general objective is to investigate the meanings that are (re)produced in the media about teachers, through educational institutions, and formulate the representations that are perpetuated in society. The central question is: What meanings are produced and permeate the discursiveizations of contemporary statements, formulating the images and social representations about teachers in the media, on educational institution websites, and how do these images (re)create the teacher's identity? Consequently, this study provides a reflection on the symbolic and power relations that constitute discursive formations and that are established as truth in the position of the teacher subject, enabling a shift in the perspective of this subject, the teacher, as well as in the social perspective in relation to this theme.

Keywords: Identity. Subject-teacher. Imaginary Formations. Discursive Formations.

RÉSUMÉ

Le discours est traversé par des formations imaginaires qui fonctionnent dans des processus discursifs, représentant les places sociales et idéologiques du sujet. Partant de cette prémisse, ce travail propose l'étude discursive de l'imaginaire construit sur l'enseignant par les médias, à travers les institutions éducatives, en analysant les représentations qui se perpétuent dans la société et (re)créent leur identité. Utiliser le dispositif théorico-méthodologique de Analyse du discours pecheutien, basé sur Michel Pêcheux (1993; 1994; 1995; 2015), et Orlandi (2005; 2007; 2011; 2012), dans un dialogue avec les Études culturelles, soutenu par Stuart Hall (2001), Zygmunt Bauman (2005), et Claude Dubar (1997; 2009) qui abordent les questions liées à la notion d'identité, de construction identitaire, un parallèle sera établi entre les notions de représentations imaginaires et de construction identitaire. L'étude ajoute également des contributions de la psychologie sociale, notamment les concepts d'identité d'Antônio Carlos Ciampa (1987; 1989; 2002), de Serge Moscovici (1961; 1978; 2005; 2007), en plus d'autres textes qui traitent de ce sujet. L'objectif général est d'enquêter sur les significations qui sont (re)produites dans les médias sur l'enseignant, à travers les institutions éducatives, et de formuler les représentations qui se perpétuent dans la société. La question centrale est la suivante : quelles significations sont produites et imprègnent la discursivisation des déclarations contemporaines, formulant des images et des représentations sociales de l'enseignant dans les médias, sur les sites Internet des établissements d'enseignement, et comment ces images (re)créent-elles l'identité de l'enseignant ? Une telle étude propose donc une réflexion sur les relations symboliques et de pouvoir qui constituent les formations discursives et qui s'établissent comme vérité dans la position disciplinaire de l'enseignant, permettant un changement de regard sur ce sujet, l'enseignant, ainsi que sur le point de vue social dans rapport à ce thème.

Mots-clés: Identité. Professeur de matière. Formations imaginaires. Formations discursives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Diagrama 1: esquecimentos	38
Figura 2 – Ilustração de Formações Imaginárias	39
Figura 3 - Diagrama 2: Memória	50
Figura 4 - Figura Memória Discursiva segundo Tartaglia (2018)	52
Figura 5 - Funcionamento Discursivo conforme Orlandi (2011, p.132)	53
Figura 6– Quadro 1: Dissertações e Teses	77
Figura 7 - Quadro 2: Formações Discursivas sobre o professor	126
Figura 8- Ilustração Formações Discursivas 2	133

LISTA DE SIGLAS

DISPOSITIVO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA ANÁLISE DE DISCURSO

- AAD – Análise Automática do Discurso
- AD – Análise de Discurso de orientação francesa
- AD-1 – Primeira fase da AD
- AD-2 – Segunda fase da AD
- AD-3 – Terceira fase da AD
- AIE - Aparelhos Ideológicos de Estado
- ARE - Aparelhos Repressão de Estado
- FD – Formação(ões) discursiva(s)
- FI – Formação(ões) ideológica(s)
- MD – Memória Discursiva
- RD – Recorte(s) Discursivo(s)
- SD – Sequência(s) Discursiva(s)

LINGUÍSTICOS

- CLG - Curso de Linguística Geral

INSTITUIÇÕES DE ENSINO

- IFB- Instituto Federal de Brasília
- IFS- Instituto Federal de Sergipe
- UFSE- Universidade Federal de Sergipe
- IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
1. CAPÍTULO I - ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E SEU PAPEL NA COMPREENSÃO DOS SENTIDOS E DA IDEOLOGIA.....	24
1.1 OS ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM: DO ESTRUTURALISMO À ANÁLISE DE DISCURSO	24
1.2 A ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA	28
1.2.1. As três épocas da AD.....	32
1.2.2. A noção de sujeito para AD.....	35
1.2.3. A forma-sujeito	37
1.2.4. Formulações teóricas e metodológicas da AD.....	42
2. CAPÍTULO 2: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE – CONFLUÊNCIA DE SENTIDOS	54
2.1 AS REPRESENTAÇÕES IMAGINÁRIAS	59
2.2 AS REPRESENTAÇÕES IMAGINÁRIAS NA MÍDIA	66
3. CAPÍTULO 3: ABORDAGEM METODOLÓGICA: ORGANIZAÇÃO DO DISPOSITIVO TEÓRICO E ANALÍTICO	73
3.1 PLANO DE PESQUISA: DELINEAMENTO DA TESE	74
3.2 ORGANIZAÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO	76
3.3 REVISÃO DA LITERATURA	77
3.4 CONSTRUÇÃO DO MÉTODO E DO DISPOSITIVO ANALÍTICO.....	82
3.5 O <i>CORPUS</i>	83
3.6 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E FORÇA	86
4. CAPÍTULO 4 UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO: SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	88
4.1 TEXTO 1.....	88
4.2 TEXTO 2.....	92
4.3 TEXTO 3.....	99
4.4 TEXTO 4.....	107
4.5 TEXTO 5.....	112
4.6 TEXTO 6.....	115
4.7 TEXTO 7.....	122
5. CAPÍTULO 5 - A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: EFEITOS DE SENTIDOS E A IMAGEM DO PROFESSOR.....	132

5.1 A GÊNESE.....	135
5.2 DESVALORIZAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL.....	140
6. CAPÍTULO 6 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	143
REFERÊNCIAS.....	149
APÊNDICE A – LISTA DE TRABALHOS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	160
ANEXO 1.....	163
TEXTUALIDADES DISCURSIVAS: TEXTOS UTILIZADOS NA ANÁLISE.....	163

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem sempre foi pauta de pesquisas e estudos devido a sua relevância para a sociedade. De teorias sobre sua origem, desenvolvimento e funcionamento, surgiram diversas linhas que produziram conhecimentos significativos para o progresso da humanidade. Ela é fundamental pela possibilidade de comunicar, de permitir a interação entre os sujeitos sociais e, por meio dela, as identidades, as sociedades, suas relações sociais e culturais se formam. A linguagem é um mecanismo que promove o poder e a dominação, compreendida como ação, transformação. Eni Orlandi afirma que a linguagem é um trabalho simbólico em que “tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc” (Orlandi, 1998, p.17).

Partindo desse pressuposto, é através da linguagem que os sentidos são partilhados e produzem efeitos que afetam os sujeitos por meio de imagens que operam no imaginário e criam sistemas de representações, os quais moldam identidades. Como, nos últimos anos, a identidade tem sido foco de diversas pesquisas e debates, tanto no sentido coletivo, quanto no âmbito individual, é pertinente refletir como a mídia reforça algumas representações por meio de um imaginário criado para desvelar relações de poder. Nesse domínio, é relevante refletir sobre a identidade do professor, e como esta é atravessada por discursos que formam o imaginário social e constroem representações acerca desse lugar social, afetando-o ideologicamente.

Socialmente, a posição ocupada pelo sujeito professor é atravessada por discursos diversos e demonstram uma crise em relação à identidade desse sujeito, tanto no coletivo, quanto no individual. Na mídia, principalmente com o contexto das redes sociais, as representações são de profissionais importantes, com uma função que remete ao herói, mas também de profissionais não respeitados, não satisfeitos, que não trabalham, circulando sentidos contrários, mas presentes na sociedade. Partindo dessa suposição, este trabalho tem como questão central: Quais sentidos são produzidos e atravessam as discursivizações de enunciados contemporâneos, formulando as imagens e as representações sociais sobre o professor na mídia, em sites de instituições educacionais, e como essas imagens (re)criam a identidade do professor?

Tal questionamento se torna pertinente ao observar que a posição ocupada pelo sujeito professor parece ser atravessada ideologicamente por FDs semelhantes e atribuem uma excelência a essa posição social. Contudo, tais representações vão de encontro ao cenário

social que desfavorece a profissão tanto em relação ao financeiro quanto em relação à questão do prestígio, sentidos contraditórios que provocam efeitos na sociedade, sendo, assim, a primeira hipótese. Observando também que a identidade do sujeito-professor é atravessada por discursos permeados de ditos e não ditos, formulados desde a origem da profissão, possibilitando uma identificação com tais representações, ou uma crise de identidade desse profissional que não aceita ou identifica-se com a imagem construída para si, tendo, com isso, a segunda hipótese.

Diante dessas observações ao que concerne à posição social Professor, este trabalho almeja um estudo discursivo de materialidades que trazem o conceito do que é ser professor, retiradas de páginas de instituições educacionais, tendo como objetivo geral investigar os sentidos que são (re) produzidos na mídia sobre o professor, por meio de instituições educacionais, e formulam as representações que são perpetuadas na sociedade. De forma mais específica, objetiva-se: • Identificar as Formações Discursivas (FDs) que atravessam as materialidades estudadas, construindo representações sociais; • Observar quais formações ideológicas (FIs) atravessam essas FDs, e, por isso, vão reatualizando e influenciando as representações sobre a posição do sujeito enquanto professor; • Analisar os efeitos de sentido produzidos e como formulam a identidade dessa posição sujeito; • Evidenciar a regularidade de FDs produzidas a partir da similaridade das materialidades analisadas, e como a memória discursiva materializa essas imagens construídas que se cristalizam nas práticas e representações dessas identidades; • Compreender como a evidência da identidade vai se inscrevendo na memória, nos processos de identificação e (des)identificação do sujeito professor, refletindo as formas de representação que constituem e atravessam as identidades.

Uma abordagem discursiva sobre a identidade é relevante, pois reflete os mecanismos que, por meio da linguagem, são atualizados e reatualizados socialmente, reforçando relações de dominação e poder, construindo estereótipos por meio de representações imaginárias, além de possibilitar ao professor uma reflexão mais ampla de sua posição social, pois o atravessamento ideológico cria a ideia de verdade e de origem do dizer, o que faz com que o sujeito não perceba seu assujeitamento ideológico e também que o que é dito, já foi dito em outro momento. Quanto a isso, vale ressaltar que o discurso tem um processamento histórico e ideológico cuja materialidade é o texto. Essa materialidade é o objeto que possibilita gestos de leitura para compreender o funcionamento discursivo, marcado tanto ideologicamente quanto historicamente por dizeres que são reproduzidos e atravessam o imaginário social.

Com base nessa reflexão, para analisar o objeto desta pesquisa, as representações imaginárias sobre a posição professor e a constituição de sua identidade, e organizar o *corpus*, buscou-se, primeiramente, encontrar, em sites de instituições educacionais, por meio de uma busca no *Google*, materialidades discursivas que trouxessem como tema “O que é ser professor?”, por meio de homenagens que geralmente são feitas tendo em vista a comemoração feita ao dia destinado a essa profissão, quinze de outubro. A escolha foi pautada em páginas de instituições educacionais que apresentassem uma homenagem ao dia do professor, trazendo a explicação do que é professor, e com perfis diferentes quanto a linha educacional, rede (estadual, municipal, federal e privada) e a região. A demarcação cronológica é o período entre 2016 e 2023. Partindo desse direcionamento, as discursividades foram selecionadas de seis (06) *sites*: **1.** IFB, Instituto Federal de Brasília; **2.** o Portal SAE; **3.** site EI- Escola da Inteligência- educação Socioemocional; **4.** site da Escola da Aldeia; **5.** UFS, Universidade Federal de Sergipe, página da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep) e a página do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH); **6.** IFS, Instituto Federal de Sergipe.

Com o objetivo de fazer um paralelo no gesto interpretativo, o sétimo texto analisado segue uma estrutura diferente dos outros. É um trecho do discurso do filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, o deputado (PL-SP) Eduardo Bolsonaro em um ato chamado “Pró-Armas¹”, ocorrido no dia oito de julho de 2023. As falas e discursos do ex-presidente e dos seus filhos e filiados foram agressivas, desqualificando os docentes, além de ocasionar uma série de ações contra a prática docente. Em seu discurso, o deputado estabelece uma comparação de professores com traficantes de drogas, chamando os docentes de “professores doutrinadores”, fato que repercutiu nas mídias e na sociedade. Com a retomada da extrema direita ao poder, após a presidência de Jair Bolsonaro (PL), discursos de ataque, discursos de ódio têm circulado socialmente, na mídia, principalmente com o contexto das redes sociais, que é um agente difusor dessas informações, além de reforçar discursos dominantes eficientemente.

Tais materialidades passaram pelo primeiro gesto interpretativo, a partir do qual foram organizadas as sequências discursivas (SDs), as quais formulavam FDs que permitiram a análise. Foram elencadas quarenta e três (43) sequências discursivas por meio de um gesto de leitura que identificasse os sentidos que respondiam à pergunta que direcionou a escolha das

¹ Vídeo de Eduardo Bolsonaro no ato “Pró-Armas” https://youtu.be/6XBfY3Z8_Dc?si=zdZyJTsySrX0iAp

materialidades, uma vez que essa pergunta já é uma forma de definir algo. Esse primeiro momento foi para analisar os efeitos de sentido produzidos e como formulam a identidade dessa posição sujeito. Em seguida, o gesto de interpretação foi observar as regularidades discursivas e as Fds que representavam e como a memória discursiva materializa essas imagens e as representações, observando como os processos de identificação ou (des)identificação constituem e atravessam as identidades.

Para isso, pautando-se nos pressupostos teóricos da AD, bem como em seu dispositivo teórico-metodológico de análise, mais especificamente nos textos de Michel Pêcheux (1993; 1994; 1995; 2015) e Eni Orlandi (2005; 2007; 2011; 2012), os dispositivos analíticos mobilizados foram: Formações ideológicas (FIs) e Formações discursivas (FDs), primeiramente, observando as condições de produção e circulação em que foram produzidos, bem como a regularidade com que apareciam. Também são utilizados os conceitos de paráfrase e de polissemia, de identificação e de (des)identificação, além do conceito de memória discursiva, uma vez que dão indícios para observar como os sentidos são formulados e reproduzem efeitos por meio do simbólico.

Retomando o que foi apresentado, a proposta é apresentar um gesto de leitura que reflita sobre as formações discursivas (FDs), constituídas por formações ideológicas (FIs), que atravessam a sociedade, sendo reproduzidas e perpetuadas pelas mídias e vão reatualizando e influenciando as representações sobre a posição do sujeito enquanto professor. Nesse sentido, a AD entende que o sujeito se constitui socialmente e, por isso, é também alteridade, carregando em si o outro que transforma e é transformado por ele, ou seja, pensa a exterioridade como constitutiva. Dessa forma, o jogo identitário se configura, a partir do que “o outro que diz o que e quem sou, como e por que sou”. É essa construção social que atribui representações da imagem de um determinado papel social, sendo atravessado por ideologias que permeiam determinada conjuntura social e suas condições de produção, operando efeitos de sentido no processo histórico de formulação e reformulação de sentidos.

Nessa direção, a figura do professor é uma posição social que sempre é analisada socialmente por estar atrelada à educação, ao conhecimento e ao aprendizado. Devido à característica que o conhecimento possui de possibilitar o progresso e a evolução, e o docente ser tradicionalmente o profissional responsável por sua difusão, a figura do professor permeia debates desde sua relevância social, até o descaso com a profissão. É uma profissão que abrange tantas funções e é mensurada conforme as configurações socioeconômicas e culturais de um dado contexto histórico, relacionada ao pensamento que orienta a educação desse período. Com isso, a identidade do sujeito professor é atravessada por discursos formados por

ditos e por não ditos, possibilitando uma identificação com a imagem que a sociedade cria, a mídia recria e reforça, e, assim, assume como identidade; ou uma crise de identidade desse profissional que não aceita essa imagem para si.

No que concerne à questão da identidade, é necessário refletir sobre os conceitos de representação social para que esse conceito seja compreendido na sua completude. Assim, neste trabalho de doutoramento, intenta-se apresentar tais conceitos no capítulo teórico, observando como os estudos discursivos dialogam com os Estudos Culturais no que concerne a eles (o conceito de identidade e representação). No que tange o processo de representação social e formação do imaginário, além do que é exposto em Pêcheux (1995), *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, publicado em português em 1988², e em Orlandi (2005), *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*,³ tem-se com os Estudos Culturais e com a Psicologia social pesquisas que apresentam os conceitos de Representações e Identidade, e que são convergentes em suas colocações, as quais serão utilizados também como aporte, nessa tentativa de construir um percurso entre as linhas.

Os Estudos Culturais compreendem uma abordagem teórica multidisciplinar, desenvolvendo sua teoria e sua prática de análise pautados em uma perspectiva ideológica da concepção de cultura, voltada ao cotidiano e ao contexto social, compreendendo as questões de disputas pelo poder. As questões relacionadas às identidades culturais, e aos modos de identificação dos sujeitos estão respaldadas em Hall (2001; 2016), Bauman (2005), Dubar (1997; 2009), além de outros estudos dessa abordagem que tenham como base a concepção materialista histórica. A outra base teórica deste diálogo proposto é fornecida por estudos desenvolvidos na Psicologia Social, a qual, de maneira concisa, concentra-se na investigação da interação entre um indivíduo e grupos sociais, assim como é afetado nessas relações. São referências para as questões de identidade, os textos de Ciampa (1987; 1989; 2002) e Moscovici (1961, 1978, 2005, 2007), além de Silva (2009), Woodward (2009) e Lane (1989).

Trazer uma interface entre as teorias possibilita uma amplitude na reflexão, enquanto exercício de leitura, que pode viabilizar olhares sob perspectivas outras, além de como as ciências podem traçar reflexões afins, mesmo que por caminhos diferentes, baseando-se na historicidade dos acontecimentos, na medida em que percebem as representações sociais

² Do original: *Les Verités de la Palice*, publicado em 1975.

³ Em outras obras, a autora também aborda a questão. Na seção “Referências”, há a referência de todos utilizados como base teórica.

como categoria de análise social, atravessando a construção de identidades e interferindo nos papéis desempenhados pelo sujeito-professor. Com isso, os Estudos Culturais pautados na análise das práticas culturais tanto na forma material como na forma simbólica apresentam o viés histórico das formações sociais, uma vez que a cultura ocupa um espaço social e econômico na sua criação. Kellner (2001, p. 49), filósofo norte-americano, afirma que “[...] os Estudos Culturais são materialistas porque se atêm às origens e aos efeitos materiais da cultura e aos modos como a cultura se imbrica no processo de dominação e resistência”, ponto que coaduna com o viés discursivo.

Por fim, dentre os motivos que instigaram o interesse pela temática, a minha posição social é a de professor, atuando como professora do Ensino básico Estadual, atualmente no Ensino Médio de tempo integral em Aracaju, no estado de Sergipe. Essas representações que estão nas mídias, tanto em jornais, quanto em redes sociais me chamam atenção e levam-me a refletir como sujeito e como pesquisadora. Todos os discursos sociais, políticos (antes e depois de eleitos) configuraram questionamentos acerca dessa posição sujeito, ora aplaudida, ora desrespeitada em seus direitos sociais. A consequência desse interesse, a partir da vivência como sujeito que ocupa esse lugar social, são as reflexões e gesto de leitura traçados aqui, na tentativa de desvelar os mecanismos de dominação sob essa representação constituída socialmente sobre o docente e que precisa ser observada nos entremeios dos discursos institucionais que operam para transformar a educação em coerção.

Por isso, o estudo é uma tentativa de investigar como o discurso sobre a identidade do professor influencia a sociedade e o próprio professor que também é atravessado por essas representações e incorpora essa representação que é feita. Ou, por outro lado, como este sujeito entende essa representação, e forma sua identidade. Nisso, a memória discursiva materializa essas imagens construídas, as quais se cristalizam nas práticas e nas representações dessas identidades, mesmo quando não são aceitas, e, por meio da evidência da identidade vai se inscrevendo na memória, nos processos de identificação e de (des)identificação do sujeito professor, enquanto lugar social.

No que tange a estrutura, este texto está dividido da seguinte forma: **CAPÍTULO 1- ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E SEU PAPEL NA COMPREENSÃO DOS SENTIDOS E DA IDEOLOGIA**, no qual é explicitado, primeiramente, o conceito de linguagem e de língua para a teoria discursiva, traçando um breve panorama do Estruturalismo ao surgimento da AD; depois, segue um percurso histórico da Análise de Discurso pecheutiana e do dispositivo teórico e metodológico (essa escolha de discorrer sobre a AD, mesmo a teoria já estando posta em vários trabalhos, se deu para deixar

definido os conceitos utilizados, pois eles diferem em alguns autores, ou linhas discursivas, sendo relevante deixar definido o fio conceitual que tece o gesto de leitura desse trabalho); **CAPÍTULO 2- AS QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE E AS REPRESENTAÇÕES IMAGINÁRIAS NA SOCIEDADE** que apresenta o conceito de identidade para a AD, Psicologia social e Estudos culturais, trazendo a convergência entre elas, possibilitando traçar o diálogo na análise; **CAPÍTULO 3- METODOLOGIA: ORGANIZAÇÃO DO DISPOSITIVO TEÓRICO E ANALÍTICO DE ANÁLISE** o qual apresenta o plano de pesquisa, a organização do referencial teórico, a construção do método e do dispositivo analítico, o corpus e as condições de produção materiais em que os discursos das materialidades escolhidas ocorrem; **CAPÍTULO 4- UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO: MATERIALIDADES DISCURSIVAS E SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS**, nesta seção, estão dispostas as sequências discursivas e o primeiro gesto analítico para perceber os sentidos produzidos; **CAPÍTULO 5 - A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: EFEITOS DE SENTIDOS E A IMAGEM DO PROFESSOR**, no qual a análise é desenvolvida, observando as Fds e as FIs, conforme os objetivos, e, por fim, o **CAPÍTULO 6- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES** que apresenta as conclusões alcançadas nesta tese.

Diante do contexto apresentado, é perceptível como esta temática é pertinente, pois demonstra a relevância de observar esse movimento de sentido através de um gesto de leitura o qual vislumbra as relações simbólicas de poder, refletindo o lugar do sujeito-professor enquanto ser social atravessado pela exterioridade constitutiva, e assujeitado por meio da linguagem. Para isso, esta tese de doutoramento busca contribuir para um entendimento aprofundado, conforme a reflexão do leitor, dentre eles: o aprofundamento na compreensão do funcionamento discursivo em contextos de mídias digitais (semelhante ao da mídia em geral) que criam mecanismos para que os sentidos funcionem de acordo com a ideologia que as constituem, como também a elucidação do papel desempenhado pela mídia como espaço de construção de representações sociais; a compreensão das relações de poder e da ideologia dominante sob uma perspectiva discursiva, e, a partir dessa compreensão, a análise das relações de poder e das lutas de classes presentes no cenário social brasileiro, além de entender o enfraquecimento das lutas das categorias, como a do professor.

Ao entender como a língua e a linguagem são usadas para construir relações de poder e saber, como os sujeitos são interpelados e como a ideologia é reproduzida e contestada nos discursos, há possibilidade de desconstruir sentidos cristalizados. Nessa reflexão, a noção de interdiscurso permite analisar como as formações discursivas hegemônicas operam e como os

sujeitos são moldados por elas, assim como a análise dos pré-construídos revela como os sujeitos mobilizam e subvertem os discursos existentes em suas práticas de linguagem. Essa articulação contribui para uma análise crítica das estratégias linguísticas utilizadas na produção e circulação de sentido, uma vez que permite examinar como os discursos são atravessados por ideologias, posições de poder e relações sociais, abrindo caminho para uma percepção mais completa e reflexiva dos discursos em suas complexidades sociopolíticas.

Essas contribuições visam oferecer um olhar mais abrangente e aprofundado sobre o papel da mídia e dos discursos, não apenas na disseminação de informações, mas também na construção e influência das representações sociais no contexto contemporâneo brasileiro. Portanto, é um gesto de reflexão do próprio processo de construção identitária, pois, devido às evidências, não percebemos esses mecanismos que nos constituem enquanto sujeitos da linguagem, interpelados mesmo antes do nascimento; atravessados, ideologicamente, pelo contexto sócio-histórico do qual fazem parte; também constituídos pelas condições de produção de seu discurso. Então todos os fatores vão formar essa identidade, não apenas no âmbito profissional, como também no pessoal e na maneira que ele se representa como tal.

1. CAPÍTULO I - ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E SEU PAPEL NA COMPREENSÃO DOS SENTIDOS E DA IDEOLOGIA

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido (Orlandi, 2015, p. 24).

Este capítulo destaca os pressupostos teóricos da Análise de Discurso Francesa (AD), apresentando os elementos que são a base para compreender os sentidos e a ideologia presentes na linguagem, bem como para compreender o trabalho de interpretação que esta tese propõe. Nesse sentido, este capítulo explora os princípios teóricos e metodológicos da AD, relevantes para entender a análise discursiva. Como forma introdutória, traz, resumidamente, a relação entre linguagem e ideologia, enfatizando a materialidade dos signos e a concepção de formas materiais na AD. Além disso, há uma pequena retomada dos percursos históricos da linguística, partindo do Estruturalismo, observando as contribuições do linguista Ferdinand Saussure, pois são objeto de reflexão de Michel Pêcheux para formular sua teoria discursiva. Em seguida, há a explanação da teoria pecheutiana, relacionando a linguagem e a ideologia, assim como a forma sujeito, aspecto relevante para compreender a teoria. É relevante destacar que não há uma ordem estritamente cronológica de todos os acontecimentos, uma vez que já estão postos em diversos trabalhos e contextos. Todavia, neste trabalho, optou-se por recortes de acontecimentos que fossem importantes para a AD, bem como para a constituição do aporte teórico e metodológico do gesto de interpretação aqui delineado.

1.1 Os estudos sobre a linguagem: do Estruturalismo à Análise de Discurso

No decorrer do tempo, os estudos sobre a linguagem têm percorrido diversos caminhos teóricos e atendido a diferentes objetivos sociais. A língua e a linguagem ocupam um lugar central como objetos de estudo nas disciplinas linguísticas e em diversas áreas do conhecimento. Ao longo da história, várias concepções e abordagens teóricas emergiram para descrever e explicar a natureza e a função da língua e da linguagem na comunicação humana, abrangendo uma ampla gama de teorias e perspectivas.

Desse modo, é fundamental ressaltar que, durante o século XX, esses estudos experimentaram um desenvolvimento contínuo que persiste até hoje. Um marco significativo

nessa trajetória foi a publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), elaborado pelos discípulos de Ferdinand Saussure (Sechehaye e Bally) entre as décadas de 1950 e 1960 e publicado em 1961. Essa obra conferiu às pesquisas linguísticas um caráter mais científico. Saussure, graças às suas contribuições, é considerado o pai da Linguística Moderna, pois estabeleceu os fundamentos do Estruturalismo linguístico, uma corrente que desencadeou um impacto significativo e desempenhou um papel crucial na evolução dos estudos da linguagem e na linguística moderna. Essa abordagem, por sua vez, impulsionou o desenvolvimento de outras perspectivas linguísticas ao longo do tempo.

A partir do CLG, as pesquisas sobre a linguagem alcançaram um importante patamar científico, servindo de base para estudos posteriores, e gerando discussões críticas até os dias atuais. O CLG foi responsável por difundir a teoria desenvolvida pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, cuja abordagem estava fundamentada em dicotomias, incluindo *langue* (língua) e *parole* (fala), e eixo sintagmático e eixo paradigmático. A influência do positivismo, que era dominante na época de Saussure, foi essencial para sua abordagem sistemática da linguagem. Ele definiu a língua como objeto de estudo, sendo um sistema abstrato de regras, com uma delimitação homogênea. Já a fala foi caracterizada pelo uso dessas regras e sujeita à heterogeneidade, tornando-se um elemento que não pode ser sistematizado. Saussure focou na estrutura linguística, não abordando em suas pesquisas a dimensão social e histórica da linguagem.

Os estudos que foram desenvolvidos a partir dos pensamentos do CLG possibilitaram o desenvolvimento da Linguística através de diferentes enfoques sobre a linguagem. As pesquisas subsequentes a esses estudos, baseadas nas ideias de Saussure (seguindo seu pensamento ou opondo-se a ele), aprofundaram-se em diversos aspectos da linguística, como a análise estrutural, a análise semântica, a pragmática e a semiótica, mudando as perspectivas, o que possibilitou o aprofundamento no estudo da linguagem, levando em consideração tanto os aspectos estruturais quanto os sociais e históricos. Assim, no século XX, a partir da década de 1950, surgiram várias teorias pós-estruturalismo, como o Gerativismo, proposto por Noam Chomsky, o Funcionalismo, com Leonard Bloomfield, a Teoria da Enunciação, com Émile Benveniste e Oswald Ducrot, a Pragmática, J.L. Austin, H.P. Grice, a Sociolinguística, com William Labov e Erving Goffman.

Também vale destacar as relevantes contribuições de linguistas como Roman Jakobson e o Círculo Linguístico de Praga, postulando a Teoria da comunicação e as funções da linguagem, e como Mikhail Bakhtin que formulou a Teoria do Dialogismo e a Polifonia. A mudança do objeto de estudo é o que diferencia tais teorias, o foco é que define o que se

pretende abordar. Assim, o objeto de estudo passa a ser o discurso com estudos sob diferentes enfoques pelo filósofo Michel Foucault e pelos linguistas Norman Fairclough, Michel Pêcheux. Outra área de estudo que se dedica à investigação dos conhecimentos acerca da linguagem e das línguas ao longo do tempo, considerando os contextos históricos, sociais e culturais nos quais esses conhecimentos foram gerados e difundidos é a História das Ideias Linguísticas. Este campo opera na interdisciplinaridade entre a história e a linguística, buscando uma reflexão sobre epistemologias do conhecimento linguístico. Nesses estudos, destaca-se Sylvain Aurox, um dos principais especialistas na atualidade.

Retomando os estudos discursivos, Michel Pêcheux (1938-1983), influenciado pelos estudos de Saussure e Zellig Sabettai Harris feitos em 1952, desenvolveu um trabalho, envolvendo a interdisciplinaridade e unindo conhecimentos da Linguística, da Psicanálise e do Marxismo, para observar as relações entre o sujeito, a língua e a história. A origem da Análise de Discurso Francesa remonta aos anos 1960 e 1970, tendo a contribuição de diversos estudiosos, além de Michel Pêcheux, como Denise Maldidier, Françoise Gadet, Claudine Haroche, Tony Hak, dentre outros nomes, que consolidaram essa abordagem teórico-metodológica. É relevante destacar o texto "A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso", de Claudine Haroche, Michel Pêcheux e Paul Henry, número 24 da revista *Langages*, publicado em 1971, que apresenta uma reflexão sobre o corte epistemológico saussuriano, o qual instituiu a Linguística como ciência e a langue como objeto. Esse texto mostra como o corte epistemológico feito por Saussure foi fundamental para que os pensamentos pecheutianos fossem organizados acerca do discurso.

No Brasil, há vários pesquisadores desse campo, como Eni Orlandi, uma das estudiosas dos escritos de Pêcheux, referência para esta tese. Ela formula seus estudos, destacando a língua como sistema significante material, e a história como materialidade simbólica, estando, na ordem simbólica, a história e a ideologia (Orlandi, 2012). Atualmente, há muitos estudiosos da AD, como Francine Mazière, Michel Plon e Marie-Anne Paveau, que pesquisam e observam o funcionamento discursivo, além de refletir sobre as histórias da linha para analisar e reformular conceitos, avançando nos estudos discursivos.

Para a Análise de Discurso Francesa, AD, base teórica desse estudo, a linguagem é a mediação necessária entre o homem e a realidade social, por meio do discurso. Por esse motivo, é a linguagem que possibilita a interação significativa, a troca de sentidos compartilhados. E são esses sentidos partilhados socialmente que interessam a esta pesquisa, pois formulam imagens que atravessam a memória discursiva, e são cristalizadas pelos mecanismos discursivos que perpetuam representações, estereótipos influenciando os sujeitos.

Diante dessa perspectiva, a língua é considerada como um fenômeno social, um sistema socialmente construído, que possui estruturas, regras e normas compartilhadas pelos membros de uma comunidade linguística.

No entanto, essa concepção vai além da ideia tradicional de língua como um código estático e normativo, considerando-a como um instrumento de poder e produção de sentido. Já a linguagem, por sua vez, é entendida como uma prática discursiva concreta, em que os indivíduos utilizam a língua para expressar suas ideias, criar significados e interagir socialmente. A AD enfatiza que a linguagem está intrinsecamente ligada ao contexto social, histórico e ideológico em que é produzida. Assim, ao analisar o discurso, é fundamental levar em conta os elementos situacionais, as relações de poder e as formações discursivas que moldam a produção e a interpretação dos discursos.

Nessa direção, a AD destaca esse funcionamento linguístico que é dinâmico, vivo, isto é, a prática da linguagem, propondo o estudo da língua em seu funcionamento, o qual extrapola o nível da sequência linguística, do texto. A língua, para Pêcheux (2015, p.18), é o real específico formando o espaço contraditório dos desdobramentos das discursividades, estando nas condições verbais da existência dos objetos. Vai corresponder a um gesto de leitura de todo processo discursivo que compõe o discurso. Orlandi (2005) define discurso como “efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi,2005, p.21), e a língua como sendo a “condição de possibilidade do discurso” (Orlandi,2005, p.22). Por isso, na AD, a interação entre linguagem e ideologia ocorre considerando a materialidade dos signos e a concepção de formas materiais. Essas formas são opacas e densas em significado, trazendo fragmentos da realidade exterior como elementos constitutivos.

Assim, para essa abordagem, compreender a língua e a linguagem envolve examinar as estruturas linguísticas, as práticas discursivas e os processos de significação em seu contexto social e ideológico mais amplo, buscando compreender como o discurso contribui para a construção e reprodução de relações de poder e significado na sociedade. Há, dando continuidade às reflexões de Pêcheux, seguimentos diversos da análise discursiva que reformulam conceitos, ou direcionam as perspectivas para outros autores. Pela contribuição que os estudos sobre a linguagem tiveram para que a AD fosse pensada, principalmente o Estruturalismo, foi apresentada essa breve explanação para que todo o delineamento da AD possa ser compreendido.

Neste capítulo, será explicitado o percurso dessa linha teórica, de forma resumida, mas desde sua origem, com seus princípios e aportes metodológicos, bem como as noções relevantes para a compreensão de uma análise discursiva pecheutiana. Essa contextualização,

mesmo que já conhecida, faz-se relevante já que há várias linhas para se desenvolver uma análise discursiva, além de haver muitos conceitos que são relevantes para se compreender o dispositivo pecheutiano de análise que, por vezes, é mal interpretado. Então, visando conduzir à compreensão da análise das sequências discursivas selecionadas, assim como das escolhas feitas para o gesto de leitura que será delineado, segue a explicitação do percurso teórico. É importante salientar que há conceitos que foram ressignificados por outros pesquisadores da linha, contudo, esta pesquisa se manterá fiel aos conceitos desenvolvidos por Pêcheux e Eni Orlandi, por entendê-los como mais pertinentes ao que acredito como pesquisadora.

1.2 A Análise de Discurso Francesa

A Análise de Discurso Francesa, AD, surgiu com o objetivo de tecer uma crítica às tendências hegemônicas de fundamentos positivistas na Linguística, por meio da teoria materialista do discurso e dos sentidos. Assim, a AD visa demonstrar como a ideologia é materializada e se manifesta na linguagem, através de mecanismos de determinação histórica dos processos de significação. Seu objeto é o discurso, compreendido como efeito de sentidos. Dessa forma, o funcionamento discursivo, através da relação entre o simbólico e o político, explicita os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Em 1969, Pêcheux lança sua tese *Analyse Automatique du Discours (Análise Automática do Discurso)* – AAD- baseando-se nos conhecimentos obtidos com Althusser⁴ e com seus escritos. A AAD apresenta a proposta epistemológica da AD, evidenciando o caráter discursivo e prático da ideologia. Segundo Pêcheux, “[...] a AAD constitui o esboço de uma análise não-subjetiva dos efeitos de sentido que atravessa a ilusão do efeito-sujeito (produção/leitura) e que retorna ao processo discursivo por uma espécie de arqueologia regular.” (1993, p.170)

Tais pressupostos destacam a relevância da semântica para a análise discursiva, pois vislumbra a palavra em movimento como prática social da linguagem. Isto significa dizer que a linguagem é compreendida em curso, fazendo sentido, buscando refletir as questões de sentido inseridas na relação entre o sujeito, sua linguagem e a historicidade, no funcionamento da língua como efeito de sentido, este regulado no tempo e no espaço da prática humana. Pêcheux explica no texto AAD-69 que

⁴ Louis Althusser (1918-1990) - filósofo franco-argelino e professor de Pêcheux na *École Normale Supérieure*.

[...] o mesmo discurso é tomado pelo sociólogo como uma *parte* de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo *lugar* no interior de uma formação social dada. Em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas: [...]ele (discurso)⁵ deve ser remetido às *relações de sentido* nas quais é produzido[...] o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido⁶ (Pêcheux, 1993, p. 76/77).

Para a teorização, o autor encontra em Althusser, nos textos sobre o Marxismo, o conceito de ideologia, compreendendo o sujeito como assujeitado a uma posição ideológica, pois, nas relações de força, o indivíduo é interpelado como sujeito, atravessado por diversas Formações Discursivas (FDs) e Formações Ideológicas (FIs) que se constituem ao mesmo tempo que o sentido na articulação da língua com a história. Nessa perspectiva, Pêcheux dialoga com a Linguística, com o Marxismo e com a Psicanálise: é concebida pelo materialismo histórico e dialético, incluindo a relação entre a ideologia e o inconsciente, pautando-se no marxismo e na teoria althusseriana de ideologia; pela teoria linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação que materializam o discurso; e a teoria do discurso, como determinação histórica dos processos semânticos e na não transparência da língua.

Ademais, para entender o movimento histórico, não se deve partir do que os sujeitos pensam, dizem, imaginam ou valoram (elementos da superestrutura). O que deve ser considerado é a maneira pela qual produzem os bens materiais necessários à sua vida, uma vez que é nesse campo que se percebe o embate das forças contraditórias entre proprietários e não proprietários e entre estes últimos e os seus meios e objetos de trabalho. Só dessa maneira, é possível compreender o conflito de interesses antagônicos entre as camadas sociais ao longo do tempo. A história precisa ser analisada a partir de fatores materiais, econômicos, técnicos (infraestrutura) e da luta de classes, uma análise material. Eni Orlandi apresenta em seu livro “*Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*”:

⁵ Destaque da pesquisadora.

⁶ Demais destaques em itálico do próprio autor.

O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito (Orlandi, 2005, p. 68).

Além do materialismo histórico, recorre a teoria de ordem psicanalítica não subjetiva do sujeito, uma vez que o sujeito é afetado pelo inconsciente, e, dessa forma, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, constituído e atravessado pela linguagem. Nesse contexto, o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, isto significa dizer que o sujeito não é uno, centrado, mas sim um sujeito cindido, clivado, (de)centrado, não se constituindo como fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, pois, estes processos são determinados pela formação discursiva, na qual o sujeito falante está inscrito.

De acordo com Orlandi (2005), por meio do funcionamento discursivo é possível compreender os sentidos, uma vez que as formações discursivas são os pontos de referência. Em razão disso, palavras iguais podem ter diferentes significados e isso vai depender, exatamente, da formação discursiva em que tais palavras se inscrevem. Esse sujeito, em sua heterogeneidade, é observado na produção de sentidos, no social, uma vez que não está deslocado do mundo. Ele pertence a um tempo, a um lugar, a um espaço determinado, representando, portanto, uma determinada classe, e, em seu discurso, estão implicados interesses e a ideologia de um determinado grupo social. Ele ocupa um lugar social.

Outra questão relevante é que a materialidade específica da ideologia é o discurso, e a materialidade específica deste é a língua. Com isso, a linguagem possui uma relação com a exterioridade, esta entendida não como algo fora da linguagem, mas como condições de produção do discurso que intervêm materialmente na textualidade, como interdiscurso, isto é, como uma memória do dizer que abrange o universo do que é dito. Ela é compreendida como ação, transformação, como um trabalho simbólico em “que tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc.” (Orlandi, 1998, p.17). O discurso significa devido a sua inscrição e ao seu pertencimento a uma dada formação discursiva historicamente constituída. E os sujeitos, os sentidos e os discursos nunca estão prontos, nem muito menos, acabados; a própria "incompletude" é condição e característica da linguagem.

Nesse processo, as condições de produção correspondem ao sujeito, à situação e à memória. Ao falar, o sujeito pensa que é a origem do dizer, no entanto o dizer não é objeto do ser. As palavras significam pela história e pela língua, devido ao funcionamento do

interdiscurso, sempre há um “já-dito” que sustenta a possibilidade de todo dizer, segundo Orlandi (2013). Todavia, a história não é o simples acúmulo e a justaposição de fatos ocorridos no tempo. É o resultado de um processo cuja engrenagem interna é a contradição dialética, abordando a realidade na dependência recíproca e não linear dados acontecimentos. E essa engrenagem da história é a luta de classes. Assim, a discursividade é entendida como a inserção dos efeitos materiais da língua na história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem.

A despeito desses fatos, pensando no sujeito da pesquisa, tem-se o professor como um lugar social, uma posição que segue interesses de um determinado grupo social, de sua categoria, enquanto profissão. Ele se inscreve em uma determinada formação discursiva, mas é atravessado por outras, além da exterioridade que o constitui. Acrescenta-se, ainda, que esse lugar também é atravessado pelo que formou sua história, a memória que é formulada sobre a profissão. Quanto a isso, em sua gênese, a profissão surge pela necessidade do capital de preservar o seu ciclo de reprodução, formando trabalhadores, no caso, quando a classe era a operária, ou, ainda, formar aqueles que eram ricos, proprietários e que precisavam deter o conhecimento.

Nóvoa⁷ (1989) aponta que a profissão também servia como instrumento estatal regulador dos comportamentos, e, nisso, a escola se tornou um Aparelho Ideológico de Estado (AIE). São fatos históricos que dizem na memória discursiva: quando servia a ordem religiosa, objetivando a moralização, e quando passa a ser regulada pelo Estado para servir a seus interesses, ou ainda para manter a ideologia dominante. Relacionado a esse aspecto, Nóvoa (1989) coloca que:

Depois de dois séculos sujeitos a um firme controlo clerical, que não autorizava qualquer tipo de heresia (vejam-se os processos da Inquisição a numerosos professores), o corpo docente vai ser colocado na alçada do Estado, que o manterá debaixo de uma subordinação estrita (vejam -se os processos instaurados aos professores pela governação pombalina): num Estado em que a escola vai passar a funcionar como uma espécie de garante ideológico de uma ordem económica baseada na propriedade privada dos meios de produção e na economia de mercado, a autonomia dos professores não poderia obviamente passar de uma quimera que de resto ninguém alimentava, nem mesmo os próprios professores (Nóvoa, 1989, p.437).

⁷ Antônio Manuel Sampaio da Nóvoa (1954-): doutor em Ciências da Educação e História Moderna e Contemporânea. Pesquisador, autor e professor universitário português, catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e reitor honorário da mesma universidade.

Esse sujeito que é submetido à família, ao social, tem uma posição como sujeito e vai ocupar essa outra por uma escolha ou por algum motivo. Ele vai passar por uma formação e vai ser constituído por discursos e experiências em sua prática social, além das interferências do Estado a serviço da ideologia dominante. Essa posição-sujeito é redefinida, nas práticas sociais, pelas condições de produção do discurso ao qual é submetido, sua formação, suas relações, sua prática profissional. Por esse motivo, compreende-se que o sujeito não se desvincula da ideologia, uma vez que ele é um sujeito socializado, o que significa que ele é afetado por marcas do social, do ideológico e do histórico, em que ora é assujeitado pela ideologia que o domina, ora pelo seu próprio inconsciente, assim reproduzindo tais discursos.

Nesse percurso teórico, para ficar claro o caminho percorrido pela AD, o tópico seguinte destaca os três momentos pelos quais ela passou em seu desenvolvimento, nos quais foram reformulados conceitos e métodos para aprimorar os gestos de leitura discursiva.

1.2.1. As três épocas da AD

A Análise de Discurso Francesa foi desenvolvida por Pêcheux num momento de grandes questões científicas e políticas na França. Ela é pensada, nos anos 60, concebida como um dispositivo de crítica ideológica por meio da leitura objetiva de textos, conforme apresenta Gadet (1993) no prefácio. O próprio Pêcheux escreve um texto em que explica as três fases pelas quais a teoria passou: “A Análise de Discurso: Três épocas”, 1983. No percurso da AD, as três épocas foram um processo de desenvolvimento e complementação dos conceitos que formam essa teoria, por meio de embates teóricos e políticos pautados na articulação entre o discurso, a língua, o sujeito e a História. Em relação à história da AD, Maldidier (2003), pensadora dessa linha, apresenta reflexões sobre o percurso da AD, abordando Pêcheux e sua produção no livro *A Inquietação do Discurso: (RE)LER Michel Pêcheux hoje*. Outro texto que reflete sobre a gênese da AD é o *Análise de Discurso* de Fernanda Mussalim (2003), refletindo a gênese e o percurso de desenvolvimento da AD.

Inicialmente, a primeira fase - AD-1 – é marcada pela publicação do livro *Análise Automática do Discurso (AAD)*, em 1969. Pêcheux (1993[1983], p. 311), inicia o texto “**A primeira época da Análise de Discurso: AD-1 como exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural**”. É apresentado o conceito de maquinaria discursiva, segundo o qual o conjunto de discursos produzidos em um dado momento por um campo do saber é homogêneo e fechado: “um processo de produção discursiva é concebido como uma

máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma.” (Pêcheux, 1993[1983], p. 311). Tomado pela posição estruturalista devido às leituras dos escritos de Saussure e de Harris, de Marx feitas por Althusser e de Freud feitas por Lacan, busca organizar o objeto teórico, ou seja, o discurso. Pêcheux pensou, em primeiro momento, um sujeito submetido à maquinaria discursiva.

A ideia de maquinaria discursiva torna o discurso algo fechado em si, o que faz com que esta fase seja entendida como uma posição “estruturalista”, utilizando a metodologia que derivava do estruturalismo de Harris, uma vez que pretendia analisar a estrutura da frase em máquinas, sendo, então, restrito às máquinas discursivas, porém, ao pensar as relações transfrásticas, põe em evidência aspectos semânticos e histórico-sociais. A ideia do outro, dentro da máquina discursiva, é resultado do mesmo processo de produção do eu, isto é, o outro é produto do mesmo processo discursivo, portanto, se situa como mesmo, perde sua alteridade. Já o outro, localizado em outras máquinas discursivas, que Pêcheux chama de “estrutural”, é impossível de ser aproximado do eu. A aproximação para comparação e análise do eu só ocorre quando este pertence à mesma máquina discursiva, porém, nesta situação, já se torna o mesmo. Nessa fase, o sujeito é conhecido como sujeito da máquina discursiva. Pêcheux afirma que

um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada em si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus “servos” assujeitados, seus “suportes” (Pêcheux, 1993[1983], p. 311).

A segunda fase da AD é apresentada como “**AD-2: da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual**”, e o autor coloca como um período de “deslocamento teórico que abre o segundo período resulta de uma conversão(filosófica) do olhar pelo qual são *as relações* entre as ‘máquinas’ discursivas estruturais”, que na AD-2 “são relações de forças desiguais entre processos discursivos, estruturando o conjunto por ‘dispositivos’ com influência desigual uns sobre os outros”(Pêcheux, 1993 [1983], p. 313/314). Partindo dessa reflexão, ele apresenta a noção de formação discursiva, a qual, segundo ele

[...] a noção de formação discursiva tomada de empréstimo de Michel Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela [...] (Pêcheux, 1993[1983], p. 314).

Nesse momento teórico, é apresentado o conceito de interdiscurso que, de acordo com as palavras de Pêcheux,

É introduzida para designar ‘o exterior específico’ de um FD enquanto este irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada: o fechamento da maquinaria é, pois, conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um ‘além’ exterior e anterior (Pêcheux, 1993[1983], p. 314).

Isso significa dizer que uma FD é o mecanismo responsável por regular aquilo que o sujeito pode ou não dizer numa determinada conjuntura histórico-social. O sujeito é, nesse momento, concebido como uma função que pode desempenhar diferentes práticas dependendo das diferentes posições em que se encontra, em que enuncia, tido como a ilusão do “ego-eu”, causado pelo assujeitamento (pensamento althusseriano) e ilusão subjetiva (baseado na leitura de Spinoza). É um sujeito descentralizado que envolve diferentes discursos e a possibilidade prática de um mesmo indivíduo ocupar diferentes posições num mesmo texto, numa mesma fala. Ou seja, o sujeito do discurso entendido como dispersão, continua sendo concebido como assujeitado, uma vez que será marcado pelas possibilidades estabelecidas pela FD.

A terceira fase da AD é posta pelo autor: **“A emergência de novos procedimentos da AD, através da desconstrução das maquinarias discursivas: AD-3”**. Esse é o momento da crise da noção de maquinaria discursiva, “trabalho de interrogação-negação-desconstrução”, conforme Pêcheux (1993, [1983], p. 315). Ele foca na articulação entre ideologia e inconsciente. Faz uma relação entre estes conceitos e entre a teoria da ideologia e do sujeito no marxismo, emprestado de Althusser. Na perspectiva lacaniana, quando o sujeito fala, sua fala é assujeitada ao domínio do outro. O Outro de Lacan se identifica com o Sujeito em Althusser, o sujeito universal para quem os sujeitos se assujeitam (“o outro sobre o mesmo”). Descarta-se a ideia de homogeneidade enunciativa, trabalhando com o pensamento de heterogeneidade⁸, uma vez que a percepção de que os discursos não são fechados em si, pois

⁸ É importante destacar sobre a heterogeneidade do ato enunciativo os trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz que se situa na corrente neo-estruturalista cuja ocupação é a enunciação e o trabalho com a materialidade linguística. A autora trabalha com a ideia de heterogeneidade constitutiva do discurso (está pautada em dois campos de investigação externos à ciência da linguagem: a Teoria do Dialogismo,

se relacionam com a exterioridade da FD, isto é, com discurso do outro. Também a ideia de interdiscurso e intradiscurso são fortalecidas, segundo o autor

O desenvolvimento atual de numerosas pesquisas sobre os encadeamentos intradiscursivos - 'interfrásticos'- permite à AD-3 abordar o estudo da *construção* dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e dos 'pontos de vista' e 'lugares enunciativos no fio intradiscursivo'⁹ (Pêcheux, 1993[1983], p. 316).

Pêcheux termina seu texto sobre as três fases com vários questionamentos acerca do processo da AD, principalmente, no que diz respeito ao sujeito e à compreensão da memória no discurso, pensando na reformulação e adequação ao que ela pretende como uma forma diferente de "ler" as materialidades. Para Pêcheux (1995), é preciso desestabilizar os significados fixados ideologicamente, observá-los em suspensão e analisá-los com as diversas formações discursivas que os formam. Nesse processo, o trabalho analítico consiste em proceder através da tensão do sentido, entre estabilização e deslize, alcançando, dessa maneira, as próprias modalidades de constituição do sujeito. Diante dessas reformulações, a noção de sujeito é relevante para a teoria francesa, por isso será abordada no próximo tópico.

1.2.2. A noção de sujeito para AD

Conforme a teoria da AD, o sujeito não é pensado como o sujeito empírico, individual, origem do seu dizer. Pêcheux (1988) apresenta o sujeito da AD como o sujeito do inconsciente, é uma invenção da linguagem. A constituição desse sujeito é atravessada por diversos fatores externos a ele. Também não é o centro de seu dizer, uma vez que em sua voz, outras vozes, heterogêneas se manifestam. Pautando-se no pensamento de Althusser, Pêcheux toma o sujeito como efeito ideológico elementar, uma vez que a ideologia, de forma inconsciente, transforma indivíduos concretos em sujeitos concretos através da interpelação

desenvolvida por Bakhtin, e a Psicanálise de Freud e Lacan), ou seja, os conceitos externos à Linguística. Seu foco é a noção de que há uma variedade de vozes que constituem o discurso e, por esse fato, o sujeito. Authier-Revuz tem como base a noção, postulada por Bakhtin, de que não há um discurso original, isto é, de que a nossa fala é sempre perpassada por outras vozes, de que "o outro atravessa constitutivamente o um". (Authier-revuz, 1992/1998)

⁹ Destaques do próprio autor.

por meio da função ideológica dos aparelhos de Estado, entendendo por efeito elementar o fato de a Ideologia sempre existir, mesmo com ideologias múltiplas e históricas, uma vez que é concebida como a representação da relação imaginária do sujeito com o mundo.

Pêcheux (1995) coloca que o caráter da ideologia é o de dissimular sua existência através da criação de um tecido de evidências subjetivas. Não há sujeito sem ideologia e sem o contexto social. Orlandi coloca que “O sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia” (Orlandi,2007, p.3). A evidência do sujeito ocorre pela ilusão que existe na relação que é estabelecida com o outro por meio da língua. Pêcheux (1995 [1988]) explica que

[...] a expressão "instrumento de comunicação" deve ser tomada em sentido figurado e não em sentido próprio, na medida em que esse "instrumento" permite, ao mesmo tempo, a comunicação e a não-comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade, em razão do fato de não se estar tratando, em primeira instância, da comunicação de um sentido (Pêcheux, 1995, p. 93, grifos do autor).

Por outro lado, Lacan também contribui com as reflexões de Pêcheux que define esse sujeito como o sujeito dividido da Psicanálise, o qual é formado pelo Pré-consciente/consciente e pelo Inconsciente. Nessa perspectiva, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, submetendo-se à língua, assujeitando-se a ela, produzindo sentido pelo simbólico na história. Por meio da linguagem, o sujeito vai tomando sua posição, filiando-se a um tipo de discurso, e suas relações sociais formam um imaginário que funciona nesse discurso. Nesse viés, não há um sujeito sem sociedade e sem a ideologia que sempre o interpelará para que se transforme em sujeito. Por isso, trata-se de um *sempre-já* sujeito, uma vez que o indivíduo é inserido nas relações que lhe são estranhas e é interpelado a todo momento para se assumir como sujeito em diversas situações, assumindo essa posição, um lugar social.

Dessa forma, a relação do sujeito com suas condições de existência é vista como o imaginário que faz intermediação pela ideologia que é a condição entre mundo e linguagem, conforme ressalta Orlandi (1994, p.56) “a ideologia é vista como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência.” Tendo em vista tais posições, seguindo o postulado pela psicanálise, não há unidade, pois a constituição do sujeito é atravessada por diversos fatores externos, daí sua pluralidade. Ele é uma invenção da linguagem, que, segundo Pêcheux (1993), se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina, sem ele saber,

caracterizado por Lacan (1964) como o campo do “Outro” ou o “grande Outro”, representado por Pêcheux como “Sujeito”. A AD caracteriza o sujeito do discurso como atravessado pelo discurso do Outro/Sujeito, não sendo autor desse discurso, mas possui o equívoco de sê-lo.

Sob essa ótica, o sujeito não é resultado de suas escolhas pessoais, muito menos resultado da formação do caráter ou da moral. Ele é um *sempre-já* sujeito, que não é um sujeito natural, pois seu estatuto de sujeito depende do assujeitamento a que é submetido através dos Aparelhos de Estado. Por isso, essa teoria é dita como não subjetiva, pois o assujeitamento pela ideologia produz a ilusão de o sujeito ser fonte de seu dizer, acreditando produzir discursos, porém somente os reproduz. Orlandi explica o assujeitamento como

Podemos iniciar dizendo que se é sujeito pela submissão à língua, na história. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Portanto não há sujeito nem sentido sem o assujeitamento à língua. Quando nascemos não inventamos uma língua, entramos no processo discursivo que já está instalado na sociedade e desse modo nos submetemos à língua subjetivando-nos (Orlandi, 2007, p.1).

O processo de subjetivação ocorre pela interpelação do sujeito, através da linguagem, como sujeito ideológico. O funcionamento ideológico se dá pela reprodução das relações de produção que conduz o sujeito a ocupar o seu lugar em uma das classes nas relações de classes, uma tomada de posição. O ser, enquanto indivíduo, é exposto aos mecanismos ideológicos, isto é, ao todo o complexo ideológico que o antecede e o constitui enquanto sujeito. Com isso, tem-se a forma-sujeito, tema da seção seguinte.

1.2.3. A forma-sujeito

Conforme já mencionado, o sujeito é interpelado pela ideologia, por meio da linguagem, e, nessa instância ideológica, as relações sociais se reproduzem. Assim, a forma-sujeito ocorre pelo processo de interpelação-identificação que ele é submetido, o qual Pêcheux coloca como “a evidência de ‘eu sou realmente eu’” (Pêcheux, 1995, p.159). É através dessa evidência que o espaço vazio do sujeito é preenchido. Sendo assim, a interpelação assujeita o indivíduo, identificando-o com a formação discursiva (ou formações discursivas) específica da qual ele faz parte, relações de lugares, a partir das condições de produção da prática discursiva, ocorrendo através dos aparelhos estatais e ideológicos. De acordo com Pêcheux, “Quanto ao sujeito ideológico que o reduplica, ele é interpelado-

constituído sob a evidência da constatação que veicula e mascara a ‘norma’ identificadora[...]” (Pêcheux, 1995, p.159).

Nesse sentido, as formações discursivas existem nas relações de classes, correspondendo aos lugares no interior de um aparelho ideológico e que derivam de condições de produção, das quais os sujeitos falantes fazem parte, materializadas na linguagem (Pêcheux, 1995). Daí a ilusão de que a linguagem é transparente, fato que caracteriza o esquecimento número 2, e o assujeitamento se dá sob a forma da autonomia, que é o fundamento do esquecimento número 1. Assim, toda a prática discursiva opera para que o efeito de sentido constituído produza a ilusão de um sentido único. Esse processo resulta na ilusão de que os sujeitos são a fonte do sentido (ilusão do esquecimento nº 1) e de que têm domínio do que dizem (ilusão do esquecimento nº 2).

Com isso, há a interpelação que assujeita o indivíduo e identifica-o com a formação discursiva específica da qual ele faz parte a partir das condições de produção específicas da prática discursiva, o transformando em sujeito do discurso. Essa interpelação ocorre por meio dos aparelhos estatais, conduzidos pela ideologia. Nos processos discursivos, várias formações imaginárias funcionam e designam os lugares “que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2010, p.82). Os esquecimentos operam abaixo:

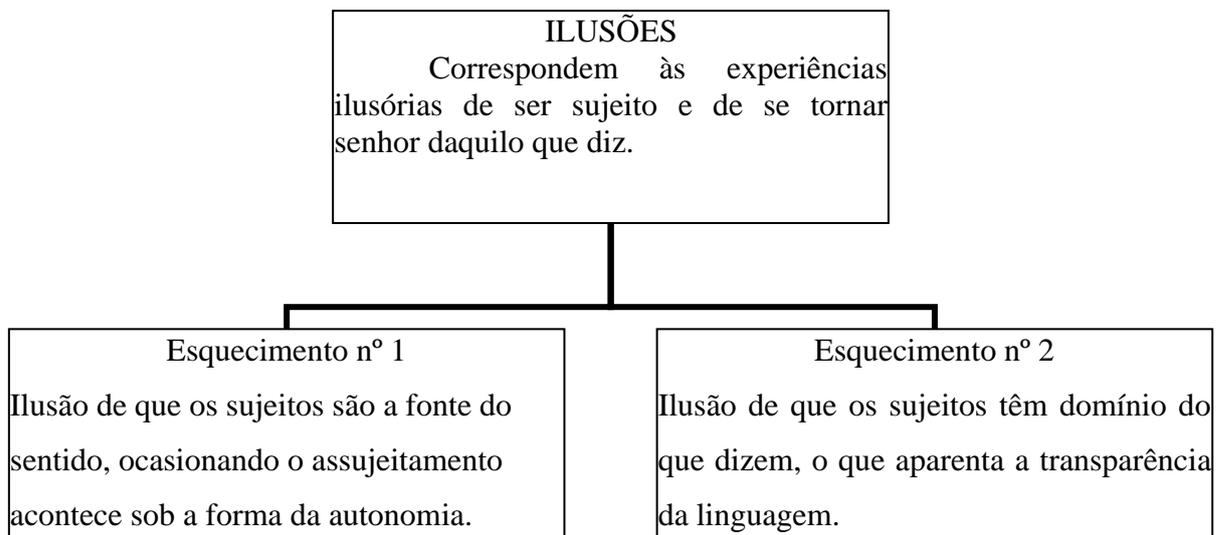


Diagrama 1: esquecimentos (Do Nascimento, 2024).¹⁰

¹⁰ Diagrama feito pela pesquisadora para ilustrar as ilusões propostas por Pêcheux.

Seguindo o exposto em Pêcheux (2010), um discurso é composto por um sujeito A e um destinatário B, os quais se encontram em lugares determinados pela estrutura de uma formação social. Esses lugares estão representados nos processos discursivos e são transformados por eles. Por isso, um discurso não envolve simplesmente troca de informações entre A e B, uma vez que há um jogo de “efeitos de sentido” entre os interlocutores. Esses sentidos seriam produzidos pelo imaginário social, resultado das relações entre poder e sentidos. Consequentemente, esse processo resulta na ilusão de que os sujeitos são a fonte do sentido (ilusão do esquecimento nº 1) e de que têm domínio do que dizem (ilusão do esquecimento nº 2). Mas, o discurso é constituído de várias formações imaginárias, e estas funcionam e designam os lugares “que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2010, p.82). Pêcheux ilustra:

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente	
A {	I _A (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou para lhe falar assim?”
	I _A (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B {	I _B (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para ele me fale assim?”
	I _B (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

Ilustração de Formações imaginárias (Pêcheux, 1993, p.83)

Com isso, a forma-sujeito nunca será o princípio, ou, como coloca Pêcheux, “o ponto de partida”; será, pois, o resultado ou efeito. O “ponto de partida” seria, por sua vez, as “condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” que possibilitaram o desenvolvimento da forma-sujeito, pautado na ideia de que a “ideologia é exterioridade”, e que “a ideologia não possui um exterior” (Pêcheux, 1995, p.180). Explicando como se dão essas evidências, o autor ainda afirma que

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queira dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da

linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (Pêcheux, 1995, p.160).

E, assim, Pêcheux explica o que determina a forma-sujeito:

Diremos, então, que o “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” *constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determinam a dominação da forma-sujeito.*”¹¹ (Pêcheux, 1995, p.160).

O sujeito é tomado como posição, um lugar social, isto é, através da identificação com a forma-sujeito de uma FD, subjetivando-se a medida em que sai da posição de indivíduo do mundo para sua posição no discurso. Essa posição-sujeito é uma posição assumida pelo indivíduo no discurso, uma tomada de posição, sendo esta posição ideológica. Orlandi explica como esse sujeito é constituído:

Em um primeiro momento, temos a interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia, como colocamos mais acima. Esse é o passo para que o indivíduo (que tenho denominado indivíduo em primeiro grau II, bio-psico), afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, assujeite-se, se subjetive. É assim que podemos dizer que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e mestre de si. Daí resulta a forma-sujeito histórica. A partir da forma-sujeito histórica já constituída temos um segundo momento do mesmo processo da constituição do sujeito. Temos agora, em termos sociais e políticos, os diferentes modos de individualização do sujeito pelo Estado, pelas instituições. Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação é agora o Estado – em sua função de articulador simbólico –, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma-sujeito histórica, produzindo seus efeitos nos processos de identificação do sujeito na produção dos sentidos. Nesse passo, o indivíduo não é o indivíduo de origem (II) mas o resultado de um processo referido pelo Estado, que chamamos de indivíduo em segundo grau (I2), constituído pela sua relação com as instituições (Orlandi, 2007, p.1).

Dessa maneira, é através da interpelação que esses indivíduos se transformam em sujeitos e são constituídos pelo “esquecimento” de suas determinações e, ao mesmo tempo, pela identificação com a formação discursiva ou formações discursivas que dá (dão) base à interpelação. Esse sujeito é assujeitado, pois se submete à língua. Ele é produto histórico,

¹¹ Destaques do autor.

efeito discursivo de diferentes formas-sujeito que se mantêm na relação com a historicidade e com as formas de poder. Estão inseridos em uma formação discursiva e perpassados por formações ideológicas pertencentes a elas. Mas, segundo Orlandi (2005, p. 50), “ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que se denomina de assujeitamento.”

Nesse viés, ao ser interpelado ideologicamente, a forma-sujeito pode ou não se identificar com essa “tomada de posição”, com a FD que está atravessado. Daí, essa posição pode se identificar plenamente, pode se contra-identificar, ou pode se desidentificar. Por isso, há três formas de identificação: o bom sujeito - quando há a identificação plena entre o sujeito enunciador e a formação discursiva, o sujeito ocupa plenamente a determinação da forma-sujeito, havendo uma superposição entre eles; o mau sujeito – quando ocorre a contra-identificação, ou seja, o sujeito da enunciação ao tomar a posição sujeito questiona, não aceita completamente as FIs, distanciando-se, da formação discursiva que lhe é determinada pelo interdiscurso; e a desidentificação - quando o sujeito desidentifica-se com a FD que estava inscrito, rompendo com ela para identificar-se com outra FD.

No processo de desidentificação, não acontece a liberdade total, já que a ideologia ainda domina o sujeito (ele ainda é assujeitado) e, ao desidentificar-se, inconscientemente, houve uma identificação do sujeito com outra posição, com outra FD. Fábio Tfouni e Lêda Tfouni (2014, p.118) explicam bem essas modalidades de identificação. Quanto ao “bom” sujeito, os autores afirmam que:

O “bom” sujeito pecheutiano é aquele que segue as regras, que faz o que lhe é pedido. O “bom” sujeito é o produto de um processo de identificação entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal (aquele que detém a verdade, o sujeito da ciência). Esse lugar equivale ao sujeito que está investido do poder de julgar e aplicar as leis (Tfouni, F.; Tfouni L., 2014, p. 118)¹².

Para explicar o “mau” sujeito, os autores citam Haroche (1992):

Haroche (1992), no entanto, aponta para o fato de que o sujeito moderno, submetido ao jurídico, é produto de um paradoxo: ele é livre para submeter-se à Lei. É nesse lugar paradoxal que Pêcheux faz notar o aparecimento do “mau” sujeito que resulta de um processo de contra-identificação, no qual a ideologia mostra seu caráter contraditório (Haroche,1982, Apud Tfouni, F.; Tfouni L., 2014, p. 118).

¹² Destaques em “bom” sujeito e “mau” sujeito feitos pelos autores.

Nessa organização discursiva, é relevante destacar o conceito de lugar social apresentado por Grigoletto: “entendemos o lugar social como ponto de ancoragem para a constituição da prática discursiva” (2008, p. 53). Relativo ainda a esse conceito, “O sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso. Então, é pela prática discursiva que se estabiliza um determinado lugar social/empírico” (Grigoletto, 2008, p. 54).

Em suma, o sujeito é uma posição, um lugar social constituído ideologicamente. Quando o indivíduo é interpelado ideologicamente em sujeito, ele constitui a posição-sujeito, um lugar social, conforme apresentou Pêcheux, em uma estrutura social determinada, há lugares determinados, a subjetividade em ato, relação da língua com a exterioridade. É a relação do sujeito com a língua e com a história que forma esse lugar cheio de significado. Diante dessa compreensão de discurso e sujeito, tem-se a contextualização discursiva para compreender o aporte teórico e metodológico que a AD formula. O próximo tópico apresentará tais formulações.

1.2.4. Formulações teóricas e metodológicas da AD

Como já exposto, a AD trabalha com a compreensão de como a linguagem está materializada na ideologia e de como a ideologia se manifesta na língua, uma vez que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, muito menos os sujeitos e os sentidos estão completos. O discurso é o lugar possível no qual se observa esta relação entre língua e ideologia. Além disso, a língua é suscetível ao equívoco, e, por isso, o sujeito e seu discurso também o são. Orlandi (2001) afirma que o discurso¹³ não é um conjunto de textos, é uma prática social. O texto é a materialidade do discurso, objeto simbólico que produz sentidos, ou

¹³ É importante deixar claro que discurso, para AD, em Pêcheux e em Orlandi, é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos, sendo uma prática social, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por outro lado, para Jacqueline Authier-Revuz (1990), o discurso é um lugar de heterogeneidade enunciativa e o interdiscurso é o conjunto de discursos que se inscrevem em um discurso dado e que o constituem. Apesar de a teoria de Authier-Revuz ser utilizada pelos estudos discursivos contemporâneos, neste trabalho, a teoria base está pautada nos conceitos da AD, seguindo o dispositivo teórico e analítico de Pêcheux e Orlandi.

seja, uma unidade de sentido em relação as condições de produção, e, para analisá-lo, é preciso identificar a posição daquele que o escreve, a exterioridade que o constitui, a formação social em que está inscrito e sua possível intenção nesse enunciado, qual sua regularidade nos processos de sua produção. Dessa forma, percebe-se o que ele disse; o que ao dizer, negou; sua posição ideológica e sua intenção argumentativa. A questão da AD é saber como um texto, materialidade discursiva, significa por meio de um gesto de leitura.

Outrossim, é relevante compreender que o discurso acontece sempre no interior de outros discursos, com os quais estabelece correlações, deslocamentos, vizinhanças. Por isso, o objeto da AD possui interdiscursividade, ou seja, as redes de memórias que produzem os sentidos em um momento histórico. Para analisar o discurso, deve-se investigar as condições complexas (da linguagem e da história) nas quais um enunciado foi realizado, condições que lhe dão uma existência específica. Tal existência faz o discurso despontar, relacionado com um domínio de memória, como posições possíveis para um sujeito, como elemento de coexistência, como materialidade repetível.

Nessa ótica, a Formação Discursiva (FD) é compreendida como uma relação de enunciados regulares, em relação à linguagem, que são mobilizados em assuntos e posições ideológicas na produção do que é dito. Em outras palavras, é um conjunto de saberes que definem algo, pois não é possível pensá-lo de forma estática, já que tal objeto está passível ao acontecimento, à sistematização e à relação que esse objeto, enquanto enunciação, estabelece com os domínios de memória e do acontecimento. Pêcheux conceitua Formação Discursiva como

Aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição de um programa etc.) (Pêcheux, 1995, p.160).

Pela ideologia, são produzidas, no discurso, as evidências que possibilitam a relação imaginária entre o homem e suas condições materiais de existência. A ideologia, através do uso, do hábito, designa o que é e o que deve ser através da língua. As palavras recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Isto significa que os sujeitos são interpelados em sujeitos-falantes, sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam as formações ideológicas a elas correspondentes na linguagem, compreendendo a Formação Ideológica (FI) como um conjunto de atitudes e representações que não são individuais nem universais, porém se relacionam às posições de classe e são suscetíveis de

interferir no embate entre diferentes forças na conjuntura ideológica representativa de uma formação social.

As formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto componente e determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma associação de lugares no interior de um aparelho ideológico (escola, igreja, família etc.) e inscrição numa relação de classes. Este processo permite a manutenção da ideologia que possibilita as “evidências de identificação e faz com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’” (Pêcheux, 1995, p.160). A ideologia, pois, não possui um exterior para si mesma, mas é exterioridade para a realidade. E o ponto de partida para se compreender esse aspecto está nas condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção que dão origem a forma-sujeito. Para o autor, só há ideologia pelo e para o sujeito.

Acerca desses conceitos norteadores, a AD destaca as condições de produção em que os discursos são produzidos. As condições de produção correspondem ao contexto social, político e histórico em que o discurso é produzido, as relações de poder entre os sujeitos e as formações ideológicas que permeiam o discurso. Ademais, estas condições são atravessadas pelas condições ideológicas da “reprodução/transformação” das relações capitalistas de produção, baseadas na divisão de classes. Essas relações de “reprodução/transformação” acontecem pela ideologia através de práticas sociais. As condições de reprodução/transformação são constituídas num dado momento histórico, para uma dada formação social pelo conjunto de Aparelhos Ideológicos de Estado, conceito de Althusser (1987), que a ideologia dominante se realiza, torna-se dominante.

A dominação da ideologia ocorre pelo desmembramento em diferentes “objetos” ideológicos como família, religião, justiça etc. Esse desmembramento divide o sujeito e impossibilita-o de ter acesso às condições de produção, favorecendo à relação desigualdade-subordinação. Pêcheux explica que

[...]o sistema das ideologias teóricas próprio a uma época histórica dada, com as formações discursivas que lhes são correspondentes, é, em última instância, determinado pelo todo complexo com dominante das formações ideológicas em presença (isto é, o conjunto dos aparelhos ideológicos de Estado). Isto significa que as contradições que constituem o que chamamos *as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção* se repercutem, com deslizamentos, deslocamentos, etc., no todo o complexo das ideologias teóricas sob a forma de *relações de desigualdade-subordinação que determinam os “interesses” teóricos em uma luta numa conjuntura dada*, e isso tanto no período que precede o

começo histórico de uma ciência quanto durante o desenvolvimento sem fim que esse começo inaugura¹⁴ (Pêcheux, 1995, p.191).

Nessa explicação, o autor define o “todo complexo com dominante”, relacionando o sistema das ideologias às condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção e a forma de relações de contradição-desigualdade-subordinação, reproduzida e reforçada pelos aparelhos ideológicos.

Outro conceito é processo discursivo, definido pelo autor: “passará a designar o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinónímias etc., que funcionam entre elementos linguísticos- “significantes” - em uma formação discursiva dada” (Pêcheux, 1995, p.161). Assim é o efeito ideológico que proporciona a evidência de que o sujeito é origem do que diz, e que tem controle do que diz, as evidências da “transparência da linguagem”, fato contestado pelo filósofo. Essa transparência, na verdade esconde a opacidade da linguagem. O sujeito e o sentido se constituem pela interpelação. Segundo Pêcheux, “o ‘não sujeito’ é interpelado-constituído em sujeito pela ideologia” (Pêcheux, 1995, p.155). Ainda sobre esse aspecto, o autor coloca

Primeiramente, trata-se da evidência do sujeito como único, insubstituível e idêntico a si mesmo: a resposta, absurda e natural; “sou eu!” à questão “quem é?” faz eco a observação que fizemos acima (pp.101-2) - a saber, que é “evidente” que eu sou a única pessoa que poderia dizer “eu” ao falar de mim mesmo; dizíamos também que essa evidência oculta alguma coisa, que escapa a Russell e ao empirismo lógico (Pêcheux, 1995, p.155).

Pêcheux caracteriza a interpelação como uma espécie de “efeito Münchhausen”, ou seja, uma vez que todo indivíduo interpelado pelo discurso ideológico é “sempre já sujeito”, um “efeito circular” ou “retroativo” é produzido. Ele ilustra esse conceito descrevendo a estória da figura do barão de Münchhausen, que, conforme a lenda, alçou a si mesmo de dentro de um pântano em direção ao ar, com “toda a força de um braço puxando seu próprio cabelo”. Seguindo esse viés, coloca-se a noção de pré-construído, que, para o filósofo, “consistiria numa discrepância pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente” (Pêcheux, 1995, p.155).

Essa alusão é feita para explicar o processo de interpelação no qual o sujeito tem a ilusão de ser a fonte de seu dizer, a origem do seu discurso, fato indicativo de que, na constituição do sujeito do discurso, tem-se que o sujeito é social, interpelado pela ideologia, mas pensa ser livre, individual, dono de seus pensamentos, como também que o sujeito é dotado de inconsciente, contudo acredita estar o tempo todo consciente. Sendo assim, o pré-construído é a modalidade do discurso em que o indivíduo é interpelado em sujeito, num

¹⁴Os destaques estão presentes no texto do autor.

processo de interpelação-identificação. Esse conceito propicia que a ideia de “transparência da linguagem” seja desfeita, pois essa contradição aparente, relativa à formulação de que os sujeitos aceitam como evidente o sentido do que eles ouvem, dizem, leem e escrevem como “sujeitos falantes”, sendo origem.

É dessa maneira que o discurso se constitui pelo interdiscurso, uma vez que todo discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na sociedade. Conforme Pêcheux (1995, p.162), o interdiscurso é “‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas.” Em outras palavras, o interdiscurso é tudo que pode e deve ser dito e se realiza na relação a outro discurso, estabelecendo-se numa formação ideológica dada, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes.

Orlandi (2005) diz que, em todo dizer, convergem a memória (constituição) e a atualidade (formulação), movimento do qual saem os sentidos, e define que “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (Orlandi, 2005, p. 32/33). E, ainda, Orlandi (2005) diz que o interdiscurso é a “memória histórica”, o “saber discursivo”. Desse modo, um discurso é constituído por várias formações discursivas que, por meio do interdiscurso, coloca o que pode e não pode ser dito.

As FDs dependerão das condições de produção (sentido estrito ou contexto imediato e o sentido amplo ou contexto sócio-histórico-ideológico) que correspondem ao contexto sócio-histórico e ao imaginário produzido pelas instituições, sobre o já-dito, sobre a memória. Em Orlandi (2005), o interdiscurso ou memória do dizer é definido como o exterior constitutivo do discurso que é responsável pelos sentidos que provêm de outro lugar. Por isso, está associado ao eixo da constituição, denominado pela autora como eixo vertical, no qual estariam os dizeres já ditos, esquecidos, representantes do dizível.

No pré-construído, pode-se verificar o interdiscurso, o “sempre-já-aí”, voltado à paráfrase. Por outro lado, articulação é a relação do sujeito com o sentido, representando, no interdiscurso, o que determina a dominação da forma-sujeito. Também é relevante para esse mecanismo o conceito de intradiscurso que é o funcionamento do discurso com relação a si mesmo, o qual está no eixo horizontal e é associado à ideia de formulação, “isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas” (Orlandi, 2005, p.33). Pêcheux define como “o conjunto dos fenômenos de “correferência’ que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito” (Pêcheux, 1995, p.166).

Atinente a esse aspecto, o autor apresenta a noção de memória discursiva no texto *Papel da Memória* (2015, p.46):

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 2015, p.46).

No entanto, Michel Pêcheux, pautando-se em Pierre Achard, sociolinguista e analista de discurso, diz que os implícitos são, na verdade, um efeito de série produzido através da repetição que criaria uma “regularização” (termo designado por Achard), e os implícitos residiram nesta regularização “sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase (que podem a meu ver conduzir a questão da construção dos estereótipos)” (Pêcheux, 2015, p.46). O analista explica o conceito de regularização discursiva, explanando que essa regularização se inclina a formar uma “lei da série do legível”, que é sensível ao peso do acontecimento discursivo novo. A tendência da memória é incorporar o acontecimento, inserindo-o em uma regularidade preexistente, tornando-o previsível e adequado. Contudo, quando o acontecimento “provoca interrupção”, consegue atravessar a memória, ele desloca e desregula os implícitos associados à sequência de enunciados que tenta adequar. Memória e acontecimento se confrontam. Com efeito, o autor afirma que

Haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento:

- um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo;
- mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos” (Pêcheux, 2015, p.47).

Isso indica dizer que, por um lado, o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever, e, por outro, o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido. Pêcheux (2015) destaca que a repetição tem o efeito material de assegurar o espaço da estabilidade, como também pode caracterizar uma cisão da identidade material de determinada palavra ou enunciado; ou seja, sob o “mesmo” da materialidade da palavra há outra possibilidade de articulação discursiva que é o jogo da metáfora, definido pelo autor como “uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (Pêcheux, 2015, p.47). Pêcheux define como efeito de

opacidade, esse processo de divisão entre “o mesmo e o diferente”, entre a paráfrase e a metáfora, assinala o momento em que os implícitos não podem mais ser reconstruíveis.

Já Orlandi (2005, p.31) afirma que a memória discursiva é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Isso corresponde ao já-dito, aos sentidos a que já não se tem mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e formam o sujeito, sem que este se dê conta. Por isso, pode-se entender a memória discursiva como os dizeres já ditos, a constituição dos sentidos, retomados no intradiscurso que é a formulação, o que é dito em um momento dado, e, condições dadas.

Nesse mecanismo de funcionamento, pela memória, o discurso é constituído por formações imaginárias, as quais permitem a passagem de situações empíricas para as posições ocupadas pelos sujeitos no discurso. No discurso, a posição-sujeito é que significa em relação ao contexto sócio-histórico e à memória, ao já dito, isto é, ao saber discursivo. Assim sendo, o discurso-outro emerge via pré-construído, produzindo efeitos de sentido. Os conceitos apresentados são relevantes na tessitura deste trabalho, por isso foram explanados detalhadamente, repetidos no texto, apresentando a linha de sentido que conduz a análise proposta.

Acrescenta-se, ainda, que Pêcheux, no texto “*Ler o Arquivo Hoje*”¹⁵, 1982, reflete a construção do arquivo e de sua leitura, observando a materialidade da língua e a divisão dos saberes na história. O autor faz uma reflexão sobre a leitura do arquivo tanto no contexto literário quanto no contexto científico. Essa reflexão parte da ilusão da opacidade da linguagem, além da materialidade da língua tida como algo qualquer. Ele destaca a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história para a leitura do arquivo hoje. As diversas formas de leitura são caracterizadas pelas formas de trabalho sobre o arquivo que é compreendido como conjunto de documentos relacionados e disponíveis sobre determinado fato, questão. Em uma nota desse texto de Pêcheux há a explicação de que “os textos de arquivo são fontes que permitem, por uma organização apropriada, o conhecimento do referente, das estruturas sociais” (1994, p.65).

Trabalhar o arquivo deve partir da relação do arquivo com ele mesmo, numa relação com a memória histórica. É na discursividade que se encontra a inscrição de efeitos

¹⁵ Artigo publicado no livro, organizado por Eni P. Orlandi, intitulado “Gestos de Leitura- da História no Discurso”, 1994.

linguísticos materiais na história. Para o filósofo francês, a atual conjuntura, “nos encontramos diante de uma nova divisão do trabalho intelectual, cujas consequências repercutirão diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória histórica” (Pêcheux, 1994, p.59). É essa memória histórica que possibilitará a leitura interpretativa proposta pela AD. Segundo Pêcheux (1994)

É a existência desta *materialidade da língua na discursividade do arquivo* que é urgente se consagrar: o objetivo é o de desenvolver práticas diversificadas de trabalhos sobre o arquivo textual, reconhecendo as preocupações do historiador tanto quanto as do linguista ou do matemático-técnico em saber fazer valer, face aos riscos redutores do trabalho com a informática- e, logo, *também* nele- os interesses históricos, políticos e culturais levados pelas práticas de leitura de arquivo (Pêcheux, 1994, p.63)¹⁶.

Ainda em relação ao sentido de interdiscurso e de memória discursiva, Orlandi (2012), no texto “*Texto e Discurso*” aborda sobre estes dois conceitos, destacando a relevância de diferenciá-los para que os outros postulados sejam compreendidos. Em princípio, a autora faz a relação entre as palavras, o texto e o sentido:

Passando, pois, para a minha filiação teórica específica, eu diria que as palavras não significam em si. É o texto que significa. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa (Orlandi, 2012, p.111).

Portanto, o que significa são as relações estabelecidas entre esse texto e o discurso materializado nele. O texto deve ser analisado como materialidade histórica, observando a relação sujeito e sentido. Ainda discorrendo sobre texto, Orlandi enfatiza as relações deste com sua historicidade no processo discursivo:

Dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada — embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira — pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer) (Orlandi, 2012, p.112/113).

¹⁶ Destaques em itálico do próprio autor.

Diante dos conceitos expostos, Orlandi (2017) explicita a diferença entre interdiscurso e memória, os quais serão apresentados esquematicamente abaixo:



Diagrama 2: Memória (Do Nascimento, 2024)

Assim, a memória constitutiva corresponde ao interdiscurso e a memória institucionalizada corresponde ao arquivo, de acordo com a explicação de Orlandi (2005, p.48). Também pela ideologia que o efeito de desconhecimento dos sentidos é reiterado por meio de processos discursivos que são observáveis na materialidade linguística. Orlandi (2005, p.47) explica que “a ideologia não é ocultação, mas função necessária entre língua e mundo”. Toda a prática discursiva opera para que o efeito de sentido constituído produza a ilusão de um sentido único. Esse movimento de sentidos é materializado discursivamente, um processo simbólico que atravessa as representações imaginárias de posições sujeito em diversos lugares sociais.

Na ordem discursiva, percebe-se que o funcionamento da linguagem está sempre no limite entre “o mesmo e o diferente”. Ao tomar a palavra, há um percurso entre “o já dito” e “o a dizer” que significa, que move os sentidos. E nesse funcionamento da linguagem são utilizados dois processos: o parafrástico e polissêmico. Desse modo tem-se o “retorno ao espaço do dizer” e “deslocamento, ruptura de processos de significação” (Orlandi, 2005, p.36). A formação discursiva é um sistema de paráfrases, ou seja, de constante retomada e reformulação dos enunciados, como forma de preservar sua identidade, são as várias formas de retorno aos espaços do dizer, uma vez que, na conjuntura, ela é o que pode e deve ser dito, ou seja, o que tem que ser.

Como resultado, a paráfrase é o sentido já existente, é a retomada daquilo que já fora dito, que está sedimentado. Por outro lado, o polissêmico é o deslocamento, os múltiplos sentidos possíveis. É a tensão constante estabelecida pela relação homem/mundo, pela intromissão da prática e do referente na linguagem. Conclui-se, desse modo, que a paráfrase (a repetição do mesmo, sentido estabilizado) é condição primeira para que a polissemia (a ruptura, a inauguração de um sentido outro) se efetive. Dito de outra maneira, é a constituição de um novo sentido, é a relação que o autor faz entre o que já se conhece com sua formação ideológica a partir do seu interdiscurso. Por isso a paráfrase é importante, pois é do sentido existente que se forma o novo, o polissêmico. Nesse processo, ocorre uma tensão entre o “mesmo e o diferente”, todavia tanto a paráfrase quanto a polissemia precisam ser objetos de reflexão sobre a linguagem.

Por essa formulação, percebe-se como a relação imaginária do sujeito com a transparência dos sentidos se define pelas evidências da realidade a qual está exposto, apagando o fato de que o sujeito resulta de um processo, como também se define pelo que se instaura como sendo uma ordem própria do significante. Nisso, a realidade imaginária desarticula a identificação com o outro através das repetições (paráfrases), dos deslocamentos (processos metafóricos) e da multiplicidade (polissemia). Pêcheux reflete sobre esta relação, escrevendo sobre o acontecimento discursivo em “*O discurso: estrutura ou acontecimento*”, (2015). Para ele, a estrutura é o repetível (a paráfrase), e o acontecimento (a polissemia), sendo o discurso é simultaneamente estrutura e acontecimento. Essa relação entre discurso e exterioridade que possibilita que os sentidos sejam múltiplos e variem. E, pelo uso regulamentado, pode haver a sedimentação dos sentidos pela história.

Nessa direção, a memória discursiva seria esse acontecimento que constituiu o discurso, prática simbólica, como objeto. E, nos processos discursivos, a observação da relação entre língua e discurso, na materialidade simbólica, permite a análise dos mecanismos metafóricos e os efeitos metafóricos que são produzidos. E, Orlandi, citando Pêcheux, conceitua efeito metafórico: “O efeito metafórico, nos diz Pêcheux (1969), é o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que este deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo tanto do sentido designado por x como por y” (Orlandi, 2005, p.78). Ainda conforme a autora, “o mesmo e o diferente” são afetados por esse efeito, pois são produção histórica (Orlandi, 2005, p.79). Para melhor compreensão, Tartaglia (2018) apresenta essa ilustração, em seu trabalho, da memória discursiva, a qual é apresentada, visando demonstrar a correlação que formula a MD:



Figura 1: Memória discursiva em Pêcheux

Fonte: Tartaglia (2018)

Figura 4 Memória Discursiva segundo Tartaglia (2018)

Dessa forma, é pertinente entender o sentido de compreensão para esta teoria, uma vez que ela objetiva interpretar como os objetos simbólicos produzem sentido. Um sujeito é interpelado pela ideologia na interação social por meio do simbólico. Ele vai ser atravessado pelo meio em que vive, pelas condições de sua existência. Um professor é alguém que veio de um lugar, de uma família, de uma cultura, mas que também vai sofrendo a metamorfose, de acordo com o que Ciampa (1987) coloca. Nesse processo, várias FDs vão formar esse sujeito que pode ou não a aceitar. Ele vai constituir sua identidade nesse contato com as formações imaginárias que tem contato, conforme suas condições de existência, e, seguindo a ilustração, sua memória pode atualizar os pré-construídos, renovando sentidos, ou pode haver o deslocamento por meio do acontecimento discursivo. E no processo de significação, Orlandi (2012, p.114) expõe que “a leitura é produzida em condições determinadas, ou seja, em um contexto sócio-histórico que deve ser levado em conta.” Dessa forma, a leitura e o texto têm sua história, e diversas leituras podem ser possíveis; há leituras previstas para um texto, e, dessa forma, interpretações que ele provocou: no sujeito, na sociedade, no Poder. O real da história deve ser observado, o real do acontecimento nas malhas do imaginário, que não vê ou silencia o caráter político da manifestação.

À mostra do sentido de compreender, é relevante destacar o sentido de interpretar para AD. E, nesse jogo ideológico, o conceito de compreensão é relevante. Ainda em Orlandi, tem-se que:

Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciando, texto, pintura, música etc.) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso a um sentido. A compreensão procura a

explicitação dos processos de significação presentes no texto e permitem que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem (Orlandi, 2005, p.26).

É na interpretação que os processos parafrásticos e polissêmicos ocorrem. Então, para a autora (2005, p.78), “a interpretação é constitutiva da língua. E onde está a interpretação está a relação da língua com a história para significar.” Assim, uma ilustração do funcionamento discursivo está apresentada em Orlandi, resumindo o processo:

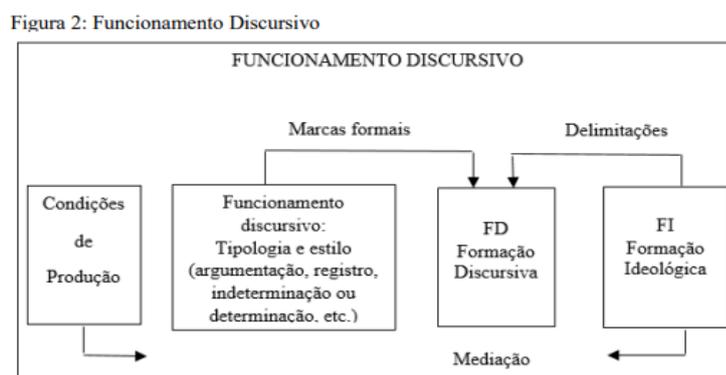


Figura 5: Funcionamento Discursivo conforme Orlandi (2011, p.132).

O funcionamento discursivo será composto pelas condições de produção e pelas FIs que vão mediar e delimitar as FDs que o constituem. No gesto interpretativo, esse funcionamento significa, pois também são observadas as marcas formais da estrutura textual do discurso. Diante do exposto neste tópico, contextualiza-se o aporte teórico-metodológico da AD, seguindo os conceitos e direcionamentos pecheutianos e os de Orlandi. Essa abordagem é a base que dará subsídios a este trabalho, corroborando com a reflexão e análise feitas no *corpus*.

Por isso, faz-se necessário apresentar tal mecanismo para que se perceba a relevância da compreensão pela AD, de como um gesto de interpretação que considere as relações materiais de poder possibilita um olhar não ingênuo da formação do sujeito enquanto posição social, enquanto tomada de posição. Claro que há outras possibilidades de leitura, tendo como base o próprio conceito de leitura e interpretação da AD, todavia este é apenas um gesto que foi delineado sobre o tema. No próximo capítulo, o conceito de identidade será o foco, bem como as reflexões que são feitas sobre o tema, trabalhando numa interface entre AD, Psicologia Social e Estudos Culturais.

2. CAPÍTULO 2: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE – CONFLUÊNCIA DE SENTIDOS

Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose (Ciampa, 1984, p.74).

A identidade, como conceito multidisciplinar, reflete a complexidade das interações humanas e das percepções individuais dentro de um contexto social em constante mudança. Os trabalhos de Stuart Hall (2001) e Zygmunt Bauman (2005), por exemplo, exploram a identidade como uma construção social fluida, influenciada por cultura, história e poder. Claude Dubar (2005) foca na identidade profissional, enquanto pesquisadores da Psicologia Social, como Ciampa (2001), examinam a identidade pessoal e sua evolução ao longo da vida. Na área discursiva, Coracini (2007) e Citelli (2012) discutem a identidade linguística e como ela é moldada pela comunicação e pela interação social. Pêcheux (1993; 1995) e Orlandi (2012), por sua vez, investigam a relação entre linguagem, sujeito e ideologia. Esses estudos são fundamentais para entender como os sujeitos se veem e são vistos pela sociedade, especialmente em uma era de globalização e digitalização, na qual as identidades são cada vez mais plurais e dinâmicas.

Efetivamente, a identidade, como um mecanismo simbólico, é constituída pela linguagem e pelos sistemas de símbolos que permeiam a sociedade. Ela se constitui da percepção individual como também da coletiva, estruturando a maneira como os sujeitos se relacionam entre si e com suas profissões. As representações imaginárias são fundamentais na reprodução de imagens e na construção de lugares sociais, influenciando desde a autoimagem até as dinâmicas sociais mais amplas. Nesse processo, a linguagem desempenha um papel crucial, pois é através dela que os significados são negociados e os conceitos de identidade são continuamente redefinidos. Assim, a representação e a identidade estão intrinsecamente ligadas, formando um ciclo contínuo de influência mútua e evolução.

Após a terceira fase da AD, o sujeito é entendido como um sujeito dividido, clivado e heterogêneo; e, o outro, o desconhecido e o inconsciente passam a fazer parte de sua identidade, através de uma primazia sobre o que é igual, fato descrito por Pêcheux (1993a) como alteridade na identidade discursiva. Refletindo as questões ideológicas, Pêcheux explica que pelo efeito do simbólico, a norma identificadora determina os lugares sociais de cada sujeito sob efeito ideológico elementar. Ainda o autor afirma que “quanto ao sujeito ideológico que o reduplica, ele é interpelado- constituído sob a evidência da constatação que veicula e mascara a ‘norma’ identificadora[...]” (Pêcheux, 1995, p.159). O lugar social vai

carregar memórias, interdiscursos que reproduzem efeitos de sentido e criam identidades. Os sentidos hegemônicos na sociedade ajudam a ressaltar os sentidos produzidos, e com os quais os sujeitos podem ou não se identificar, que pertencem ou não a situação de produção, e, com isso, participar do que é coletivo, ou considerado comum.

Outrossim, a identidade é marcada pela historicidade e pelo lugar social de cada sujeito, uma vez que, ao inscrever-se em um discurso, ou formação discursiva, sob o efeito ideológico, esse sujeito é afetado pelas marcas desse lugar social por ele ocupado. Esse movimento de se pensar a questão identitária e sua construção na historicidade, observando as formações imaginárias que podem constituir as identidades, e os deslocamentos causados pelo funcionamento da memória presentes nas condições sócio-históricas, permitem ou não a identificação de um sujeito a determinada ideologia. Esse mecanismo é relevante para perceber os efeitos de sentido que atravessam um sujeito por meio da língua, retomando FDs, num movimento de sentidos polissêmicos. Assim,

Os processos de identificação em relação à(s) língua(s) são constitutivos do sujeito da linguagem, participando da subjetivação no que diz respeito às línguas, bem como à relação que aí se estabelece dos sujeitos com a linguagem, configurada por interdições e por injunções a uma língua e não a outra, a um modo de dizer e não a outro (Payer, 2013, p.189).

Atinente ao conceito Identidade pelo viés psicológico, tem-se com Ciampa¹⁷ (2001, p.128) que a “Identidade é metamorfose. Metamorfose é vida.” O psicólogo entende identidade como metamorfose, ou seja, vida em constante transformação, por seu caráter dinâmico e seu movimento, pressupõe uma personagem formada pela, provisoriamente, intersecção entre a história, o contexto histórico e social e os projetos de uma pessoa. Isso significa que a identidade não é algo pronto, acabado, mas algo que está em um contínuo processo. O estudioso se baseia teoricamente no materialismo histórico e no método dialético em suas pesquisas, classificando a identidade como categoria da Psicologia Social, transformando o percurso que esta área do conhecimento seguia. Nessa perspectiva, no livro

¹⁷ Antônio da Costa Ciampa (1937- 2022) - psicólogo brasileiro, doutor em Psicologia Social pela PUC-SP. Considerado precursor da consolidação e profissionalização da Psicologia como ciência e profissão no Brasil.

“*Psicologia Social: o homem em movimento*”, Silvia T.M. Lane¹⁸ (1989), também da Psicologia Social, explica o caráter materialista e dialético de estudar o homem:

A consciência da reprodução ideológica inerente aos papéis socialmente definidos permite aos indivíduos no grupo superarem suas individualidades e se conscientizarem das condições históricas com uns aos membros do grupo, levando-os a um processo de identificação e de atividades conjuntas que caracterizam o grupo como unidade. Este processo pode ocorrer individualmente e constataríamos o desenvolvimento de uma consciência de si idêntica à consciência social. Na medida em que o processo é grupal, ou seja, ocorre com todos os membros, ele tende a caracterizar o desenvolvimento de um a consciência de classe, quando o grupo se percebe inserido no processo de produção material de sua vida e percebe as contradições geradas historicamente, levando-o a atividades que visam à superação das contradições presentes no seu cotidiano, toma-se um grupo-sujeito da transformação histórico-social (Lane, 1989, p.17).

Ciampa faz parte dos estudos de Psicologia Social Crítica, pensados por Sílvia Lane na década de 80, na PUC, em São Paulo. Junto a outros seguidores de Lane, continuou tais estudos, sendo chamados de Escola de São Paulo, trabalhando sob a perspectiva de uma psicologia social comprometida com a realidade brasileira e associada a práxis cotidiana. De acordo com Lane (1989), a atividade teórica é uma prática que deve ter o compromisso com as questões sociais e com os dilemas pessoais existentes no contexto de comunidades e países específicos. E os estudos de Ciampa versam nessa perspectiva. Em “*A estória do Severino e a história da Severina*” (1987), ele explica esse processo de formação da identidade através de duas histórias, demonstrando como a identidade vai se transformando com a experiência vivida, sendo esta experiência a personagem, isto é, a personagem seria a vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura, o que é fundamental na construção

¹⁸Silvia Tatiana Maurer Lane (1933-2006) - Professora, precursora da Psicologia Comunitária, sócio-histórica, fundou a Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, além de coordenar a Faculdade de Psicologia da PUCSP, sendo professora de Ciampa. Mais informações: <https://site.cfp.org.br/psicologia-perde-silvia-lane/>; e em: SOUSA, Esther Alves de. Silvia Lane: uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 225-245, 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100018&lng=pt&nrm=iso Acesso em 21 julho de 2023.

identitária. Sendo assim, a identidade é representada pela reificação¹⁹ da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo independente da atividade. As diferentes maneiras de se estruturar as personagens resultam diferentes modos de produção identitária. Portanto, identidade é a articulação entre igualdade e diferença.

Sendo assim, a identidade se transforma e vai se concretizando por meio das relações sociais que o indivíduo estabelece, por isso o sujeito se transforma permanentemente em um contexto histórico. Ciampa (1987) afirma que a metamorfose expressa a vida, constituindo-se como um processo dialético intrínseco ao desenvolvimento, de maneira consciente ou não. Nesta concepção, o processo de construção da identidade ocorre no decorrer da vida, através de combinações de igualdade e de diferença, em relação a si próprio e aos outros, que constituirão a história do sujeito. O nome é um exemplo, pois vai diferenciar como sujeito, particularizando-o. Por outro lado, o sobrenome assimila e iguala aos familiares, tornando-o sujeito membro de um grupo.

Sendo a identidade movimento, transformação, é vista como “se dando”. Esse processo de afirmação da identidade e da marcação da diferença ocorre nas atividades de incluir e excluir. A identidade e a diferença demarcam sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre aquele que está incluído ou aquele que está excluído, pois ao dizer “eu sou” já difere do que “não sou”. Quando a identidade é afirmada, demarcam-se fronteiras, fazendo distinção entre o que fica dentro e o que fica fora (Silva, 2004). Nesse processo, a construção identitária é simbólica, pois dá sentido a práticas e a relações sociais, uma vez que é no social que se percebe a diferenciação nas relações. A busca para afirmar as diferentes identidades provoca causas e consequências materiais. Como sujeitos sociais, ao assumir uma posição

¹⁹ Conceito de Reificar: FILOSOFIA

1. Segundo Georg Lukács 1885-1971, alargando e enriquecendo um conceito de Karl Marx 1818-1883, processo histórico inerente às sociedades capitalistas, caracterizado por uma transformação experimentada pela atividade produtiva, pelas relações sociais e pela própria subjetividade humana, sujeitadas e identificadas cada vez mais ao caráter inanimado, quantitativo e automático dos objetos ou mercadorias circulantes no mercado.

2. Qualquer processo em que uma realidade social ou subjetiva de natureza dinâmica e criativa passa a apresentar determinadas características - fixidez, automatismo, passividade - de um objeto inorgânico, perdendo sua autonomia e autoconsciência.

<https://www.google.com/search?q=reifica%C3%A7%C3%A3o&oq=&aqs=chrome.0.35i39i362l8.409772243j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8> - Oxford Languages, acesso em 18/07/2023.

sujeito, a identidade estará constituída pelas relações econômicas e políticas de subordinação e dominação. Observando esse aspecto, Woodward (2009) explica essa relação entre a identidade e a conjuntura social:

As identidades são produzidas em momentos particulares no tempo. Na discussão sobre mudanças globais, identidades nacionais e étnicas ressurgentes e renegociadas e sobre os desafios dos “novos movimentos sociais” e das novas definições das identidades pessoais e sexuais, sugeri que as identidades são contingentes, emergindo em momentos históricos particulares (Woodward, 2009, p.38).

No mesmo percurso, Stuart Hall (2001), em sua obra “*A identidade cultural da pós-modernidade*”, aborda questões sobre a identidade do sujeito pós-moderno ou da modernidade tardia. Pelo viés dos Estudos Culturais, o autor afirma que este sujeito tem uma identidade fragmentada, flexível, em constante mudança, em razão da globalização e do hibridismo cultural. Hall (2001) apresenta três concepções diferentes de identidade: a do sujeito iluminista; a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Resumidamente, a primeira concepção é a identidade do sujeito iluminista, a qual estava baseada em um indivíduo totalmente centrado e unificado, com perspectiva individualista.

Já a segunda, a do sujeito sociológico na qual o indivíduo entendia que o núcleo interior do sujeito moderno não era autônomo e autossuficiente, porém era formado a partir da relação entre pessoas na sociedade, mediante a relação desse sujeito com a sociedade, sua identidade interage com símbolos, valores e práticas, que formam a cultura. Por fim, a terceira concepção apresenta o sujeito pós-moderno a qual mostra um indivíduo sem identidade fixa ou permanente, sem resultar de uma essência. Pelo contrário, a identidade é formada e transformada continuamente em relação aos diálogos de diversidade cultural que permeiam esse sujeito, com mudanças e transformações constantes.

Ainda seguindo a linha dos Estudos Culturais, com o autor Zygmunt Bauman (2005), tem-se que a identidade é construída na vivência desde o nascimento, sendo necessário possuir uma determinada identidade nacional, isto é, o sujeito tem que ser aceito oficialmente no seu reduto social. Conforme essa visão, os sujeitos da modernidade líquida possuem as identidades mais fluídas. Esta identidade pós-moderna produz o pensamento de que as coisas não são duráveis, são descartáveis, uma vez que servem o tempo necessário para ser aproveitada e logo depois é substituída. Assim, a identidade se constrói em referência a vínculos que ligam sujeitos pela multiplicidade constitutiva. Segundo o sociólogo, “as identidades flutuam no ar” (Bauman, 2005, p.19) e “a identidade só nos é revelada como algo

a ser inventado, e não descoberto” (Bauman, 2005, p.21). Com isso, Bauman explica que os processos dialéticos de disputas simbólicas provocam uma renegociação das identidades, por isso se tornaram flexíveis, voláteis, fluídas, no movimento de constante transformação.

Outra perspectiva que merece destaque é a de Claude Dubar (2005) sobre a temática da crise das identidades, também título de seu livro. Para o sociólogo, a identidade é resultado de uma identificação contingente, pela diferenciação que dá a singularidade, e pela generalização que dá a pertença comum. Desse modo, não há identidade sem alteridade, a identificação ocorre de e para o outro, uma vez que identidade é diferença. Estas (identidade e alteridade) variam historicamente, dependendo do contexto para definição, pois são construídas a partir das interações. O sociólogo afirma que “Em diferentes contextos históricos e culturais é possível encontrar configurações diversificadas de identificação de si e dos outros e, portanto, do mundo” (Dubar, 2005, p. 11). E, dessa forma, as formas sociais correspondem às formas identitárias.

Depreende-se, então, que a identidade é relacional, pois se constitui do que não é, de outra identidade que ela não é, da diferença. Também a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder, uma vez que quem detém o poder de representar, possui o poder de definir e determinar identidade. A processo identitário é constante, é mudança, e é constituído pelas representações. Estas reflexões são de campos distintos, mas possuem um viés lógico que as identidades são sociais, não dependem do sujeito, e se formam a partir das representações, através do simbólico, sendo constituídas nas relações por meio do imaginário, isto correspondendo ao fato de que imagens são constituídas na sociedade, em determinada conjuntura, e que formam as representações sociais.

Assim, é de grande importância compreender o conceito de representações, conforme coloca Coracini (2015, p.140) “As representações sociais e discursivas, portanto, aparecem, no século XX, ligadas ao signo, à cultura, à circulação dos discursos.” Atinente a esse aspecto, as representações sobre o professor que circulam no contexto social estão ligadas à conjuntura política que pode valorizar mais ou menos a educação, interferindo nas representações que formam imagens do professor. Todavia, essas imagens se constituem sempre dos mesmos sentidos, os quais vão sendo reatualizados pelas condições em que o discurso é produzido. No tópico seguinte, apresentar-se-á a conceituação de representação, tentando delinear a interface entre os estudos culturais, a Psicologia Social e a AD.

2.1 As representações imaginárias

As relações sociais se organizam por meio da imagem que um indivíduo faz do outro, sendo tais relações subordinadas dessas imagens recíprocas. Coracini afirma que “São as representações, que sempre partem do outro, que constituem a identidade de cada um” (2015, p.133). No que concerne a interação social, entende-se que elas derivam das representações feitas a partir dessas imagens que vão estruturando o social pelo simbólico. Nesse sentido, uma representação social é fragmento, feito pelas imagens que formam o imaginário individual e que é afetado pelo coletivo. Segundo Orlandi (2005, p.40), o processo do imaginário ocorre:

Assim, não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição (Orlandi, 2005, p.40).

No que se refere às representações, na perspectiva da AD, a autora explicita:

Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro alguém também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação. Como é exposto por Pêcheux, há nos mecanismos de toda formação social regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações dessas situações no interior do discurso. É o lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, que é constitutivo da significação discursiva. [...] E finalmente, faz parte da estratégia discursiva prever, situar-se no lugar do ouvinte (antecipação das representações), a partir de seu próprio lugar de locutor, o que regula a possibilidade de respostas, o escopo do discurso (Orlandi, 2011, p. 19).

De acordo com Hall (2016), todas as coisas recebem sentido conforme a maneira que a representamos, e nisso, tem-se o simbólico que funciona pela linguagem para que as coisas operem de maneira significativa. Logo, em uma conjuntura sócio-histórica, tais mecanismos produzem imagens dos sujeitos, bem como do objeto discursivo, resultando na imagem da posição-sujeito que assume e as questões que essa posição reivindica. As diferentes posições são formadas pelas imagens constituídas nas relações discursivas. Pêcheux (1993) elucidou sobre as formações imaginárias, utilizando as perguntas: “Quem fala? Para quem fala? Sobre o que fala?”. Ou seja, a imagem que se faz de seu próprio lugar e do lugar do outro. Segundo o filósofo (1993, p.83):

todo processo discursivo supõe a existência das seguintes formações imaginárias: IA(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A - Quem sou eu para lhe falar assim?; IA(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A - Quem é ele para que eu lhe fale assim?; IB(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B - Quem sou eu para que ele me fale assim? ; IB(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B - Quem é ele para que me fale assim? (Pêcheux, 1993, p.83).

Assim, as representações são formuladas pelos sistemas simbólicos que produzem sentidos diversos e diferentes significados mutáveis. O lugar social molda e é moldado por essas imagens construídas através das representações imaginárias. Nas práticas sociais que significam, como a cultura, melhor dizendo, “práticas de significação que produzem significados”, conforme Woodward (2009), há relações de poder que as definem, incluindo ou excluindo sujeitos, moldando identidades. Acerca dessa lógica, o sentido se constrói nas diferentes práticas sociais, pela igualdade ou pela diferença, e, nesse mecanismo, a identidade é moldada por meio do sentido dado a experiência através da cultura, das relações sociais. De acordo com Stuart Hall (2016), a representação liga o significado e a linguagem à cultura. Para ele, representar é usar a língua/linguagem para representar o mundo de forma significativa. Analogamente, Orlandi (2005) salienta que as línguas possuem regras que projetam o sujeito da situação empírica para a posição discursiva, e estas significam tanto em relação ao contexto social e histórico quanto à memória. A autora afirma que

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita ao equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como dos objetos do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica (Orlandi, 2005, p.40).

Kathryn Woodward (2009), em seu texto *“Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”*, aborda sobre as formações identitárias, na perspectiva da identidade e da diferença. No percurso conceitual, ela define as representações, por estas formarem as identidades. Segundo a autora:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. E por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tomam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (Woodward, 2009, p.17).

A representação, compreendida como um processo cultural, e os sistemas simbólicos produzem identidades individuais e coletivas que fornecem possíveis respostas às questões sociais. Com isso, os discursos e os sistemas de representação formulam os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar, assumindo seu lugar social, o que se assemelha ao que Woodward (2009) chama de “campos sociais”. São os sistemas simbólicos que atualizam e reforçam as divisões e desigualdades de classe.

Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Consideremos as diferentes “identidades” envolvidas em diferentes ocasiões, tais como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. Em um certo sentido, somos posicionados - e também posicionamos a nós mesmos - de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando (Woodward, 2009, p.30).

Observando a Teoria das Representações Sociais (TRS), de Moscovici (1978), percebe-se que as representações são compreendidas como uma das vias de apreensão do real na sociedade moderna. Segundo ele,

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa. Elas sempre possuem duas faces, que são interdependentes, como duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica. Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem (Moscovici, 1978, p.46).

Paralelo a isso, Pêcheux (1993), supracitado, apresenta o processo de representação ligado à ideia de posições ocupadas pelo sujeito, como imagens construídas, correspondendo a lugares representados nos processos discursivos, em outras palavras, a uma "série de formações imaginárias" das posições que representam as situações, a imagem que se cria de si e do outro. Já o processo de representação social ocorre pela constituição das realidades de vidas cotidianas, sendo o principal meio para estabelecer as associações entre os sujeitos e objetos que formam o cotidiano, se tornam senso comum, circulam na mídia e são

influenciadas pela comunicação. Ainda segundo Moscovici, “elas corporificam ideias” e, isso ocorre pois,

[...]existe uma necessidade contínua de reconstituir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar. Do mesmo modo, nossas coletividades hoje não poderiam funcionar se não se criassem representações sociais baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos à parte. (Moscovici, 1978, p.48)

Nesse viés, as representações são formadas pelo senso comum com o qual o sujeito constrói as representações sociais por meio da comunicação e da troca de conhecimentos. É um processo que transforma o desconhecido em algo conhecido, ocupando uma posição, possuindo características comuns ao grupo social, sendo incorporado a estruturas de conhecimento já existentes e dotadas de certa estabilidade, inserindo-o em “uma posição segura na matriz de identidade do grupo social” (Moscovici, 1981, p. 23). Ao adquirir uma identidade, seu sentido, a imagem são partilhados, divulgada entre este determinado grupo social.

Além de afirmar que as representações são sociais, o psicólogo complementa explicando que elas são simbólicas e possuem elementos perceptuais e cognitivos. Desse modo, há duas faces interdependentes das representações: a icônica, a qual projeta a imagem; e a simbólica que caracteriza o objeto. Elas são dinâmicas, característica do contexto, das relações, dos comportamentos, ou seja, são definidas pelo conjunto social. Por isso, as representações são mutáveis, estão em constante transformação. Moscovici aponta que “Ela representa um ser, uma qualidade à consciência, quer dizer, presente mais uma vez, atualiza esse ser ou essa qualidade, apesar de sua ausência ou até de sua eventual inexistência” (Moscovici, 1978, p. 57).

Já Lacan (1949 [1998]), explica que as representações ou imagens de si e do outro são originadas das interações sociais, exercendo uma influência sobre o comportamento e as atitudes do ego, criando uma sensação ilusória de integridade, completude e verdade, denominada "identidade". Daí, a imagem, as representações e a identidade desempenham papéis cruciais na formação do sujeito e na compreensão da experiência humana. Em sua obra, Lacan emprega conceitos complexos e multifacetados para descrever as dinâmicas psicológicas subjacentes à percepção de si mesmo e do outro. Apesar de a origem histórica desse termo remontar à ideia de ser igual a si mesmo, Lacan argumenta que a identidade é

ilusória, pois confunde o sujeito ao fazê-lo acreditar que pode se ver por completo no reflexo do olhar do outro, na imagem especular. Essa imagem é fundamentalmente imaginária e fragmentada, uma vez que o sujeito nunca pode se ver completamente refletido no espelho.

A imagem especular cria uma ilusão de integridade e totalidade, mas ao mesmo tempo obscurece a verdadeira natureza fragmentada e inconsciente do sujeito. A verdadeira essência do sujeito reside no inconsciente, acessível apenas de forma limitada através das formações do inconsciente, como sintomas, sonhos, lapsos, atos falhos, chistes e equívocos, conforme apontado por Freud (1917 [1980]) e posteriormente por Lacan (1957-58 [1999]). As representações ou imagens de si mesmo e do outro são formadas a partir das interações sociais e das relações de poder. Essas representações moldam o comportamento e as atitudes do ego, criando uma ilusão de coesão e consistência identitária. No entanto, Lacan argumenta que essa identidade é ilusória e fluida, pois é construída em relação ao outro e está sujeita a constantes mudanças e revisões, pensamento em concordância com o pensamento pecheutiano.

Por fim, a identidade, conforme concebida por Lacan (1949 [1998]), é uma construção complexa e dinâmica, permeada por contradições e ambiguidades. Ela é moldada por uma interação complexa entre a imagem especular, as representações sociais e as forças do inconsciente. A verdadeira essência do sujeito reside no registro do inconsciente, acessível apenas de forma limitada através das manifestações simbólicas e sintomáticas. Assim, a identidade, para Lacan, é uma construção fluida e em constante processo de negociação e reconfiguração, refletindo as tensões e contradições inerentes à condição humana.

Com Payer (2013), a questão da identificação do sujeito à língua pelo processo de interpelação ocorre pela imagem que os sujeitos discursivos fazem do interlocutor e de si que está em questão quando se fala em identificação na relação sujeito/língua(s), podendo haver imaginários em funcionamento. Isto significa dizer que o modo como a imagem que os sujeitos fazem da(s) língua(s) e das variadas formas em que o objeto do discurso é dito, faz parte da produção dos efeitos de sentido, da construção discursiva do referente, assim como do efeito-sujeito em seu perfil linguístico. Tais identificações entre sujeito e língua e suas formas materiais se produzem, por meio de processos constituídos na historicidade dessa relação, enquanto objetos simbólicos, políticos e artísticos. As representações fixam-se na linguagem, nos valores, nas memórias. Essa relação sujeito/língua(s) é atravessada por movimentos de (des) identificação, nos quais ocorrem semelhanças e diferenças entre formas linguísticas e históricas, estranhamentos e reconhecimentos, aceitações e recusas. Segundo a autora,

[...]os processos de identificação em relação à(s) língua(s) são constitutivos do sujeito de linguagem, participando da subjetivação no que diz respeito às línguas, bem como à relação que aí se estabelece dos sujeitos com a linguagem, configurada que é por interdições e injunções a uma língua e não outra, a um modo de dizer e não outro. (Payer, 2013, p.189)

É a imagem o resultado do imaginário atravessado pela pluralidade do real, com valores e costumes de uma conjuntura. Em Coracini (2015, p.142), a autora conceitua “o conjunto de representações ou imagens constitui o imaginário, registro do ego, que deseja ser o desejo do outro, fazer o que o outro quer para agradá-lo e/ou para pertencer a um determinado grupo”. Essa representação imaginária atua no sentido de singularizar e tornar comum características de ideologias dominantes, composta da imagem e da representação, apresentando-se como formas legítimas de conhecimento do mundo, reforçando o vínculo social e o sentido de pertencimento.

Assim, o simbólico caracteriza os indivíduos como sujeitos pela linguagem, denominando, dando um lugar, já que a linguagem é a convenção social que nomeia, estabelece padrões, utilizando esse simbólico para atribuir sentido, e manter as relações sociais. Porém, o sujeito pode rebelar-se, ocorrendo o confronto, a resistência. Segundo Orlandi (2004), na passagem de uma maneira de atribuir sentidos, cultural e socialmente determinados nos rituais específicos e solidificados, para uma outra forma de significação, que há a possibilidade de haver rupturas.

Por fim, o sujeito concilia seu dizer através do jogo de imagens feito simbolicamente nas representações para o funcionamento das formações imaginárias. E é no discurso que essas formações criam efeitos de sentido, pois é no processo discursivo que saber e poder se articulam, sendo sua produção controlada, selecionada, organizada e redistribuída por mecanismos, os quais intentam determinar o que pode ou não ser dito em um momento histórico. Vale ressaltar que identidade e identificação não estão sendo considerados como conceitos equivalentes. A identidade é esse construto plural que o sujeito vai formando em sua vivência e relação com as representações a que é submetido durante a vida, sendo fator social, descentrado, fragmentado e em transformação.

Nesse processo de formação identitária tanto no aspecto individual quanto no coletivo, ele pode ou não se identificar com as formações imaginárias, e, pelo funcionamento ideológico, com as formações discursivas, que funcionam dentro de uma formação ideológica, constituindo seu processo de subjetivação, processo de interpelação-identificação. Havendo essa identificação, sua identidade será formada pelas imagens pertencentes a essa posição e

pelas formações discursivas imersas em uma ideologia. Em Orlandi (2005, p.40/41), há uma explicação que corrobora com o exposto acima:

Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente, mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias. [...] É assim que as condições de produção estão presentes nos processos de identificação dos sujeitos trabalhados no discurso. E as identidades resultam desses processos de identificação, em que o imaginário tem sua eficácia. (Orlandi, 2005, p.40/41)

Então, os conceitos de imaginário, representações imaginárias, identidade e identificação são trabalhados nesta parte teórica e são convergentes nessas linhas, uma vez que entendem a identidade como processo contínuo, plural, mutáveis e formadas no social, na relação com o outro, por meio da linguagem. A mídia é um desses espaços em que o discurso circula e propaga dizeres, e representações que formam o imaginário social e atravessam as identidades. Com o fito de refletir sobre esse aspecto, o tópico seguinte apresenta essa questão.

2.2 As representações imaginárias na mídia

Os meios de comunicação sempre tiveram um papel fundamental na propagação de informações. Com o processo de informatização, a internet possibilitou que a web, e as famosas redes sociais, difundissem informações, fatos e dados, como também falsas informações. De forma geral, os meios de interação como jornais, revistas, programas se atualizaram e fazem parte do mundo das redes. Porém, a Internet deu espaço a outras instituições, como as escolas, igrejas, e diversas comunidades de colocarem no social, com um alcance imenso, suas informações, filosofias, produtos etc. Nesse contexto, é relevante reafirmar que a mídia possui função de destaque na formação do imaginário social e, portanto, no processo de construção da identidade. Hall (2016) aponta que

O sentido é também produzido em uma variedade de mídias; especialmente, nos dias de hoje, na moderna mídia de massa, nos sistemas de comunicação global, de tecnologia complexa, que fazem sentidos circularem entre diferentes culturas numa velocidade e escala até então desconhecidos na história (como aborda Du Gay, 1997). (Hall, 2016, p.22)

Nesse processo de disseminação de informação e conhecimento utilizado pela mídia em geral, as estratégias de convencimento ocorrem no conflito entre o conhecido e o desconhecido, entre o novo e o velho, o mesmo e o diferente, naturalizando e legitimando o que é tido como dado. Quanto a esse aspecto, Coracini (2006) coloca que:

Ora, se partirmos do pressuposto de que as verdades são sempre construídas e, como tal, sempre produto de interpretação, compreenderemos melhor o que acontece com a mídia na sua relação com o público: ela interpreta o objeto anunciado, que, por sua vez, foi interpretado por seu(s) criador(es), sempre a partir do imaginário construído em torno do consumidor (ou do telespectador). (Coracini, 2006, p.227)

Sob esse viés, a mídia se caracteriza como manipuladora, como formadora de opinião, pois apresenta como um fato o que, às vezes é dado, ou pior, falso dado. Esse fato atua como uma das formas de controle da ideologia dominante que precisa tomar sentidos como verdades, numa ideia de unidade. Ela é controlada por grandes empresas de comunicação, grupos de comunicação liderados por empresários, ou políticos, constituída por inúmeros dispositivos institucionais, políticos, econômicos, ideológicos e técnicos, representantes da classe dominante. Por essa razão, as mídias reproduzem representações imaginárias de ideologias dominantes, por meio da produção e reprodução de FDs dominantes.

Para Gregolin²⁰ (2003, p.96), ancorada nos estudos discursivos foucaultianos, “A mídia produz sentido por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas, de representações que constituem o imaginário social”. Logo, ela se funda numa prática social, com grande alcance, exercendo forte poder na sociedade, a qual se embasa em representações das práticas sociais. Estas práticas permeiam fatos sociais, o que confere a eles sentidos que se tornam, em algumas situações, verdades absolutas e incontestáveis. Orlandi (2017), por sua vez, explica a relação entre a mídia e as representações imaginárias, pelo viés materialista, destacando a relação entre a informação e o sujeito, bem como o modo como ela significa na relação dele com sua existência, afirmando que:

²⁰ A abordagem foucaultiana compreende a mídia como um dispositivo de poder que produz, circula e legitima determinados discursos, constituindo assim regimes de verdade, e, por isso, não é neutra, uma vez que participa ativamente da construção de subjetividades e relações de poder. Apesar de não ser materialista, os estudos e reflexões de Gregolin sobre a mídia são relevantes e pertinentes para este trabalho.

A mídia, como prática discursiva, que está presente, continuamente, na relação dos sujeitos entre si e com a sociedade em que vivem, assim como a relação com o político, que constitui a vida social em suas divisões relações de força e estabelecimento de hierarquias e valores atribuídos às diferentes formas de significar, é parte importante no modo como este sujeito se representa, no imaginário social, como sujeito de conhecimento. E o discurso dominante da mídia é o que o reduz a um consumidor. E liga, de certo modo, o consumo à cidadania. O que leva este sujeito, submetido a este imaginário, a ver-se, na conquista de seu conhecimento, como um consumidor de saberes (informações). Ou seja, um conhecedor no sentido pragmático apenas, esquecendo o que existe de político nas diferentes formas de conhecimento e, sobretudo, nas diferentes relações dos sujeitos com o conhecimento. (Orlandi, 2017, p. 242)

No cenário midiático, a função das representações é de formação contínua de um consenso para estabelecer uma consciência coletiva para a compreensão de todos e manipulação de valores sociais, conforme assevera Moscovici: “[...] existe uma necessidade contínua de reconstituir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar” (Moscovici, 2003, p. 48). Diante disso, as representações sociais possibilitam a reconstrução, a reorganização, e a reestruturação de sentidos, pois o simbólico é inerente ao homem, isto é, é constitutivo do homem, específico dele. Essa rede do simbólico regula a relação entre o imaginável e o inimaginável, o possível e o impossível, permitindo, dessa forma, agir, ou não agir, porque fornece as interpretações, conscientes ou não, de que precisamos para a tomada de decisões.

Sendo assim, frequentemente, a mídia traz uma opinião mesclada dos empresários que são os donos desses meios, a grande maioria políticos, apresentando a visão de uma ideologia dominante. Nessa lógica, o sujeito é atravessado por formações ideológicas e discursivas constituídas no contexto social que podem levá-lo a concordar ou discordar com o ponto de vista expresso na notícia, informação, comentário, ou opinião que são divulgados e que podem ser assumidos como fatos. A estrutura da sociedade capitalista concebe esse meio de fazer os sujeitos acreditarem nas informações que querem que sejam institucionalizadas pelos aparelhos ideológicos de Estado, justamente pelas representações imaginárias, pelas imagens criadas. Com isso, o poder é regulamentado conforme os interesses da classe dominante, uma vez que os veículos midiáticos também são os reguladores ideológicos que mantêm os interesses da conjuntura, estabelecendo o que deve ser seguido, obedecido.

Pensando no sentido do próprio nome, mídia é um conjunto de comunicação social de massa, atualizando-se conforme a tecnologia, por isso possuem grande circulação em diversos momentos e grande ação social. Com o grande avanço tecnológico, a conjuntura social foi transformada e, com ela, a comunicação. A internet já faz parte da vida da grande

maioria da sociedade, tornando seu uso inevitável para a comunicação pessoal e profissional, sendo o maior difusor de informação. Nesse contexto, as demandas sociais e os discursos que atravessam a sociedade circulam na rede digital, operando nas relações. Se, durante o século XX, as informações eram vinculadas aos meios de comunicação de massa (a televisão, o rádio, as revistas, entre outros), na atualidade, o espaço digital é o maior meio de circulação de informações. As mídias sociais são o lugar de maior intensidade de produção e circulação de discursos, de circulação de informações.

A partir dos textos midiáticos, em suas postagens no caso da Web, o interlocutor produz formas simbólicas de representação de sua relação com a realidade concreta, utilizando o recurso discursivo da ilusão da unidade. Esta unidade cria, o imaginário social que é composto por ideologias materializadas. Com isso, surgem as visões de mundo, os modelos sociais que influenciam e são seguidos pelas comunidades de sentido, inclusive as redes sociais têm os chamados “seguidores”. Cada comunidade vai criar seus símbolos coletivos e dinâmicos que formarão o imaginário social. Nesse aspecto, os sujeitos vivem regulados e influenciados pelo imaginário que sobrepõe o real e é controlado pelos aparelhos ideológicos de estado, como a mídia, a escola que regulamentam e controlam os sentidos. Há uma relação de poder nesse mecanismo típica do sistema capitalista de produção/reprodução. Referente ao exposto, Gregolin explica a ilusão de unidade:

A criação dessa ilusão de “unidade” do sentido é um recurso discursivo que fica evidente nos textos da mídia. Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. (Gregolin,2007, p.16)

Com a incorporação da internet na dinâmica social, é normal ser um meio de uso pessoal e profissional. As instituições fazem sua propaganda pela imagem apresentada na rede e, neste ambiente circulam informações nem sempre verdadeiras, mas que, de tão divulgadas, tornam-se verdadeiras para alguns. É a mídia a principal difusora de informações que sempre estarão pautadas pela concepção do responsável por elas, ou pela concepção da agência que a circula. No caso das redes sociais e das mídias sociais, os administradores organizam sua página conforme seus interesses. Ainda de acordo com Gregolin:

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande

medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (Gregolin, 2007, p.16)

Esses novos meios digitais de comunicação, como as redes sociais, as mídias sociais, afetam as identidades sociais com discursos que são uma representação da “verdade”. As formas de manipulação de informações e fatos são reformuladas com a WEB, devido à facilidade de acesso. Gregolin afirma que “[...] na sociedade contemporânea, a mídia realiza a imensa tarefa de fazer circular as representações e, nesse sentido, coopera para as interconexões entre os fios desse entrelaçamento” (Gregolin, 2007, p.19). As reflexões que antes eram delineadas sobre as emissoras de televisão e seus jornais, servem hoje para observar como as manipulações ocorrem na rede.

Nesse sentido, as páginas da web se tornaram potências não apenas para interagir, para lazer. É o meio de difundir produtos, fortalecer ideologias, e manter a dominação do capital. Assim, as mídias sociais desempenham um papel fundamental ao facilitar que instituições construam e promovam suas marcas, destacando seus valores, objetivos e realizações de maneira estratégica. Através dessas plataformas, as instituições têm a oportunidade de criar narrativas visuais e textuais que refletem seus interesses, criando imagens. Ao compartilhar conteúdo relevante e cativante, as instituições podem moldar a percepção do público, apresentando representações específicas de seus produtos, serviços e pessoas. Como as escolas que apresentam sua estrutura, modelo de ensino e visão educacional, construindo imagens por meio de signos que sejam interessantes, sendo mais eficiente do que um primeiro contato físico, ou uma propaganda televisiva. Pêcheux afirma que

Em sua materialidade concreta, a instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas (referidas aos aparelhos ideológicos de Estado), que, ao mesmo tempo, possuem um caráter regional e comportam posições de classe: os objetos ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a maneira de se servir deles – seu sentido, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais eles servem –, o que se pode comentar dizendo que as ideologias práticas são práticas de classes (de luta de classes) na ideologia. (Pêcheux, [1975] 1997, p. 146).

A interatividade proporcionada pelas mídias sociais permite um diálogo contínuo com o público, promovendo uma sensação de proximidade e transparência, além de transmitir a ideologia da classe dominante por meio do discurso escolar que atravessa a formação social. Além disso, a segmentação de audiência nas plataformas sociais permite que as instituições personalizem suas mensagens de acordo com os interesses específicos de diferentes grupos,

contribuindo para uma representação mais precisa e atrativa, além de servir às relações de poder, que perpassam as relações sociais nas esferas da vida cotidiana, principalmente, em relação ao trabalho, o professor, como posição social, também será constituído por esses sentidos. Dessa forma, as mídias sociais se tornam poderosas ferramentas para construir e consolidar uma presença online que reflete os valores e objetivos das instituições de maneira estratégica e impactante, reforçando discursos dominantes, por meio do simbólico, atravessando a imaginação dos sujeitos, avançando sobre as subjetividades e sobre as subjetivações, possibilitando que as relações de classes se manifestem por meio das formações ideológicas.

Em suma, percebe-se que a web, com o grande alcance que a internet possui e a facilidade de comunicação que ela oferece, é também um aparelho ideológico de Estado e formula as representações por meio de imagens (re)criadas simbolicamente e que atravessam os sujeitos e (de)formam suas identidades. Um exemplo desse jogo simbólico aconteceu com os professores que foram tomados como comunistas, ou que faziam “doutrinação ideológica”, sendo alvo de perseguição do governo federal, entre 2017 e 2021, perpetrando em grande parte da sociedade tais discursos. É nítido como esse espaço foi utilizado para criar e reforçar sentidos contra o professor, mas também é espaço de dizeres que apresentam a profissão como “profissionais que formam todos os outros”, “profissão de excelência”. São representações divergentes em sentido, mas que coexistem no imaginário social.

Diante desse trajeto conceitual, compreende-se que as representações imaginárias que circulam sobre o professor, as quais são reforçadas na mídia, derivam de formações imaginárias constituídas pela memória discursiva ou interdiscurso, que remete as situações vivenciadas, falas e ouvidas, responsáveis pela criação de um imaginário que se estabelece conforme o vivenciado na formação social. Elas permeiam e moldam a forma de pensar, de ver o mundo, de agir, de ver o outro, pelo simbólico, construindo imagens do que está à sua volta. Estas representações, também atravessadas pela historicidade dos sentidos, constituem-se de discursos e de suas relações de poder na formação social, moldando práticas e sujeitos, seguindo uma regularidade nas formações discursivas, mascarando a interpelação dos sujeitos e assujeitando-os ideologicamente para manter as relações de desigualdade-subordinação que constituem a luta ideológica de classes do sistema capitalista.

Com isso, a identidade do professor é influenciada, uma vez que os mecanismos de dominação mascaram sentidos pelos AIEs, por meio das regularidades que ocorrem pelas formas de existência histórica da discursividade. Nesse sentido, as representações sociais desempenham um papel central na construção da identidade, influenciando a forma como os

sujeitos se percebem e são percebidos em relação aos outros e à sociedade em que vivem, uma vez que não há identidade sem alteridade. A construção da identidade é um processo complexo que envolve uma interação dinâmica entre fatores individuais e sociais. Dentro desse contexto, as representações sociais desempenham um papel significativo, moldando e influenciando a forma como os sujeitos percebem a si mesmos e aos outros, sendo constituídos pela evidência de ser a origem.

Assim, as representações sociais são compreendidas aqui, conforme a visão de Orlandi, sendo, simplificada, uma reunião de ideias, crenças, valores e imagens compartilhadas por membros de uma determinada sociedade ou formação social sobre diversos fenômenos, constituindo a identidade, engendrando um conjunto de significados e normas que orientam o comportamento e o autoconceito dos sujeitos de acordo com a posição que ocupam. Um exemplo disso pode ser a maneira como determinadas formações sociais são representados na mídia, na literatura ou na história, perpassadas ideologicamente, influenciando a forma como os membros desses grupos ou posições sociais percebem a si mesmos e são percebidos pelos outros. Essas representações podem reforçar estereótipos, preconceitos e hierarquias sociais, perpetuando as dominantes, por exemplo, ou desafiar e subverter essas normas dominantes, dependendo do contexto sociocultural.

Diante dos pontos teóricos explanados, no próximo capítulo, será apresentada a metodologia deste trabalho, explicitando como o dispositivo teórico e analítico foram constituídos.

3. CAPÍTULO 3: ABORDAGEM METODOLÓGICA: ORGANIZAÇÃO DO DISPOSITIVO TEÓRICO E ANALÍTICO

A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (Orlandi, 2015, p. 24).

Este capítulo trará o percurso da organização dos procedimentos metodológicos desta pesquisa. Aqui apresentamos as reflexões sobre o processo de construção do método, uma vez que na Análise de Discurso não há um modelo pronto de análise, dadas as especificidades que constituem tal processo em trabalhos de linha pecheutiana. Parte-se do dispositivo teórico da interpretação para constituir o dispositivo analítico. Orlandi explica essa questão

Embora o dispositivo teórico encampe o dispositivo analítico, o inclua, quando nos referimos ao dispositivo analítico, estamos pensando no dispositivo teórico já “individualizado” pelo analista em uma análise específica. Daí dizemos que o dispositivo teórico é o mesmo, mas os dispositivos analíticos, não. O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise. (Orlandi, 2005, p.27)

Inicialmente, é fundamental apresentar o processo de desenvolvimento da temática central que fundamenta este estudo. As questões que permeiam a posição social do professor fazem parte de minha vida como professora e pesquisadora. Desde a escolha do curso, a qual desanimou familiares, percebi a insatisfação, ouvindo dizeres como: “Professora?”; “Estudou tanto para fazer Letras?!”, até situações vivenciadas no decorrer da profissão no que diz respeito ao lugar que a profissão ocupa, além das problemáticas com o governo e desrespeito social. É um contexto que atravessa o sujeito tanto em sua subjetividade, em sua satisfação pessoal, quanto na coletividade, como categoria profissional, pelo desmerecimento em relação a estrutura para trabalho, valorização, respeito. Além disso, após a pesquisa desenvolvida no mestrado cujo título foi *A leitura sob a ótica midiática: uma breve reflexão pela Análise de Discurso*, devido às leituras feitas sobre a temática leitura e ensino de leitura, desenvolvimento da leitura, as quais versavam sempre em culpabilizar o professor pelo chamado “fracasso escolar”, o interesse pelas questões sobre a profissão em sua constituição se transformou em interesse para pesquisa. Outro ponto, são os discursos políticos e sociais

sobre o professor, um misto de admiração e desrespeito que trazem a inquietação de como esses dizeres podem significar para a identidade profissional, como também para o olhar social, tendo como consequência, a desvalorização, o esgotamento de professores, além da crise na identidade profissional. Pautando-se nestas questões, o tema foi sendo delimitado, bem como a proposta do projeto de pesquisa precedente à tese.

Com isso, este capítulo de abordagem metodológica se propõe a definir o caminho seguido para alcançar os objetivos gerais da pesquisa, respondendo ao questionamento norteador. Serão apresentados: o plano de pesquisa, como ocorreu a organização do referencial teórico, os métodos científicos que foram utilizados para investigar as hipóteses e responder às questões de pesquisa, além da organização do dispositivo de análise, do *corpus* e apresentar as condições de produção e força em que o *corpus* foi organizado. Essencialmente, este capítulo estabelece o percurso metodológico que foi seguido, o primeiro tópico aborda sobre o delineamento do trabalho, parte relevante para entender como a tese foi planejada e executada.

3.1 Plano de pesquisa: delineamento da tese

Posto o que motivou as inquietações iniciais, tanto de cunho pessoais, quanto de cunho social, serão expostos aqui os passos que foram alçados no percurso de tessitura do projeto de pesquisa até chegar à tese, sendo já apresentados na introdução resumidamente. Dito isso, o primeiro movimento nesse processo foi iniciado por um levantamento através de leituras de textos sobre a profissão docente, como em livros, teses, dissertações, artigos. Também, os debates e estudos sobre o tema Identidade direcionaram o olhar para a questão central norteadora da pesquisa: *Quais sentidos são produzidos e atravessam as discursivizações de enunciados contemporâneos, formulando as imagens e as representações sociais sobre o professor na mídia, em sites de instituições educacionais, e como essas imagens (re)criam a identidade do professor?* Uma questão inquietante para os sujeitos da área, pois, tais imagens e representações são motivo de crises profissionais identitárias que enfraquecem a coesão deste lugar social que é relevante por possibilitar caminhos de conhecimento, criticidade e desalienação social.

Para o problema proposto, a primeira hipótese, base da questão, é a posição ocupada pelo sujeito professor, a qual parece ser atravessada ideologicamente por FDs semelhantes e que atribuem uma excelência a essa posição social, dotada de certa regularidade social. Contudo, tais representações vão de encontro ao cenário coletivo que desfavorece tanto em

relação ao financeiro quanto à questão do prestígio e do respeito, sentidos contraditórios que provocam efeitos na sociedade, pois, paralelamente, o docente é supervalorizado com discursos que versam “*profissão que forma todas as outras*”, como também “*professor preguiçoso*”, ou, “*professor doutrinador*” entre tantos discursos que desprestigiam e ridicularizam o docente.

Já a segunda hipótese, parte do princípio de que a identidade do sujeito-professor é atravessada por discursos permeados de ditos e não ditos, formulados desde a origem da profissão, que são reatualizados e, de acordo com a formação social, possibilita uma identificação, ou uma crise de identidade desse profissional que não aceita a imagem construída para si e que sofre atravessamentos constitutivos da gênese da profissão. Essas duas hipóteses trazem implicações que desestruturam essa identidade coletiva do docente, provocando uma crise que também afeta a identidade profissional individual do professor.

Para investigar tais hipóteses, o objetivo geral da questão proposta é verificar os sentidos que são (re) produzidos na mídia sobre o professor, por meio de instituições educacionais, e formulam as representações que são perpetuadas na sociedade. Já os objetivos específicos são: • Identificar as Formações Discursivas (FDs) que atravessam as materialidades estudadas, construindo representações sociais; • Observar quais formações ideológicas (FIs) atravessam essas FDs, e, por isso, vão reatualizando e influenciando as representações sobre a posição do sujeito enquanto professor; • Analisar os efeitos de sentido produzidos e como formulam a identidade dessa posição sujeito; • Evidenciar a regularidade de FDs produzidos a partir da similaridade das materialidades analisadas, e como a memória discursiva materializa essas imagens construídas que se cristalizam nas práticas e representações dessas identidades; • Perceber como a evidência da identidade vai se inscrevendo na memória, nos processos de identificação e (des)identificação do sujeito professor, refletindo as formas de representação que constituem e atravessam as identidades.

Quanto à metodologia científica empregada, foi utilizado o modelo de levantamento bibliográfico e teórico de natureza qualitativa e discursiva, permitindo a reflexão e análise dos textos, artigos e trabalhos relacionados à temática abordada, à luz do dispositivo analítico discursivo, pelo viés materialista-histórico-dialético. O método materialista-histórico-dialético, pensado pelo filósofo, socialista e economista Karl Marx (1818- 1963), analisa a materialidade histórica da vida, dos homens em sociedade. Dito de outra forma, trata-se de descobrir pelo movimento do sentido, as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história. Por isso, é o método de interpretação da realidade, sendo a interpretação da realidade histórica e social, observando as relações de

poder estabelecidas pela luta de classes da ideologia capitalista dominante, assim como estas relações influenciam nas relações sociais.

A seguir, dando continuidade, será delineada a formação do referencial teórico que norteou as reflexões, bem como a etapa de análise.

3.2 Organização do referencial teórico

Inicialmente, a busca foi por textos cuja temática fosse o que é ser professor. Após a busca no Google Acadêmico, nos sites de repositórios de universidades, no site Academia.edu, delimitou-se a separação de textos que abordavam as questões históricas, contradições e formação docente com estudiosos como Nóvoa (1989; 1999), Aranha (2006), Gatti (2013), Saviani (2013), Frigotto (1999), dentre outros, para leitura e fichamento. Ao delimitar a temática: Um estudo discursivo do imaginário construído sobre o professor pela mídia, por meio de instituições educacionais, observando as representações que são perpetuadas na sociedade. Daí, estruturou-se questão e hipóteses, além do título.

Em seguida, a segunda parte do projeto, organização do aporte e dispositivo teórico, as (re)leituras foram fundamentadas nos estudos de Michel Pêcheux (1993; 1994; 1995; 2015), e Orlandi (2005; 2007; 2011; 2012), principalmente, numa interface com os Estudos Culturais, respaldados em Stuart Hall (2001), e Zygmunt Bauman (2005), Claude Dubar (1997; 2009) que abordam as questões relacionadas às identidades culturais. Também foi utilizado como referência os estudos na área de Psicologia social sobre Identidade de Antônio Carlos Ciampa (1987; 1989; 2002), Serge Moscovici (1961, 1978, 2005, 2007) como também outros textos que tratavam dessa temática. Além disso, a leitura perpassou por outros autores de renome, além de artigos, de dissertações e de teses para perceber como a temática tem sido abordada, além de colaborar com as reflexões.

A partir de um gesto de leitura e de interpretação que busca a opacidade da linguagem, o (des)centramento do sujeito e a materialidade, conforme mostra Orlandi (2005), pretende-se apresentar uma visão teórica e analítica baseada na Análise de Discurso de linha francesa, conforme supracitado, fundamentada nos estudos de Pêcheux e Orlandi, para direcionar o gesto interpretativo, nos teóricos dos Estudos Culturais, respaldados em Stuart Hall, e Zygmunt Bauman, Claude Dubar que abordam as questões relacionadas às identidades culturais, e os estudos na área de Psicologia social sobre Identidade de Antônio Carlos Ciampa e Serge Moscovici, observando como a identidade é analisada e significa nessas áreas, como explicam os modos de identificação dos sujeitos, estabelecer um diálogo com a

AD, já que todas comungam do materialismo- histórico e refletem as relações de poder. E nisso reside a filiação a essa base teórica, uma vez que destaca essas relações históricas de poder, observando que nada é transparente ou neutro na linguagem.

Com o referencial teórico constituído, parte-se, com o próximo tópico, a fim de observar os gestos de interpretação já postos, para a leitura do arquivo.

3.3 Revisão da literatura

Com o intuito de estabelecer um trajeto analítico, pensando na construção do arquivo, segundo a AD, refletindo sobre a afirmativa de Mittmann (2007, p.154), qual seja “[...] desvendar os processos discursivos que levam às imposições como evidências bem como o que esses mesmos processos deixam de fora”, faz-se relevante a leitura do arquivo para constitui o corpus analítico. Assim, nesse tópico, será delineado o percurso feito para organizar o levantamento bibliográfico de teses, dissertações, que abordem a temática desta tese, e serviram de reflexão para delinear o gesto de interpretação traçado neste trabalho.

Nesse sentido, objetivando contemplar o arquivo conforme Pêcheux (1982) teorizou, o levantamento bibliográfico foi feito através do acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)²¹ que é coordenado pelo IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia)²², com a busca por “identidade do professor”, “análise discursiva”, tendo como filtro ser publicado entre 2020 e 2024, a fim de fazer um levantamento de pesquisas com temáticas semelhantes, seguindo a AD. Nessa busca, foram encontradas 15 pesquisas, organizadas a seguir:

²¹<https://bdttd.ibict.br/vufind/>:

<https://bdttd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=%22identidade+do+professor+e+analise+de+discurso&type=Title&limit=20> (Acesso em 07 de agosto de 2024).

²² <https://www.gov.br/ibict/pt-br> (acesso em 06 de agosto de 2024)

INSTITUIÇÃO	DISSERTAÇÃO	TESE	ANO
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	“A construção do conhecimento e da identidade do professor de inglês” Por Rossi, Eliane Cavalher Solano		2024
Universidade Estadual de Londrina (UEL)		“Uso e ousadia de professores em suas relações com o livro didático: uma análise discursiva de identidades em (re)construção” Por Silva, Juliana Orsini da	2024
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	“As identidades profissionais docentes em construção: representações de professores egressos de um curso de pós-graduação” Por Rorato, Déborah Caroline Cardoso Pereira		2024
Universidade de São Paulo (USP)		“A imagem do professor das séries iniciais na formação de leitores em textos acadêmicos” Por Castro, Arlene Moreno de	2023
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)	“Trajetórias de profissionalidade docente: Narrativas de professores da rede pública do município de Ouriçangas – Bahia”		2022

	Por Cerqueira, Maria Aline Borges Dantas		
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	“Narrativas de professores de geografia: histórias de vida e trajetórias formativo-profissionais na composição da identidade docente” Por Silva, Maria José Sousa da		2022
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	“Imagens da construção da identidade de professores de Língua Espanhola em relatórios de estágio da UFRN” Por Araújo, Maiara do Nascimento		2022
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)		“Tessituras identitárias de professores em situação de creche na cidade de Manaus” Por Vasconcelos, Maria Goreth da Silva	2021
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	“Condições de produção e formações imaginárias da constituição da identidade docente: uma análise do discurso” Por Souza, Laís Cristina de		2021

Universidade de Brasília (UNB)	“Cursos e percursos de professoras em formação continuada: autoria, identidade e protagonismo em transformação” Por Sousa, Vânia dos Reis		2022
Universidade Estadual de Londrina (UEL)		“Arqueologia, genealogia e ética em formações discursivas de organização profissional docente” Por Campos, Alcione Gonçalves	2024
Universidade Estadual Do Ceará (UECE)	“Constituição da identidade profissional de professores de Matemática sob a ótica dos formadores” Por Carlos Ian Bezerra De Melo		2021
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	“Fragmentos de identidades em (dis)curso” Por Campos, Alcione Gonçalves		2024
Universidade de Brasília (UNB)	“Desvelando identidades na formação docente: uma análise discursiva crítica das representações de alunos/as estagiários/		2020

	as” Por Santos, Leonardo José Ferreira dos		
--	--	--	--

Figura 6– Quadro de Dissertações e Teses. Fonte: Elaboração da autora

Nessa primeira pesquisa, foram encontrados nove trabalhos cuja temática era “identidade do professor”, porém os enfoques são distintos entre si e difere da pesquisa estabelecida neste trabalho. A que mais se aproximou foi a dissertação de Souza (2021), uma vez que aborda as formações imaginárias e a constituição da identidade docente. Seguindo com uma segunda etapa de pesquisa, a busca por trabalhos afins em temática na plataforma BDTD - utilizando as mesmas palavras-chave “identidade do professor” e “análise de discurso”, e delimitação temporal: 2020-2024, resultou em 590 trabalhos, entre dissertações e teses, os quais apresentavam as palavras-chave “identidade” e “professor”, contudo não refletiam a constituição da identidade docente por meio de representações imaginárias, ou analisando pelo viés de sites de instituições, utilizando os Operadores Booleanos que atuam como palavras que informam ao sistema de busca como combinar os termos da pesquisa, isto é, são palavras e símbolos que permitem expandir ou restringir parâmetros, bem como criar vários conceitos e palavras-chave alternativas. Esse conjunto de comandos pode ser usado em quase todos os mecanismos de pesquisas (simples ou complexas), banco de dados, catálogo online etc. São eles: AND, OR e NOT e significam, respectivamente, E, OU e NÃO e, a fim de facilitar a visualização da busca, é importante que estes sejam escritos em letras maiúsculas.²³

A terceira fase da pesquisa do levantamento bibliográfico foi no site do Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe - RI/UFS²⁴, com o objetivo de ter uma visão macro das pesquisas com a primeira etapa, e uma visão centrada na UFSE, local de publicação desta pesquisa. Utilizando os mesmos critérios de busca da primeira, apareceram

²³ Disponível em: <http://www.capcs.uerj.br/voce-sabe-o-que-sao-operadores-booleanos/>. Acesso em 9 de agosto de 2024.

²⁴ <https://ri.ufs.br/handle/riufs/2138> (Acesso em 9 de agosto de 2024).

12 resultados, mas somente 5 estavam realmente relacionados, dos quais foram encontradas 4 dissertações e uma tese. Tais pesquisas versavam sobre a identidade do professor de língua estrangeira e não seguiam a linha teórica adotada neste trabalho, e seguiam um percurso distinto, por isso não foram listados.

Tal levantamento não tem a pretensão de ser exaustivo e alcançar todas as publicações cuja temática seja “identidade do professor”, mas conhecer alguns trabalhos com a temática semelhante a nível nacional e na instituição de origem. Apesar de ser uma temática bastante estudada na contemporaneidade, um número pequeno de trabalhos foi alcançado, utilizando os descritores escolhidos, principalmente a delimitação temporal. Um aspecto interessante é que a Universidade Estadual de Londrina (UEL) foi a que apresentou mais publicações com temática relacionada, sendo cinco encontradas.

Com a revisão da literatura, a leitura do arquivo possibilitou a reflexão sobre as abordagens que o tema já obteve, além do direcionamento dos gestos de leitura já traçados. Nesse processo de investigação, a leitura aqui apresentada destaca a busca, na opacidade da linguagem, de representações da posição sujeito professor na mídia, sendo discursos de instituições educacionais que fazem homenagem aos docentes pelo dia comemorativo, mas que, implicitamente apresentam dizeres permeados por implícitos que atravessam os discursos sociais e são reatualizados metaforicamente, instituindo uma espécie de padrão sobre a profissão, isto é, explicita o que um professor deve ser para ocupar essa posição.

É relevante destacar que há vários trabalhos que tratam desta temática, em formatos diversos, mas, como critério para organizar os dados, a delimitação supracitada foi escolhida, uma vez que estariam mais alinhados com o proposto. Dando continuidade à estruturação do trabalho, segue a formulação do aporte através da escolha do método e dispositivo analítico.

3.4 Construção do método e do dispositivo analítico

Nesta etapa, para discorrer sobre o campo teórico da AD, serão mobilizadas noções tais como as de sujeito, ideologia, formação discursiva, interdiscurso, memória discursiva, espetacularização, pré-construído, condições de produção, a noção de acontecimento discursivo, formações imaginárias e representações. Isto é, será explanado, brevemente, o percurso teórico que Michel Pêcheux pensou para a AD desde 1969, além das relevantes contribuições de Orlandi para a AD no Brasil, por ser a posição teórica assumida neste trabalho.

Assim, tendo esse arcabouço teórico metodológico, alguns conceitos serão acionados para subsidiar o estudo, constituindo o dispositivo analítico, tais como Identidade, Identificação, (Des)identificação, Imagem, Representações imaginárias, Efeitos de Sentido, Simbólico, Posição sujeito, Lugar Social, Formações discursivas (FDS), Formações Ideológicas (FIs). Seguindo o postulado por Orlandi que afirma “A questão do método nos estudos da linguagem é questão fundamental”, além de expor que “as diferentes perspectivas pelas quais se observa um fato, ou acontecimento, dão origem a uma multidão de objetos de conhecimento, cada qual com suas características e propriedades” (Orlandi, 2001, p.17). Aqui é uma perspectiva de interpretação, orientada pelo “dispositivo teórico, que objetiva mediar o movimento entre a descrição e a interpretação”. (Orlandi, 2005, p.28). O dispositivo analítico é que direciona esse movimento de interpretação. E, ainda com a analista, reafirma-se a intenção de análise na AD:

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (Orlandi, 2015, p. 24).

Dessa maneira, entende-se a relevância de retomar a parte teórica, delineando como a análise, descrição e interpretação, dos objetos simbólicos selecionados apresentando o funcionamento do discurso e seus efeitos de sentido. Aqui está sendo proposto uma interpretação discursiva baseada nos objetos analisados. Isso posto, é o momento de apresentar *o corpus*.

3.5 O *corpus*

Após a organização do projeto de pesquisa, a formação dos referenciais e do aporte teóricos, foram feitas buscas em *sites*, *blogs*, páginas que apresentassem algo sobre o tema, focando em identidade do professor. Para isso, primeiro, ficou delimitado uma questão para a busca, qual seja “O que é ser professor?”. Em segundo lugar, o direcionamento foi observar páginas de instituições educacionais (portais, *sites*, *blogs* de escolas), e, por fim, observar as materialidades que utilizavam a questão de pesquisa como título ou temática para fazer a

homenagem aos professores pelo dia reservado a esse profissional: 15 de outubro. Essa escolha de observar textos que fazem homenagem ao professor se deu por ser uma situação festiva que destaca a profissão. E o discurso que permeia esses textos vão significar no cerne da questão “O que é ser professor?”, tornando-se materialidades cheias de sentidos e representações. Para a busca, utilizou-se os descritores: ‘professor’, ‘ser professor’, ‘o que é ser professor’, ‘identidade do professor’, em combinação com os operadores booleanos²⁵.

A organização do corpus, conforme explica Orlandi:

Assim, a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedecem a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visam a demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos. (Orlandi, 2015, p. 61 – itálicos da autora).

Com isso, esse direcionamento metodológico resultou em observações desse primeiro gesto de leitura tais como: 1. Para homenagear os professores, as instituições se utilizaram de professores ou de um profissional para escrever que funciona como a voz da instituição nesse espaço; 2. Essa questão “O que é ser professor?” que tem como resposta a caracterização do profissional professor e é utilizada para fazer a homenagem, mas que também vai delimitar a identidade da profissão por meio das imagens criadas no discurso. Seguindo esses critérios, os objetos simbólicos para análise foram selecionados de seis sites: **IFB, Instituto Federal de Brasília, com 7 SDs; o Portal SAE com 14 SDs; site EI- Escola da Inteligência- educação Socioemocional, com 8 SDs; site da Escola da Aldeia, com 6 SDs; UFS, Universidade**

²⁵ Os Operadores Booleanos atuam como palavras que informam ao sistema de busca como combinar os termos da pesquisa, isto é, são palavras e símbolos que permitem expandir ou restringir parâmetros, bem como criar vários conceitos e palavras-chave alternativas. Esse conjunto de comandos pode ser usado em quase todos os mecanismos de pesquisas (simples ou complexas), banco de dados, catálogo online etc. São eles: AND, OR e NOT e significam, respectivamente, E, OU e NÃO e, a fim de facilitar a visualização da busca, é importante que estes sejam escritos em letras maiúsculas. Disponível em: <http://www.capcs.uerj.br/voce-sabe-o-que-sao-operadores-booleans/>. Acesso em: 4 set. 2024.

Federal de Sergipe, página da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep) com 1 SD, e da página da Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) com 1 SD; IFS, Instituto Federal de Sergipe, com 6 SDs, somando 43 sequências discursivas analisadas.

Com o propósito de estabelecer um paralelo, o último material de análise, **Texto 7**, é formado por um trecho do discurso do deputado Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente Jair Bolsonaro. O deputado (PL-SP) Eduardo Bolsonaro, em um ato chamado “Pró-Armas”, ocorrido no dia oito de julho de 2023, estabelece, em seu discurso, uma comparação de professores com traficantes de drogas, chamando os docentes de “professores doutrinadores”, fato que repercutiu nas mídias e na sociedade. Esses discursos foram produzidos e reproduzidos desde o ano 2014, com o impeachment de Dilma Rousseff, colocando os profissionais em um embate social que desestabiliza ainda mais a profissão. Assim, o *corpus* é composto por homenagens de instituições educacionais e além de um discurso feito em um ato político para estabelecer um contraponto.

Em seguida, os sete materiais selecionados foram organizados por meio de recortes que conforme Orlandi (1984, p.14), “é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, o recorte é um fragmento da situação discursiva.” Ainda pela ótica da autora, o texto ou materialidade é o todo em que se organizam os recortes. Diante dos sete textos, cada um passou pelo segundo gesto devido ao processo de dividi-lo em unidades ou em sequências discursivas (SD), sendo essa última a nomenclatura usada nesta análise. Os textos foram reproduzidos conforme postados, salvo as questões de formatação, e estão na seção Anexos. Foram apresentadas, após uma breve contextualização, por tópicos, as Sequências Discursivas (SDs), seguidas de números, apenas para indicar a ordem do texto. Como Sequências Discursivas compreende-se, baseando-se em Orlandi (2019), unidades de sentido que compõem o discurso, sendo formadas por elementos linguísticos e extralinguísticos que se inter-relacionam para construir um significado coerente.

Nesse processo interpretativo, compreende-se a regularidade do processo discursivo por meio das condições de produção que configuram o conjunto de SDs do corpus analisado, observando os efeitos de sentido, os ditos que constituem a memória e as FDs que vão formar os discursos. O *corpus* é, então, esse todo que desvela suas evidências de sentido. Ainda segundo Orlandi (2001, p. 63), “a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas”.

Como algumas SDs no mesmo texto (materialização do discurso) formulavam um fio de sentido semelhante, foram analisadas de uma só vez, mesmo que cada uma possa levar a

interpretações outras, dito e sentidos diversos, porém, nesse processo interpretativo, assim ficou estabelecido. Como na AD as condições de produção e força são relevantes para a compreensão dos sentidos, a próxima seção explicita esse aspecto.

3.6 As condições de produção e força

As materialidades foram selecionadas de páginas da web que funcionam como um anúncio ou portfólio digital da escola, comum no contexto tecnológico atual. Estas são de instituições do ensino básico, algumas também direcionadas ao técnico e superior e ao ensino superior. As circunstâncias imediatas da produção correspondem a um texto elaborado para postar em um site institucional representando uma homenagem ao profissional que faz parte do quadro institucional, mas também aos outros profissionais e aos leitores da página. Estes podem ser futuros profissionais ou clientes (pais que pretendem colocar seus filhos, alunos que desejam ingressar na instituição...). O contexto de circulação é a web, espaço tecnológico de grande abrangência. O contexto de circulação é relevante para a análise, uma vez que significa os dizeres. Em relação aos meios de circulação e produção, Orlandi (2012):

Acrescentamos ainda a importância da instância da circulação onde os dizeres são como se mostram. Os trajetos dos dizeres. E isto nos interessa pois, como procuraremos mostrar, os “meios” não são nunca neutros. Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (em que meios e de que maneira: escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música etc.) (Orlandi, 2012, p. 11).

O espaço no qual os textos circulam é o próprio espaço da instituição no meio tecnológico, sendo seu representante on-line. Diante dessas colocações, o discurso de homenagem textualiza um dizer que formula sentidos correspondentes às condições de produção: Espaço virtual, em que Professores, enquanto funcionários da instituição, ou profissionais da educação que estão falando de outra posição, escrevem uma homenagem ao profissional com o intuito de felicitá-lo, mas o discurso é construído em torno do que é ser professor, do professor conforme aquele modelo educacional, de sua imagem de professor, ou seja, o não-dito significa nesse contexto. E as condições de força marcadas entre posições como empregador/empregado, em uma relação indireta, e como instituição educacional-locutor/ interlocutores- (público geral, professores, pais, alunos), demarcando o lugar social, a posição da instituição, relação simbólica de poder e dominação.

Após a apresentação do processo metodológico, na sequência, o quarto capítulo apresenta as SDs e as análises discursivas.

4. CAPÍTULO 4 UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO: SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

Compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto linguístico- histórico, é explicitar como realiza a discursividade que o constitui. (Orlandi, 2005, 70).

O *corpus* foi organizado tentando, a partir de um gesto de leitura e de interpretação pela busca da opacidade da linguagem, observar postagens em *blogs* de instituições educacionais que trouxessem como temática “O que é ser professor?”, como homenagem ao Dia dos Professores. Nessas textualidades, há seis materialidades que foram publicados em homenagem a esse dia por Instituições com páginas na internet, como também a última textualidade que apresenta um trecho do discurso do filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, o deputado (PL-SP) Eduardo Bolsonaro em um ato chamado “Pró-Armas”, ocorrido no dia oito de julho de 2023.

Em seu discurso, o deputado estabelece uma comparação de professores com traficantes de drogas, chamando os docentes de “professores doutrinadores”. Esta escolha se deve ao fato de que a análise busca nos discursos selecionados os processos de enunciação que são atravessados por FDs que formulam Representações Imaginárias do sujeito professor, enquanto Instituição que emprega professores e é formada por professores, trabalhando a educação. Como contraponto, a última materialidade traz o discurso contra a docência, sendo reiterados na e pela mídia e (re) produzindo Efeitos de Sentido que atravessam o sujeito professor, como os demais sujeitos sociais, no processo de constituição da identidade desse profissional enquanto posição sujeito, um lugar social. A seguir, serão apresentadas as sequências.

4.1 Texto 1²⁶

Essa primeira materialidade foi retirada da **IFB, Instituto Federal de Brasília**, que oferece cursos a nível técnico, superior (graduação e pós-graduação). São dez *campi*, além da Educação à distância. Nessa materialidade, a imagem que antecede a textualidade já apresenta

²⁶<https://www.ifb.edu.br/principal>

uma representação do sujeito professor: uma mulher, com cabelos longos presos, branca, óculos grandes e semblante meigo, delicado. São traços que já remete à FD de professor como figura feminina, materna, e sempre delicada, assim como foi pensado a imagem do professor em sua origem. Além disso, a imagem da mulher mostra que está vestindo a farda do Instituto, toda de verde, inclusive o adereço do cabelo, remetendo ao “vestir a camisa da empresa”, corroborando com a FD de dedicação, compromisso, comprometimento. E em seguida, a imagem apresenta a textualidade que retoma o já-dito no não verbal, sequências discursivas que trazem a representação do sujeito professor, construindo sua identidade:

SD (1) “Em um mundo de tantas mudanças e inovações tecnológicas, a figura do professor continua sendo referência de aprendizagem, ensinamento e dedicação.”

O sujeito-professor é representado como uma figura romantizada, usando-o como referência entre outras coisas, a “dedicação”, característica que reforça estereótipos em relação ao lugar do professor na sociedade. Logo, ao apresentar um sujeito que simboliza o aprender, a dedicação, criando um imaginário que é resgatado pela memória discursiva de que o professor representava a figura da mãe, do amor, do afeto, revelando “implícitos” que dialogam com a exterioridade, expectativas acerca da posição sujeito professor que revelam o imaginário criado para esse lugar social. A expressão “figura do professor” já remete a uma imagem, entidade. A escolha pelo verbo “continuar”, que indica permanência de estado, alegando que essa figura permanece sendo referência. Em seguida, a textualidade já inicia apresentando uma sequência discursiva que reforça esse dizer:

SD (2) “Ser professor, além de ensinar, é saber viver, conviver, respeitar o próximo e aprender com ele. É um compromisso consigo mesmo. É na generosidade, poder disseminar conhecimento. Ser professor, é legado e também uma missão cotidiana.”

Percebe-se a FD do professor como sujeito além do profissional, pois mais que estar presente em sala de aula é um sujeito social que deve SABER além dos conhecimentos da área: “saber viver, conviver, respeitar o próximo e aprender com ele”. Implicitamente, é dito que o professor é mais que uma profissão, levando ao sentimento, a uma questão de ser. Isso reflete a origem da profissão, formada por mulheres, vistas como mães, cuidadoras, FDs que se reformulam e atravessam os discursos sociais, das instituições, dos pais, do próprio Estado que caracterizam o professor além de suas qualidades profissionais, e, por isso, o professor

não é um lugar social que recebe alta remuneração, que pode ter um envolvimento partidário etc.

Ainda nesta SD, o não dito apresenta a profissão, e como é uma homenagem ao dia do professor, sugere a ele ver a sua profissão como algo a ser zelado e adubado com muito preparo subjetivo, além do teórico “É um compromisso consigo mesmo. É na generosidade, poder disseminar conhecimento. Ser professor, é legado e também uma missão cotidiana”. Feracine (1998) apresenta uma reflexão de Rubem Alves que mostra uma distinção entre professor e educador, ao afirmar que, “professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda uma vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança” (Alves apud Feracine 1998, p. 50). Fica evidente que essas construções acerca do sujeito professor atravessam os discursos até de professores, ou profissionais que trabalham com o conhecimento, havendo essas distinções que reforçam a mítica do lugar social desse sujeito. Ainda relacionado a esse aspecto, Freitas expõe que o professor, por essa ótica (mesma de Alves), tem um papel social a cumprir, papel este, que se delimita a “provocar “conflitos intelectuais”, para que, na busca do equilíbrio, o aluno se desenvolva” (Freitas, 2005, p. 95).

O efeito de sentido materializado nesse discurso, ou o efeito da ideologia no funcionamento da linguagem por meio dos implícitos, é do papel do professor “por amor” como o amor de uma mulher com seu filho quando se torna mãe. Inicialmente, com a institucionalização, a profissão foi atribuída a mulheres devido a sua característica maternal, de cuidado, proteção e ensinamento, funções da “dona do lar”, da mulher na sociedade patriarcal. Como a sociedade se transformou, e a linguagem é histórica e social, ela também se modifica com o tempo, alterando-se de acordo com o contexto, e com os sujeitos e os grupos sociais que a empregam. Esse fato produz o efeito de evidência que naturaliza a compreensão de que um sujeito é algo por sua própria vontade e característica, não sendo relacionado a historicidade dos discursos que formam as formações discursivas com as formas de identificação e (des)identificação que constituem o bojo da construção identitária dos sujeitos.

SD (3) “[...] um mundo de tantas mudanças e inovações tecnológicas, continua sendo referência de aprendizagem, ensinamento e dedicação.”

A textualidade apresenta mais atribuições caracterizadas ainda pela dedicação como um *topoi*²⁷, argumento já naturalizado socialmente na representação da identidade do professor que como sujeito que vive numa interdependência entre o individual e o coletivo, precisa do reconhecimento do coletivo, e o coletivo necessita da capacidade de intervenção do individual. Além disso, ele enquanto sujeito social é perpassado por essas formações discursivas acerca da posição social do professor, enquanto profissão. Essa identidade profissional é um fenômeno complexo, paralelamente construída com a dimensão individual, também atravessada por várias formulações que formam a personalidade. Daí essa representação social historicamente organizada, representação que suscitam significações e seus efeitos de sentido entre o real e as imagens construídas a partir dessa formação social.

Dessa maneira, o mundo todo é feito de representações, e elas podem apresentar semelhanças entre representações coletivas e individuais, uma vez que ambas são representações que estão inseridas no social, na historicidade. As representações compreendem, nesse caso, um sistema de ideias que formam um sistema de práticas, o qual procura exprimir o mundo. Ao fazer um paralelo com o que o materialismo histórico compreende, ter-se-á que esse sistema de ideias seriam as FDs que permeiam os discursos, sendo reatualizadas ao longo do tempo nos intradiscursos. Segundo Moscovici as representações

são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aquelas e estas e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior”. (Moscovici, 1978, p.50)

Segundo o autor, esse processo relaciona o conceito com a imagem, ou seja, as palavras são incorporadas no “núcleo figurativo, uma estrutura de imagem que reproduz uma estrutura conceptual de uma maneira visível”, (Moscovici, 1985, p.22). Isto significa pensar

²⁷ Topoi: De origem Grega significa ponto comum de partida de uma argumentação. <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/topos/topoi/>
Convenção ou tema literário ou retórico que se repete com frequência (ex.: analisou os topoi do discurso político). Plural: topoi; Origem etimológica: palavra grega que significa "lugar". "tópos", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/t%C3%B3pos>.

que esses sujeitos fazem parte de sistemas discursivos e simbólicos que também os compõem. A segunda fase acontece, conforme o autor, quando os elementos do pensamento são transpostos para a realidade, não havendo mais separação entre a representação e o objeto representado. Dessa forma, ancoragem e objetivação são fundamentais para a construção das representações sociais. Por meio dessa abordagem, é possível analisar o pensamento e a prática social do grupo em enfoque. Assim, o sujeito individual-coletivo observa a profissão docente, esse lugar social, que, na conjuntura atual, é de transformação, de mudança nas metodologias de ensino. Há uma variedade de significados em que consiste ser professor, há várias representações que perpassam pelo nível do imaginário das identidades desses profissionais que são ressignificados de várias e diferentes formas, influenciando a construção da realidade social e sendo influenciados por elas paulatinamente.

Já nos depoimentos dos próprios professores há esse imaginário, essa identificação pelo processo de interpelação ideológica com a ideia de professor como missão, dom, amor, sendo comprovado com as expressões:

SD (4) “a paixão pelo privilégio de ser um profissional da educação”

SD (5) “É um desafio e tem sido muito gratificante”

SD (6) “É uma maneira muito significativa de contribuir para o bem-estar social”

SD (7) “Ser professor é transformar o país, ajudar na transformação das pessoas e um trabalho muito importante, um trabalho social. Para mim é uma missão.”

Esses depoimentos reforçam a idealização do lugar sujeito professor, concordando com a ideologia da instituição, o imaginário do professor como um lugar social diferenciado, tendo uma missão, parecendo um super-herói, o Bom sujeito. Nesse discurso, há a identificação do sujeito professor com a imagem que (re) produzem de sua profissão, há uma regularidade nos sentidos de ser professor que envolve amor, paixão, entrega e transformação em todo discurso, assim sendo ideologicamente o Bom sujeito. Pode-se dizer que, com essa idealização, tem-se uma distopia, ou seja, um estado imaginário em que o sujeito vive, devido à condição de opressão. Segue o texto 2.

4.2 Texto 2²⁸

²⁸ <https://sae.digital/tecnologia/portal-sae/>

O texto dois foi selecionado do site SAE, o Portal SAE é voltado para docentes oferecendo projetos, práticas e atividades para o professor utilizar em suas aulas, caso se associe. Trabalha com as modalidades: Educação Infantil; Ensino Fundamental; Ensino Médio; Pré-vestibular, sendo ofertado o ambiente Ava para alunos e escola. Conforme o site: “O Portal SAE proporciona a democratização do conhecimento e o intercâmbio de experiências educacionais.” (<https://sae.digital/tecnologia/portal-sae/>). Conforme exposto na própria página os materiais por eles produzidos “colocam o aluno no centro do processo de ensino e de aprendizagem.” (<https://sae.digital/>)

Já no início da discursividade, há a tentativa de resposta a pergunta que iniciam o texto, demonstra uma FI atravessada por FDs diferentes dos conceitos apresentados do “ser professor”, que conforme a teoria, muda seu objetivo, como percebe-se em:

SD (1) “Ser professor tem como maior objetivo ensinar, construir conhecimentos com os alunos, compartilhar informações, instruir, corrigir, apresentar caminhos e possibilidades.”

SD (2) “Para realizar essa tarefa, é necessário aprender a ensinar. Essa é uma profissão que exige muito preparo e dedicação, sendo preciso adquirir conhecimentos sólidos, por meio de estudos, pesquisas e constante atualização – nunca para de estudar.”

As três SDs seguintes descrevem a formação do professor, todas as etapas da fase formativa nessa mesma linha de discurso: como o sujeito deve proceder para ser um profissional professor, isto é, deixar de ser o sujeito e ser um sujeito social “sujeito professor”, reconhecido nesse contexto:

SD (3), “Entretanto, ser professor é muito mais do que dar aulas, passar atividades e corrigi-las. Além de formação acadêmica, devem ter habilidades socioemocionais, desenvolvendo afetividade e vínculo com os alunos para que a aprendizagem seja efetiva.”

SD (4) “A afetividade é fundamental para a aprendizagem, por isso é comum ouvir que alguém é professor por amor. As trocas de afeto entre o professor e o aluno permitem o desenvolvimento de habilidades relacionais, sociais e cognitivas, necessárias para o processo de ensino e aprendizagem.”

SD (5) “Uma pesquisa realizada em 2018 confirma que 52% dos professores exercem a profissão por amor, pois sentem prazer em compartilhar do conhecimento e em colaborar com a formação de crianças e jovens.”

As três sequências discursivas acima trazem um outro aspecto para esse sujeito professor: “a afetividade”. Além de todo o processo de formação, o sujeito professor tem que ter qualidades emocionais para estabelecer o “vínculo”. A profissão “professor” não deve, segundo o texto, ficar só no conhecimento, ela vai além, alcança relações emocionais, sentimentais. Daí as regularidades que são estabelecidas pelos sentidos da ideologia dominante: “professor por amor”, não é somente o trabalho que leva ao salário; é mais que isso, é afetividade, amor. As SD (4) e SD (5) reforçam o “professor por amor”, discurso que atravessa a docência desde o início, desde a institucionalização, quando as crianças passaram a ser aprendizes, e a educação delas ficou sob encargo da mulher que devido a características maternais, era vista como uma educadora inata. Diante desse primeiro cenário, o processo histórico da docência foi perpassado por Formações Discursivas que reforçam o estereótipo da feminização que até pouco tempo vigorava na sociedade.

No decorrer dos anos, as mudanças do magistério e da licenciatura em geral, ampliou os profissionais, sendo homem ou mulher, todavia as representações sociais do ideário materno de acolhimento, proteção, afetividade e amor são reatualizadas ainda sendo vistas como característicos da docência. Ainda em SD (5), se apresenta “exercem a profissão por amor”, resultado de uma pesquisa em que 52% dos professores dizem isso. Esse dado contrasta com a realidade em que docentes estão cada vez mais doentes, mais apreensivos quanto as cobranças da carreira.

SD (6) “Ser professor é ser um exemplo aos alunos, por ser uma das figuras mais próximas, ele costuma servir de modelo e referencial para as crianças e os jovens, que o admiram por sua inteligência e os inspiram a ser como ele. Além disso, os encoraja a seguir seus sonhos por meio da educação.”

Essa sequência traz um resumo de todas as outras sequências que se seguem após a SD (5), o imaginário de professor que além do conhecimento, deve possuir várias outras habilidades para se configurar sujeito professor: “habilidades relacionais, sociais e cognitivas”, “agente social”, “agente formador de cidadãos aptos a atuar na comunidade onde vivem, munidos de conhecimento e habilidades essenciais”, finalizando na SD (6) em que se coloca que “ser um exemplo aos alunos”. Tais expectativas acerca do professor sugerem ainda

a relação inicial da educação com a maternidade, a mãe tudo sabe, tudo suporta, a mãe possui habilidades diferenciadas para ser a Mãe.

Esses sentidos de professor formam uma FD pedagógica que traz as instruções de como deve ser esse profissional. Além de ser professor, remete a pedagogias atuais, professor como agente transformador, como aquele que transforma o social, havendo a transferência de sentidos. Ao mesmo tempo que o sujeito professor é atravessado por esses discursos, ele também é desrespeitado socialmente, seu salário, suas condições de trabalho, as cobranças. O estranhamento se o professor tem carro, ou demonstra condições sociais boas, o estranhamento em ver que o professor tem vida social além da vida profissional, demonstra quão contraditória é essa posição social. Essa discursividade materializa um discurso pedagogizante para o professor, responde à questão “o que é?” perfeitamente, listando as atribuições ao sujeito professor que não param, assim como a sociedade se transforma, a educação também se transforma, e com ela a identidade do sujeito professor que deve ser adequar a novas tecnologias, deve cuidar do projeto de vida do aluno, quando nem todos os professores tiveram um projeto para sua vida, e devem fazer do aluno um protagonista, muitas vezes não sendo um. Mais um mecanismo que opera para que o professor sirva a ideologia dominante. Essa nova identidade é colocada em SD (7) e SD (8).

SD (7) “Atualmente, o professor é um mediador do conhecimento, o que projeta o aluno como protagonista do próprio aprendizado, bem diferente do modelo tradicional de educação.”

SD (8) “A nova pedagogia tem o professor como incentivador e orientador da aprendizagem, que proporciona aos alunos a iniciativa e autonomia na construção de conhecimento e consolidação da aprendizagem.”

O professor deve mediar, incentivar, orientar, deve compreender as novas tecnologias e diversificar em suas aulas. A identidade, assim como afirmou Ciampa (1987) é metamorfose, conforme a necessidade do contexto social. Em relação a essa questão, o autor ainda afirma que “[...] as identidades constituem uma sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela” (Ciampa, 1987, p. 127). Esse movimento simbólico na movência de sentidos, os discursos se reatualizam, em um processo parafrástico, o professor tem suas atribuições atualizadas também conforme as práticas sociais.

Esse discurso contextualiza a identidade do sujeito professor de forma objetiva, como se o sujeito desvelasse de si para construir essa identidade profissional complexa. Porém a história, em sua própria historicidade, não é estagnada, não traz formas estáveis, pelo

contrário, carrega a dinamicidade e reatualiza ditos, construídos, reatualiza e cria outros sentidos. Assim, uma identidade social é um projeto, uma estratégia de construção da própria imagem que está atravessada por esse movimento de sentidos. O homem é inelutavelmente constituído por sua relação com o simbólico, e constrói sua identidade social por um movimento de formação da própria imagem de referência, tanto para si, quanto para os outros.

A forma «relacional para outrem» define-se antes de mais pelas interações e por elas no seio dum sistema instituído e hierarquizado. Ela constrói-se sob pressões de integração às instituições: a família, a escola, os grupos profissionais, o Estado. Ela define-se através de «categorias de identificação» nas diversas esferas da vida social. É uma identidade que implica um «Eu socializado» pelo desempenho de papéis. Pode-se denominá-la identificação estatutária, na condição de nos lembrarmos que, nas sociedades modernas, os estatutos e os papéis são múltiplos e que, por isso, o Eu se torna “plural”. A identidade de Corte (caso no 2) é uma ilustração histórica da sua hegemonia num quadro que se torna societário, mas ela continua pertinente nas sociedades actuais *como meio para identificar os indivíduos a partir dos seus papéis.*²⁹ (Dubar, 2009, p.51)

Nesses processos identitários, esse “eu” plural que implica uma identidade socializada, mas também plural, sempre mutável, advém da imagem que o sujeito professor constrói de si mesmo e de si perante a sociedade. Esse processo possibilita a identificação ou a (des)identificação desse sujeito em constante transformação, que se reconstrói ao longo da vida, de acordo com suas experiências sociais e individuais para constituir a identidade profissional. Na perspectiva da construção de sentidos para a docência, de acordo com Nóvoa (1992, p. 7), “não é possível separar o eu pessoal do eu profissional”. Com isso, o sujeito manifesta sua subjetividade e interpreta suas ações no plano individual e coletivo, em uma constante busca por sentidos para a construção de sua identidade profissional.

Ainda pautando-se nesse autor, Nóvoa (1992) coloca que a profissão docente é perpassada por uma “crise de identidade”, uma vez que a separação entre o “eu pessoal” - sujeito - e o “eu profissional” - sujeito social não é alcançada e uma interfere na outra, por isso a identidade corresponde à forma de ser e estar em uma profissão, sendo construída ao longo da vida e também no exercício da profissão docente, estando sujeita às características pessoais e profissionais dos indivíduos. E, assim, a construção identitária contribuirá com a

²⁹ Grifos meus.

forma como o homem se coloca perante o mundo e diante das relações de trabalho (Gatti, 1996).

SD (9) “As metodologias de ensino se transformaram e o professor precisou se reinventar, introduzindo em suas aulas as metodologias ativas, o ensino híbrido, a gamificação, a cultura maker, os recursos digitais, a sala de aula invertida, entre outros.”

SD (10) “O professor deve se adequar às diretrizes educacionais, que se atualizam constantemente, respeitando suas definições no planejamento e execução das aulas, adaptando sua metodologia para contemplar o que as leis determinam.

SD (11) “A principal normativa em que o professor deve se basear é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define as aprendizagens essenciais e as competências que todos os alunos precisam desenvolver ao longo da Educação Básica.”

SD (12) “Os professores também devem contemplar uma formação integral, que envolve além dos aspectos acadêmicos, os emocionais e sociais, bem como o desenvolvimento das habilidades do futuro.”

SD (13) “Além disso, após a formação inicial, o professor deve seguir com a formação continuada, uma necessidade ainda mais acentuada atualmente, em razão das constantes atualizações nos processos educativos. O processo de formação do professor não se encerra na graduação ou licenciatura, tampouco na pós-graduação ou em cursos de especialização, é preciso que os docentes continuem seus estudos.”

SD (14) “A formação continuada é um processo permanente e constante de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade dos educadores. É uma prática de desenvolvimento pessoal e profissional do professor, fundamental para adquirir habilidades e se adaptar à realidade em que estão inseridos, com base na construção de novos conhecimentos.”

Nas sequências discursivas, percebe-se o uso do imperativo nas formas verbais “deve se adequar”, “deve se basear”, “devem contemplar”, “deve seguir”. Essa escolha remete a ideia dos textos instrucionais que servem para orientar, ensinar. A intenção é apresentar o passo a passo do que é e precisa fazer para exercer o papel de professor, produzindo o efeito de sentido, por meio do interdiscurso, da ideologia do professor que ensina, transmite o

conhecimento, mas que também deve aprender, ser exemplo”. Para ocupar esse lugar social, há uma série de “instruções” que compõe essa identidade profissional imaginada pela instituição. A materialidade do que é ser professor vai engendrando as representações imaginárias que remetem a uma referência a um real empírico e a sua referência imaginária que corresponde a sua posição ocupada no imaginário social do qual faz parte. Além de haver essa espécie de ordem/ instrução “deve fazer algo”, como fazer para ser o “eu-professor”, é apresentado um documento norteador, a BNCC apresentada na SD (11), normativa que “deve” ser seguida, ou seja, não é uma profissão que se executa como quiser.

As formações discursivas pedagógicas que vão ser reatualizadas produzindo efeitos de sentidos tais como “professor sempre em formação”, “professor não ensina o que quer”, “o professor como exemplo”, dentre outras leituras que configuram FIs de ideologias dominantes, as quais reproduzem as regras de submissão da ideologia vigente, assegurando com palavras a dominação capitalista, reproduzindo também as condições materiais de produção.

Já na SD (14), há uma correlação entre a identidade profissional e pessoal: “[...] é uma prática de desenvolvimento pessoal e profissional do professor[...]”, ou seja, são identidades correlatas, uma atravessa a outra. Estas caracterizações que atribuem ao professor, dando pistas do lugar imaginário que é atribuído a esse sujeito, sendo amplamente reproduzido, não deixa de afetar de alguma maneira as identidades deles, ele tem que ser professor em todos os momentos, não há separação entre particular e profissional. Paralelo a isso, cria-se um lugar ideal no qual o professor é colocado, determinando os dizeres do próprio docente, moldando seu discurso. E assim, regula o que ele pode ou não dizer em determinadas condições de produção. No tocante a formação da identidade, Ciampa coloca que

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida... Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia... A questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é, sobretudo, uma questão social, uma questão política. (Ciampa, 1987, p. 127)

O objeto discursivo, ao responder à questão “O que é ser professor?” aciona FDs que reatualizam os deveres do ser social professor, conforme representações sociais que são atualizadas e reformuladas ao longo do tempo. Com isso, percebe-se que a identidade é compreendida tanto no plano pessoal quanto no plano profissional, através de um processo constante de desenvolvimento intelectual, aperfeiçoamento de práticas. Esse processo ocorre na construção e desconstrução que o sujeito histórico, político e social vivência, tanto

individual quanto coletivamente, processo inter- e intrapessoal, pois está em seu processo de metamorfose. Ciampa (1987) afirma que a identidade é posta como uma personagem, e personagem tem um papel pré-definido. Isso significa dizer que “interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso (1987, p.131)”, e tudo que é dito sobre o “papel”, ou seja, a posição-sujeito, é reatualizado inconscientemente, levando ao que Pêcheux formulou como efeito de sentido que produz a ilusão de um sentido único. Essa ilusão corresponde ao esquecimento nº 1, conforme explicado na parte teórica, no qual os sujeitos são a fonte do sentido e do esquecimento nº 2 que significa a ilusão de ter domínio do que dizem. (Pêcheux, 2010, p.82). Tais sentidos são produzidos e atualizados pelo imaginário social, resultado das relações entre poder e sentidos. Ainda pensando nas FDs e na historicidade que as atualiza, a posição social sujeito professor é atravessada por discursos de sua representação que provocam a identificação ou a (des) identificação. Sarmento (2013), tratando dessa temática afirma

A maior parte do tempo de vida dos professores é passado na escola, primeiro enquanto alunos depois como professores, daí que tenham sido muitas as narrativas que ouvimos sobre esse contexto, testemunhos esses que se articulam com aprendizagens da profissão: ora por identificação, ora por confronto. (Sarmento, 2013, p.8)

Sob esse viés, os efeitos discursivos criados por meio da Instituição pela homenagem ao Dia do Professor já direcionam como é ou deve ser esse profissional neste local. A formação da identidade está intrinsecamente relacionada a um conjunto de lembranças, ao interdiscurso que a sustenta e valida esses dizeres e imagens construídas. Essa construção identitária ocorre no contexto das instituições sociais, sendo influenciada pela formação e pelo imaginário social, dos quais as identidades extraem seus símbolos e representações. Em síntese, a identidade é um produto da construção social, como podemos depreender da análise acima. Em seguida, a análise das SDs do texto 3.

4.3 Texto 3³⁰

O texto 3 foi publicado no site EI- Escola da Inteligência- educação Socioemocional, plataforma que disponibiliza para parceiros um programa de ensino socioemocional,

³⁰ <https://escoladainteligencia.com.br/>

conforme os direcionamentos da BNCC e em consonância com o Novo Ensino Médio. O site apresenta o nome de Augusto Cury em sua página, na parte superior, fazendo referência à obra do autor cujo nome é esse, além de diversos trabalhos e palestras sobre o tema. A postagem é do dia 17/12, depois do dia dedicado aos professores e tem, inicialmente, uma imagem que mostra um professor, homem, de óculos, barbudo e com estilo moderno, num misto de formal e descontraído ao mesmo tempo, explanando na lousa, com um giz, aparentemente, mas, na mesa, está o notebook. O não verbal apresenta um deslocamento de sentido, o já-dito, é a relação que o autor faz entre o que já se conhece com sua formação ideológica a partir do seu interdiscurso sobre o professor, a formulação da mulher séria, dedicada, acolhedora, os óculos, o giz, ou, o homem sério, mais velho, formal, geralmente com terno, ou jaleco é deslocado, em uma relação polissêmica, o processo metafórico do sentido, constituindo um novo sentido, isto é, do sentido existente que se forma o novo.

Segundo Orlandi

[...]a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos- e os sujeitos- não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. (Orlandi, 2005, p.38)

Assim, o sentido é atualizado e tem-se a proposta do professor jovem, moderno, de tênis, e o paralelo entre a lousa e o giz e o notebook, a atualização do lugar social do professor. Seguem as SDs:

SD (1) “Ser professor é muito mais que exercer uma profissão, dar aulas, aplicar e corrigir provas. Ser professor é uma profissão que exige muito esforço, preparo, conhecimento, pesquisa, tempo e dedicação, mais ainda, que requer compromisso e comprometimento. Mas quando se é professor... ah, isso não é nada!”

Para definir o que é ser professor, nesta materialidade assim como na outra, há a apresentação em todas as sequências do *corpus* das atribuições do sujeito professor para ocupar essa posição, sempre fazendo uso da expressão “Ser professor é...” Assim como as sequências do texto 1, nesta já se enumera quais características ou ações o sujeito deve ter, sempre ligando o sujeito do período “Ser professor” ao seu predicativo (“muito mais que[...]”; “uma profissão que[...]”) por meio do verbo de ligação ser, “é”, cuja indicação é estado permanente. O predicativo é formado por uma oração subordinada relativa(adjetiva) restritiva

restringindo ou delimitando o significado do antecedente, sendo sintaticamente um adjunto adnominal que caracteriza ou determina o nome, ou seja, professor.

É uma delimitação que fica subentendido que tais determinações são essenciais para a posição social, discursos já-ditos que formam a memória discursiva o interdiscurso que é apresentada por Pêcheux (1995) como aquilo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, ou seja, formado de um já-dito, já-lá, um pré-construído. Este é apresentado pelo estudioso: “remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (Pêcheux, 1995, p. 89). Porém, conclui com a exclamação: “ah, isso não é nada!” que remete implicitamente à pré-construídos, tais como: Professor Acolhedor, “tio/tia”, os quais formam o interdiscurso que vai se reformulando historicamente e operando ideologias dominantes: professor como substituto da “mãe”, cuidadora, dedicada, que faz tudo, mas para ela, ou para esse sujeito professor, é normal, “não é nada” (“as mães fazem tudo pelos filhos, por amor”).

SD (2) “O profissional da educação sabe que seu objetivo maior é ensinar, compreende que o caminho para isso é muito mais complexo, não exige apenas seu desenvolvimento cognitivo, mas sim de suas habilidades socioemocionais que possibilitarão uma atuação mais efetiva e próxima. Conduzir, acompanhar...”

Na SD (2), o sujeito professor é posto como consciente do objetivo de seu lugar social, da complexidade para alcançá-lo. Todo professor tem essa consciência? É uma questão proposta para essa FD, todos os professores possuem como objetivo maior ensinar. Essa FD, perpassada ideologicamente pela tradicional identidade do professor “aquele que ensina”; “aquele que precisa saber tudo”. Além disso, ele tem que desenvolver nele mesmo habilidades socioemocionais, ou seja, ele não passou por esse processo de ensino-aprendizagem, mas sua identidade exige que ele as desenvolva.

Neste discurso, há muitas (des)identificações visíveis na sociedade. Muitos profissionais que são professores por falta de opção para outra profissão, ou por ter tido a oportunidade de passar no curso de graduação e em concurso, é ensinar não é seu objetivo, mas a remuneração, a sobrevivência na sociedade capitalista. Muitos outros sujeitos professores não possuem essas habilidades socioemocionais e acumulam transtornos emocionais e psicológicos. Há relatos comuns sobre esses acontecimentos na mídia, em jornais.

SD (3) “Ser professor é compartilhar conhecimento, propagar informação, fazer o outro crescer, mostrar caminhos, dar as mãos, e para isso tudo é necessário criar vínculos, se aproximar e compreender o outro, o que exige amor!”

Nessa sequência, os verbos “compartilhar”, “propagar”, “fazer”, “aproximar”, “compreender” que estão no infinitivo, mas significam injunções para os profissionais ocuparem o lugar social dessa profissão, constituindo essa identidade. Mais uma vez o professor é aquele que tem que: “criar vínculos”, “se aproximar”, “compreender o outro”, características que vão além do saber profissional. E conclui esse período com “o que exige amor”, o que reforça a FD de professor por amor.

Essas construções linguísticas produzem efeitos de sentido nos interlocutores, fazendo com que a identidade docente seja o Outro, a alteridade. E o professor tenta se reconhecer, busca a identificação com esse Outro que ele precisa ser, mas em várias situações não o é, remetendo a afirmação de que toda construção identitária é um processo discursivo que se caracteriza por exclusões (que implicam apagamentos, interdições) e relações com a alteridade (que produzem a diferença). Percebe-se que é um discurso em que a voz é do dominador, a voz é da instituição. O objetivo é homenagear, mas, implicitamente, o não dito, também há a mobilização de outros sentidos para criar a representação do professor que é observada na escolha da organização sintática e lexical: “Ser professor é...”

SD (4) “Todo professor deve se orgulhar do vínculo que cria com seus alunos e do comprometimento com sua missão. É necessário estabelecer uma parceria na qual ambos aprendam e cresçam.”

Seguindo a FD pedagógica que traz “professor por amor”, a SD (4) materializa mais uma vez a questão da obrigação através da expressão “deve se orgulhar”. O auxiliar no modo imperativo³¹ reforça o sentido de obrigação, pois exprime uma ordem, uma recomendação, e este sentido é reforçado no sintagma nominal com o pronome indefinido “Todo” para indicar a totalidade. Em seguida, inicia o período com a estrutura sintática “é necessário”: verbo ser no presente do indicativo, seguido do predicativo marcado pela palavra “necessário”, a qual

³¹ Imperativo: De acordo com o dicionário de Bechara (2011), a segunda acepção: [...] Gram. Diz-se do modo verbal no qual o falante, expressando sua vontade em relação ao ouvinte, indica ordem, pedido, exortação etc.[...] (Bechara, 2011, p. 715).

indica algo que precisa ser realizado, ou seja, outra recomendação para a formação da identidade profissional do docente. O complemento da palavra “necessário” é “estabelecer”, indicando sua “tarefa” que corresponde à sugestão sobre o comportamento do professor para se aproximar do discente, expresso pelo sintagma “uma parceria”, o professor deve ser parceiro do aluno. Como efeito, há o sentido de possibilidade de escolhas, o sujeito possui a ilusão que pode escolher.

SD (5) “Doa-se sem esperar o retorno, pois reconhece que proteger a emoção é essencial para nutrir as relações saudáveis. Ter o olhar no outro (...) Não importa se é um professor da Educação Infantil, do Fundamental ou do Ensino Médio, qualquer um deles sabe que é preciso conhecer e reconhecer o contexto de cada aluno, suas necessidades e seu repertório de vida.”

A sequência cinco é perpassada pela FD educação que é constituída pelos sentidos do amor maternal, da doação sem retorno em qualquer etapa do ensino, o professor tem que conhecer o aluno, materializado em “é preciso”, isto é, é uma necessidade estabelecer esse contato, essa relação, saber o contexto do aluno. Essa construção linguística segue na SD (6).

SD (6) “Sabe que é preciso se despir das suas crenças e se libertar de qualquer choque, seja cultural, geracional ou social para conseguir compreender o processo de aprendizagem e assim compartilhar seus conhecimentos. Despir-se de suas crenças também envolve lidar de forma natural com as dificuldades dos alunos, sabendo que é essencial despertar a curiosidade, permitir que duvidem, que critiquem que questionem para que se tornem sujeitos autônomos. Planta sua semente...”

SD (7) “O professor tem medo de errar, sim, mas esse medo nunca o paralisa. Ele vai e faz, e assim, superando cada obstáculo (e não são poucos!) e encarando os riscos, pois não há risco maior que o de não cumprir a sua missão. Ele planta a semente e cultiva seu crescimento a cada dia, e nutre a cada minuto mesmo sem saber quais serão os frutos. Ser professor é manter-se, apesar das dificuldades, apaixonado por sua profissão, pelo seu trabalho e orgulhoso de sua dedicação!”

Nas SD (6) e SD (7), a FI que atravessa o discurso é da neutralidade, o professor não deve expressar posicionamentos, pensamentos, constitui a FD educação e a FD pedagógica. O professor é uma posição, um profissional que serve o Estado. A metáfora “Planta sua

semente” é mobilizada para constituir o sentido de ação, de espera. O dicionário³² apresenta o conceito de plantar como:

1. Introduzir um vegetal na terra para aí criar raízes.
2. Cultivar, amanhoar, semear.
3. [Figurado] Fundar, estabelecer.
4. Implantar, fazer cultivar.
5. Incutir no ânimo, insinuar.
6. Fazer fixar, deixar parado.

(Dicionário on-line <https://www.dicio.com.br/>)

É um verbo de ação que significa introduzir algo (semente) para desenvolver (planta). O professor seria esse agricultor que prepara o solo, torna-o fértil e apto para receber a semente, tendo que cuidar para conservá-lo propício. As duas sequências são complementares por atualizarem sentidos já-ditos, pré-construídos, mas de forma poética, figurada, reformulando e deslizando sentidos com as construções parafrásticas de professor como “transmissor de conhecimentos”, mas estes conhecimentos não devem ser “plantados” embasados nos pensamentos do docente, e por isso ele deve “Despir-se”.

A textualidade da SD (6) é estruturada com a expressão “é preciso”, retomado para formular o sentido de neutralidade. O período se inicia “*Sabe que é preciso se despir das suas crenças e se libertar de qualquer choque [...] para, dessa forma, “compartilhar conhecimento”*”. E ainda “*Despir-se de suas crenças também envolve lidar de forma natural com as dificuldades dos alunos*”, completando com a importância de possibilitar que o aluno busque e seja autônomo, o professor não deve interferir. E o final dessa sequência aparece com o tom poético “Planta sua semente”, expressão utilizada conotativamente, podendo ser interpretada como uma metáfora: fazer a partilha do conhecimento, propiciar o processo do conhecimento, o plantar a semente levando ao crescimento, ao desenvolvimento como ocorre com as plantas, há uma ressignificação pelo processo polissêmico.

E ainda o verbo plantar está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo. Seu funcionamento intenta mobilizar a emoção, a comparação implícita do trabalho do agricultor com o do professor é formulada no sentido estético, não no mecânico de trabalho físico de plantar. Essa articulação entre o simbólico e o político, segundo Orlandi (2005, projeta a situação no discurso, em uma relação entre a linguagem e sua exterioridade

³² Também conferir em <https://dicionario.priberam.org/plantar>

por meio das formações imaginárias. Pêcheux (1990, p.82) chamou de formações imaginárias “os lugares que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” Pêcheux explica: “Quem fala? Para quem fala? Sobre o que fala?”, isto quer dizer, a imagem que se faz de seu próprio lugar e do lugar do outro atravessa o discurso. Segundo Pêcheux (1990, p.83), todo processo discursivo supõe a existência das seguintes formações imaginárias:

IA(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A - Quem sou eu para lhe falar assim?; IA(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A - Quem é ele para que eu lhe fale assim?; IB(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B - Quem sou eu para que ele me fale assim? ; IB(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B - Quem é ele para que me fale assim?

Assim, esses gestos de interpretação que são considerados como atos no domínio simbólico irão intervir no real do sentido como parte dos processos de significação. Essa imagem cria a representação tanto do sujeito em relação a si, quanto do sujeito em relação ao outro.

A SD (7) reforça o ideário desenvolvido na SD (6), há a interpelação do sujeito relacionando-se ao imaginário e a sua estruturação como sujeito, para que o imaginário do lugar social docente seja projetado como missão, o que retoma a FD de origem, professor relacionado ao sentimento materno, super-herói: “[...] *superando cada obstáculo (e não são poucos!) e encarando os riscos, pois não há risco maior que o de não cumprir a sua missão[...]*”. Os grifos destacam justamente essa qualidade heroica de coragem com os verbos “superar” e “encarar”, a doação absoluta que permite vencer tudo e não deixar de “cumprir a sua missão”. Retoma a metáfora de “Plantar a semente” utilizando conotativamente “cultiva”, “nutre” e “frutos” para reforçar o discurso do professor que trabalha por amor, por paixão, como doação, como missão, como neutro. E conclui essa sequência com a formulação romantizada: “[...]apaixonado por sua profissão, pelo seu trabalho e orgulhoso de sua dedicação! [...]”.

A realidade material do trabalho não é sequer apontada, professores com salários defasados, tendo uma carga horária de trabalho muito grande para conseguir se manter na sociedade capitalista, acumulando trabalho em casa, além do que realiza na instituição. Também, nesse discurso romantizado, não faz mostra a desvalorização social da profissão, desrespeitada e desmerecida socialmente. Além disso, o discurso da neutralidade, do despir-se do professor remete ao não dito, ao que está implícito, mas presente, principalmente, na

conjuntura contemporânea em que o professor é tido como “de esquerda”, “comunista”, dentre outras colocações.

SD (8) “A Escola da Inteligência compreende que ser professor é isso e muito mais, assim o agradece por ser esse poeta da educação, por investir e acreditar no ser humano, por desejar fazer a diferença no palco da existência e por auxiliar na construção de um presente e futuro mais saudável e próspero. Parabenizamos e reverenciamos seu importante trabalho e suas conquistas diárias!”

Nessa sequência, a FD educação com “profissão por amor” é usada para finalizar a “homenagem”, retomando e reafirmando essa ideia romantizada com os ditos “ser professor é isso e muito mais”, “esse poeta da educação”, “por investir e acreditar no ser humano”, “fazer a diferença no palco da existência”. Todo texto é ideologicamente reforçado neste último parágrafo e é esse o motivo da palavra “parabéns”. O efeito metafórico em “poeta da educação”, provocando o deslizamento de sentido de “missionário” para “poeta”, ainda assim relaciona à vocação, algo que é intrínseco ao sujeito.

Neste texto analisado, as sequências são atravessadas por formações ideológicas tradicionais da educação, com as FD educação, pedagogismo e a política, mesmo tentando atualizar os sentidos, saindo da educação dita tradicional para a de formação integral, com novas práticas, o que se percebe ainda é um contexto educacional dito moderno, porém continua com traços do modelo de prática tradicional de ensino.

Além disso, a mídia, as redes sociais das instituições, tendem a construir identidades, por meio dessas representações que criam estereótipos, são materializadas em enunciados verbais que incessantemente retornam nos textos publicitários, a fim de fixar, manter, estabilizar essas identidades em detrimento de outras. Destarte, por meio da ideologia é que a relação imaginária de indivíduos com suas condições reais de existência ocorre e é a ideologia que interpela os indivíduos em sujeitos. É Althusser (1987) que apresenta esse pensamento, colocando ainda que, a ideologia existe devido aos aparelhos ideológicos e suas práticas.

Assim, a escola e a mídia seriam aparelhos ideológicos (AIE) que operam para manter a dominação da classe dominante, gerando mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições de produção materiais, ideológicas e políticas de exploração, mesmo que implicitamente. E o professor faz parte desse mecanismo, engendrando-o. É através da linguagem que os AIEs operam, pois há a interpelação do sujeito com a sua memória discursiva e o atravessamento pelo que está no social, com as FDs. Esta mediação, por meio

do discurso, vai produzir sentido socialmente, estabelecendo-o, formando a identidade do ser social, dessa posição sujeito.

Isto significa dizer que o simbólico é essa interação entre o indivíduo e o mundo. Essas relações sociais são resultado de como os discursos e os signos que os compõem se inscrevem nos indivíduos, enquanto sujeitos e como elas são internalizadas por eles. Para manter esse funcionamento, os AIEs reproduzem as FDs (escola, mídias) do discurso dominante, neste caso, criando representações do docente, regulando suas características e atuação. A memória discursiva remete aos já-ditos que constituem o interdiscurso que é atualizado parafrasticamente: “professor por amor”; “professor ser materno”; “professor acolhedor”; “professor não pode errar”; “professor é missão”; “professor apaixonado pela profissão”; “docência como dom”; “professor neutro”; “professor é doar-se à profissão”, etc. Orlandi (2017) afirma que

A Educação funciona, na sociedade brasileira, como no capitalismo, em geral, como elemento discriminador e discriminatório: divide social, econômica e politicamente, cidadãos e (não) cidadãos, os que podem (e não podem) ter empregos, os que circulam nestes (ou naqueles) espaços sociais. (Orlandi, 2017, p. 237)

Tais dizeres atravessam o social e se atualizam conforme os interesses dominantes. Assim, as múltiplas identidades resultantes do atravessamento de FDs na interação entre sujeitos e nos diferentes contextos sócio-históricos e culturais e em determinadas condições de produção constituem a construção da identidade profissional a partir da significação social da profissão, das tradições e das contradições que formam esse lugar social. A próxima análise é do texto 4.

4.4 Texto 4

O texto 4 foi retirado do site da Escola da Aldeia, a qual se propõe ter uma proposta pautada em cinco valores: criatividade, protagonismo, diversidade, empatia e trabalho em equipe. Apresenta uma proposta de ensino diferenciada, com um espaço escolar diferenciado, conforme é exposto no próprio *site*.³³ A seguir, as sequências:

³³ <https://escolaaldeia.com.br/> <https://escolaaldeia.com.br/blog-da-aldeia/>

SD (1) “Ser professora é a maior aventura da vida. É onde eu me encontro como pessoa, onde encontro motivos pra exercer de fato essa profissão. Estar em sala de aula é muito revolucionário. É na sala de aula que me sinto útil para o mundo.”

A sequência inicia-se com a estrutura de uma expressão de definição: “Ser professora é”, respondendo à questão central “O que é ser professor”. A marcação do gênero feminino dessa posição sujeito parece atualizar a ideologia de que professor é profissão feminina, materna, um não dito que fica marcado na organização do dizer. Atinente a essa questão, Gatti (1996, p.86) coloca que os dados de pesquisas que foram realizadas sobre a profissão do professor demonstram que a “a quase totalidade dos professores em exercício sejam mulheres”.

A sequência ainda é atravessada pelas formações imaginárias, ressignificadas nas expressões “aventura da vida”, “me encontro como pessoa”, “muito revolucionário”, “me sinto útil para o mundo”, que parecem corresponder à filosofia educacional da Instituição. Esse imaginário corresponde às FDs: “professor é missão”; “professor apaixonado pela profissão”; “docência como dom”; “professor é doar-se à profissão”, etc. Esses dizeres são formuladas a partir das representações sociais constituídas através da interação social, pela qual os sujeitos constroem explicações sobre os objetos sociais que exercem forte impacto em suas vidas, em uma reapropriação de conteúdos vindos de períodos cronológicos distintos e atualizados em novos contextos. Ou seja, o que é operado pelo interdiscurso, pela memória discursiva. O que já foi dito e que causa efeito no que está sendo dito. A esse respeito, Moscovici afirma:

O uso de uma linguagem de imagens e de palavras que se tornaram propriedade comum através da difusão de ideias existentes dá vida e fecunda aqueles aspectos da sociedade e da natureza com os quais nós estamos aqui interessados. Sem dúvida - e isso é o que eu decidi mostrar - a natureza específica das representações expressa a natureza específica do universo consensual, produto do qual elas são e ao qual elas pertencem exclusivamente. Disso resulta que a psicologia social seja a ciência de tais universos. Ao mesmo tempo, nós vemos com mais clareza a natureza verdadeira das ideologias, que é de facilitar a transição de um mundo a outro, isto é, de transformar categorias consensuais em categorias reificadas e de subordinar as primeiras às segundas. Por conseguinte, elas não possuem uma estrutura específica e podem ser percebidas tanto como representações,

como ciências. É assim que elas chegam a interessar tanto à sociologia, como à história. (Moscovici, 2007, p.53)

SD (2) “A gente passa muito tempo da vida no trabalho, e ele tem que ser algo que toca, que inspira e emociona. É uma grande responsabilidade, que o assumo com gosto. É bom poder ver que que a gente está tentando fazer uma coisa que tá fora da caixinha.”

Nessa sequência, percebe a linguagem coloquial dando um tom descontraído, como uma representação do ambiente escolar proposto pela instituição. As expressões “algo que toca”, “que inspira e emociona”; “grande responsabilidade” remete mais uma vez a FD Gênese “professor é missão”; “professor apaixonado pela profissão”; “docência como dom”; “professor é doar-se à profissão”, a ideologia subentendida de que o lugar professor e o sujeito que assume essa posição não se separam em nenhum momento, o professor é esse “herói” que conduz o tempo inteiro, por isso é responsabilidade e entrega. Nóvoa (1989, p. 436) explica que “O recurso aos conceitos de vocação e de sacerdócio para definir a profissão docente é bem sintomático das referências religiosas de que continua impregnada em pleno século XX.”

Na sequência, “assumo com gosto”; “É bom poder ver que que a gente está tentando fazer uma coisa que tá fora da caixinha”, corrobora com a atualização dessas FDs nesse discurso, o qual está em conformidade com o discurso da Instituição, o processo de identificação pela interpelação ideológica. Essas representações feitas para ocupar a posição social exigida é explicada por Moscovici:

Quando tudo é dito e feito, as representações que nós fabricamos - duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. - são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato, torna -se concreto e quase normal. Ao criá-los, porém, não estamos sempre mais ou menos conscientes de nossas intenções, pois as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não-usual (incomum) apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e como qual nós já estávamos familiarizados há tempo e que, por isso, nos dá uma impressão segura de algo “já visto” (déjà vu) e já conhecido (déjà connu). (Moscovici, 2007, p.58)

A imagem criada pelo sujeito professor se adequa aos preceitos do espaço em que desenvolve seu trabalho, e sua identidade vai ser constituída por essas imagens, mas as FDs são sempre as mesmas, mesmo quando parece haver um sentido polissêmico.

SD (3) “Já superamos a ideia de que os conhecimentos estão compartimentados em gavetinhas, de matemática, português ou ciências. Tudo tem que ter um sentido para a criança, pois ela pode até memorizar, mas não vai entender e conseguir usar aquele conhecimento na vida prática.”

SD (4) “Para mim a educação precisa estar a serviço da vida. Não tem outro sentido estudar e aprender, se não for para viver. Estar na Aldeia não é só uma realização profissional, é pessoal também. Todas as nossas pesquisas, todo o material produzido é pra instigar na criança o desejo pela aprendizagem. Se ela deseja, ela vai aprender. Todos os nossos investimentos enquanto professores e coordenação são justamente para envolver os meninos na aprendizagem.”

SD (5) “Fazer parte dessa família é um privilégio, porque é um lugar onde posso ter autonomia e ainda consigo trazer criticidade e ajudar a formar pessoas cidadãs, que vão além de reproduzir o conhecimento. A partir do momento que as pessoas entram nessa família, elas conseguem ter uma visão de mundo ainda maior. É encantador a gente poder transmitir um conhecimento para o próximo. Mais do que transmitir, é uma troca de conhecimento.”

SD (6) “Aqui é um espaço de gestão de novas ideias, de novas maneiras de entender a criança e de entender educação. Uma alguma coisa mais universal, e não tão quadrada ou fechada em teorias. Relacionamento humano, né? Educação é isso, e a escola Aldeia realmente tem esse primor.”

As SD (3), (4), (5) e (6) apresentam uma materialidade discursiva mais abrangente acerca da educação. A resposta ao questionamento central “o que é ser professor?” é respondida pelos sujeitos professores dessas discursividades com a concepção de educação contemporânea da aprendizagem significativa, aprendizagem para a vida, ocorrendo uma regularidade do dizer. A SD (4) ainda destaca a relevância da Instituição para a formação desse sujeito professor em “Estar na Aldeia não é só uma realização profissional, é pessoal também”. O discurso totalmente atravessado pela ideologia dominante, pela ideologia da instituição. Observando as condições de produção desse discurso, os lugares sociais em questão demonstram as tomadas de posição desses sujeitos discursivos que recebem seu sentido nas palavras e expressões utilizadas que estão alinhadas às condições de força, a Instituição.

A relação de identificação do sujeito professor com os sentidos que formam ideologicamente o discurso da Escola da Aldeia, assujeitando-se a ela. O que também está

explicado pelo contexto de produção discursiva uma homenagem ao Dia dos Professores feito pela Instituição. As palavras tomadas produzindo os mesmos efeitos de sentido que a instituição propões em sua apresentação do método que utiliza, o formato da página (*blog*), além da FD educação com sentidos ideológicos da profissão como maternal, como sacerdócio que continuam operando nas formulações “[...]entram nessa família[...]”; “[...]encantador a gente poder transmitir um conhecimento[...]”; “[...]Relacionamento humano[...]” que funcionam como representação da imagem do professor que se transforma nesse meio.

Aí ainda cabe observar o fio de sentido em “entrar nessa família”, demonstrando essa identificação discursiva, esse assujeitamento a sua posição. De acordo com Serge Moscovici (1961), em “*La représentation sociale de la psychanalyse*”, as representações são construtos sociais que se constituem a partir das relações sociais por meio da interação e funcionam no discurso: a imagem que se faz de um pai, de um operário, de um presidente etc. Os mecanismos linguísticos que toda língua possui permitem passar do contexto sociologicamente descritível para a posição de sujeitos discursivamente significativa, neste caso, o assujeitamento funciona como uma espécie de ventríloquo³⁴, no caso, o professor parece ser um boneco manipulado pela instituição, reproduzindo seu dizer.

Nesse sentido, a AD coloca o (de)centramento do sujeito e sua relação com o mundo que é constituída pela ideologia. Esta é pensada como o imaginário intervindo na relação do sujeito com suas condições de existência, isto é, na interação entre o sujeito e o outro, no caso, a instituição é esse outro que mediante as relações de força, funcionando como AIE, atravessam o sujeito professor e constituindo essa posição social. Assim, essa interação com a alteridade forma a consciência social de si. E, nesse processo, formam-se as identidades que, conforme Hall, são “uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2006, p. 13). Além disso, trazer o depoimento dos próprios professores é um mecanismo de regulação, conforme explica Gregolin

³⁴ (adjetivo e substantivo masculino): Que ou quem tem a arte de falar quase sem mover os lábios ou a boca, como se a voz não viesse de quem fala. = VENTRILOQUISTA

etimologia Origem etimológica: latim ventriquo, -i, de venter, -tris, ventre + loquor, loqui, falar.

"ventríloquo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/ventr%C3%ADloquo>.

Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado), operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida. Podemos enxergar essa rede de discursos tomando alguns exemplos de propagandas, veiculadas na grande mídia brasileira, com base nas quais institui-se a subjetivação tanto nas práticas que propõem a modelagem do corpo como na construção dos lugares a serem ocupados por homens e mulheres na sua relação com os outros. Articuladas a outros enunciados que com elas dialogam nos meios de comunicação, essas propagandas são verdadeiros dispositivos por meio dos quais instalam-se representações, forjam-se diretrizes que orientam a criação simbólica da identidade. (Gregolin, 2007, p.18)

Assim, a mídia reproduz essas representações criadas por um discurso dominante, no caso uma escola privada, determinando ideais de perfis para o sujeito professor. Este reproduz, pois é tomado por essas formações ideológicas e acaba identificando-se com essa FD. Socialmente, esse discurso permeia imaginários constituindo identidades.

4.5 Texto 5

Nessa materialidade, há duas materialidades retiradas de páginas da Universidade Federal de Sergipe- UFS. Um é uma homenagem da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas-Progep, e a outra da página do CECH- CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS- do curso de Ciências Humanas. A homenagem é composta por texto não verbal e verbal e é de 2023. Mesmo não discorrendo sobre “o que é ser professor?” explicitamente, há, no discurso, esse dizer. Segue a análise:

A discursividade, a imagem que compõe o cartaz, é composta por personagens de três mulheres e um homem. Todos com elementos representativos do que constituem a imagem do professor: o jaleco branco e o livro, a outra com um tablet (ou livro), a terceira caracterizada mais tradicionalmente, pela roupa, penteado e uso dos óculos, segurando um globo, e, por fim, o homem segurando um livro e uma caneta. Na parte superior, há a mensagem “*Uma homenagem da PROGEP àqueles que transformam a sociedade por meio da educação.*” Há

também a “Feliz dia dos professores!” e a data, e as hashtag³⁵, no fim do cartaz, letras pequenas em branco: #UniversidadeEudefendo; #EducaçãoEudefendo; #CiênciaEudefendo

Todo contexto da materialidade reforça o imaginário tradicional do professor, e aponta para o sentido de professor transformador. A resposta ao que é ser professor está no implícito, no não dito. As imagens de professor colocadas no cartaz levam a essa resposta. No contexto verbal, o verbo transformar aponta para o alterar, mudar, converter, ele é o agente capaz de executar essa ação, um deslocamento do sentido por meio do interdiscurso.

O enunciado elaborado por uma instituição federal de educação e pesquisa põe em seu discurso a defesa da educação por meio das frases de efeito da *hashtags*. As condições de produção imediatas desse discurso remetem ao descaso com a educação e pesquisa, principalmente, quando a extrema direita estava no poder. Nessa conjuntura, os professores eram vistos pelo governo e seus apoiadores como “comunistas”, ou que faziam “doutrinação ideológica”, “professores doutrinadores”, dentre várias outras atribuições ao profissional. Na mesma direção, a homenagem do CECH já é uma chamada para a luta a favor da categoria.

O CECH postou sua homenagem por meio de um cartaz com fundo vermelho cor que representa a luta sindical, a esquerda, uma vez que o curso é voltado às questões sociais. Traz “professoras”, “professores”, deixando demarcado o feminino e o masculino que representa o combate ao patriarcado. A imagem de três personalidades que se destacaram na educação e apresentadas na chamada acima “Antonieta de Barros, presente! Paulo Freire, presente! Professora Ângela Melo, presente!”³⁶, através da expressão que passou a ser usada nos

³⁵ Hashtag são palavras-chave ou termos associados a uma informação, tópico em debate ou discussão que se deseja indexar e torná-los expostos, e, facilmente, ser encontrados nas redes sociais. São compostas pela palavra-chave do assunto e antecedida pelo símbolo cerquilha (#).

³⁶ **Antonieta de Barros**- “Heroína da Pátria, Professora, jornalista e escritora, natural de Florianópolis. A primeira mulher Deputada Constituinte e Deputada Estadual no Parlamento Catarinense, primeira representante negra a assumir mandato no Brasil, século XX.”
https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/68-Antonieta_de_Barros

“**Paulo Reglus Neves Freire** (Recife, 19 de setembro de 1921 — São Paulo, 2 de maio de 1997) foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. É também o Patrono da Educação Brasileira.”
<https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/paulo-freire/>
<https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>

discursos contra alguma injustiça. As escolhas são indícios do “ser professor”. A parte verbal apresenta uma retrospectiva de fatos que transformaram a educação, destacando que a comemoração é da “*queda de todas as ilusões que romantizam nossa profissão*”, levando a reflexão de como a profissão é romantizada, como ela é posta numa imagem de ilusão.

O texto segue discorrendo que nesse lugar de ilusão, se coloque “*a indignação diante da mercantilização da educação*”. Situa a profissão na conjuntura social de modelo capitalista, pondo em questão a luta da categoria, a luta da classe operária. Coloca em pauta a “desprofissionalização”, ou seja, o enfraquecimento da profissão (des- prefixo que indica negação, separação + profissionalização que é o ato ou efeito de profissionalizar, de capacitar). E também finaliza com frases de efeito que repercutiram nas redes sociais: “Lute como uma professora!” e “Lute como um professor!”, as quais incitam a “lutar como”³⁷ alguém, e é uma ressignificação na luta feminista, demonstrando a força da mulher, mas que teve seu uso ampliado no contexto das redes. Finaliza com “Viva o dia 15 de outubro!”, saudação a esse dia, considerado de celebração e reflexão. Nessa materialidade, percebe-se duas propostas diferentes mesmo que da mesma Instituição. Mas o sentido de “herói” ainda atravessa o imaginário social e do professor. No primeiro cartaz, “transformar” significa por meio da transferência de sentidos o dizer do professor herói.

A atualização dos sentidos afetada pela historicidade. No segundo, há uma perspectiva diferente, pois observa a conjuntura social e econômica que afeta a profissão, sugerindo para

“**Ângela Maria de Melo**, mais conhecida como Professora Ângela, Professora aposentada de História, pós-graduada em Arte e Educação, ela exercia o seu primeiro mandato na Câmara Municipal de Aracaju, onde integrava a Comissão de Educação, Cultura e Esportes e a Comissão de Ética. Para a vereadora, seu mandato estava ligado à luta de classes, estando alerta às questões de gênero, da Educação pública, moradia e rendas para as pessoas mais vulnerabilizadas.” <https://www.aracaju.se.leg.br/institucional/noticias/morre-a-vereadora-angela-melo>

³⁷ Conforme a revista Azminas, é um símbolo da luta feminista que é ressignificado:

“A frase Lute como uma Garota (Fight Like a Girl, em inglês), que estampa camisetas e perfis nas redes sociais, é uma ressignificação da antiga provocação “você bate como uma garota”, em um imaginário sexista de que mulheres são fracas e comparar um homem a uma mulher é uma forma de rebaixá-lo.” - Link para a matéria: <https://azmina.com.br/reportagens/simbolos-do-feminismo-quais-sao-e-o-que-significam/>

não a romantizar. Mas, a memória discursiva reformula o dizer e a construção “enaltecem a função” apresenta o verbo enaltecer³⁸ que corresponde a “tornar glorioso; exaltar, engrandecer” que significa imagem que o locutor faz da profissão. Os sentidos que constituem a representação sobre o professor seguem a imagem do herói, do ser superior, que cuida. O texto 6, o qual será apresentado agora, é retirado da página do Instituto Federal de Sergipe.

4.6 Texto 6

Essa materialidade é do site do IFS, publicada em 2016. Ela é composta por um texto introdutório que apresenta a mensagem do diretor do campus Aracaju, a fala do professor, sua mensagem e por fim apresenta a origem dessa comemoração, texto retirado da Wikipédia. Abaixo, o texto. As sequências discursivas para análise serão especificamente da fala e mensagem do diretor Elber Gama³⁹.

SD (1) “Sinto-me honrado em nesse momento poder saudá-lo, professor e professora! Embora tenha a certeza de que todos os dias são também do professor, aproveito esse 15 de outubro para parabenizá-los e ratificar nosso apreço e respeito para com aquele que está sempre atento e presente na luta por uma educação de qualidade, que emociona e se emociona de forma genuína em seu fazer cotidiano, que contagia com o otimismo e que transforma a utopia em realidade, declarou.”

Nessa sequência, como introdução ao discurso de homenagem ao dia 15, colocado como mensagem enviada pelo diretor geral, o locutor se diz “honrado” em fazer essa ação que é saudar o professor, a professora, posto como um vocativo, tanto no masculino, como no feminino, e em terceira pessoa, portanto não se inclui na categoria. Inicia seu discurso com "Sinto-me honrado" o que indica uma deferência e reconhecimento especial ao interlocutor, com o uso dos termos “Honra”, “Apreço” e “Respeito”, enfatizando a importância atribuída à figura do educador. Parafraseia a expressão popular “dia das mães são todos os dias”, “dia da

³⁸ <https://www.dicio.com.br/enaltecer/>

³⁹ Elber Ribeiro Gama é graduado em educação física, especialista em atividade física relacionada a saúde e mestre em educação física pela UFS, foi diretor no período de 25/07/2014 a 24/07/2018. https://simec.mec.gov.br/academico/mapa/dados_instituto_edpro.php?uf=SE

mulher são todos os dias”, escrevendo “todos os dias são também do professor”, (re)afirmando a importância desse profissional, formulando o sentido de que o reconhecimento não deve se limitar a uma data específica, mas ser constante.

As palavras “apreço”, “respeito” dão um direcionamento, determinando para quem se destina esses sentimentos *“com aquele que está sempre atento e presente na luta por uma educação de qualidade, que emociona e se emociona de forma genuína em seu fazer cotidiano, que contagia com o otimismo e que transforma a utopia em realidade”*. Há um sentido que emerge desse trecho que corresponde ao professor a quem se destina essa felicitação, ou seja, o que se enquadra nas características que são descritas, que são destacadas, isto significa que são algumas características desejáveis em um educador, construindo uma imagem positiva do professor, caracterizando uma imagem do Educador Ideal: “sempre atento e presente na luta por uma educação de qualidade”, “emociona”, “contagia com o otimismo”, “transforma a utopia em realidade”. A atualização do herói e do sacerdócio remetem ao profissional perfeito que “que emociona e se emociona de forma genuína em seu fazer cotidiano”, em outras palavras, o professor é autêntico, verdadeiro ao ponto de emocionar o outro e ele mesmo.

SD (2) “Ser professor? Sim, SER PROFESSOR!!!”

Essa sequência é a introdução da mensagem, uma pergunta que pode significar à indagação do que é ser professor, como também um questionamento de afirmar ou negar a profissão. Primeiramente, a resposta, logo em seguida, leva a esse segundo sentido, uma espécie de autoafirmação ou reafirmação de identidade profissional. Como se o locutor afirmasse essa posição, esse lugar social. O uso de exclamações seguidas e das letras em caixa alta, ou seja, todas maiúsculas, em “Sim, SER PROFESSOR!!!”, indicam entonação e expressividade, conferindo um sentido entusiasmado e engajado ao “ser professor”, denotando uma ênfase significativa na constituição do sujeito professor. Além disso, a repetição e a intensidade sugerem uma afirmação enfática e a valorização da identidade docente, pois expressa reconhecimento. Por outro lado, busca envolver o leitor em um diálogo “Ser professor?”, um questionamento retórico que desperta a reflexão de ser ou não professor, seguindo com uma afirmação, tentando contagiar esse outro com sua ênfase. A continuação do texto corresponde ao outro sentido, uma indagação sobre o que é um professor, sobre as características que constituem esse sujeito, sendo estruturado na ordem “Ser professor” (sujeito) + é (verbo de ligação ser) + característica, qualidade, descrição de ação (predicativo)

+ o passo a passo ou caminho para esse predicativo, como um texto injuntivo cujo objetivo é instruir, educar, incentivar ou induzir.

SD (3) “É antes de tudo compreender-se através do outro. Ser professor é doar-se intelectual e fisicamente, Convicto de que todo esforço será válido, Basta que para tanto tenha o aluno se apropriado do conhecimento, Goste do que aprendeu e o permita também aprender.”

Nessa sequência, inicia-se a caracterização, a resposta a indagação “Ser professor?” que dá início à mensagem. Essa expressão formula a constituição de um sujeito, neste caso, o professor. E sua identidade é construída a partir do verbo "ser", apontando para uma definição central da função. A escolha do verbo "doar-se" implica em processos de subjetivação, sugerindo uma ação voluntária e consciente por parte do sujeito, um efeito ideológico elementar, conforme Orlandi (2007), o sujeito interpelado ideologicamente, constituído por uma formação social, por condições de existência, afetado na relação com a linguagem. A noção de doação não apenas remete a uma ação, mas também implica um envolvimento pessoal e emocional na prática educativa. O enunciador também está ocupando uma posição sujeito, a de diretor do campus, seu lugar social também afeta nessa representação que é feita, construindo a figura do professor a partir das formações imaginárias relativas às condições de produção do dizer, além da FD à qual é interpelado, isto é, seu posicionamento enquanto sujeito. Orlandi (2007) explica, em relação ao assujeitamento, que:

Como sabemos, a formação discursiva – aquilo que se pode e se deve dizer numa situação dada, numa conjuntura dada, lugar provisório da metáfora, entendida esta como transferência – **representa o lugar da constituição do sentido e de identificação do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro.** Essa articulação entre um fora e um dentro são efeitos do próprio processo de interpelação. (Orlandi, 2007, p.2) (Destaque feito por mim.)

Esse sujeito enunciador é atravessado ideologicamente e constituído por suas experiências sociais, a forma como é afetado ideologicamente em suas experiências, ou seja, sua relação com a escola, com a família, com a religião, com a historicidade. Essas relações individualizam o sujeito, segundo Orlandi, como também causam os deslocamentos. As FDs com as quais o sujeito se identifica, vai constitui-lo e vai formando sua identidade. Porém, essa identidade não é estanque, ela pode se modificar diante das relações simbólicas desse sujeito, de sua posição, das condições de produção em que o discurso foi produzido. Assim,

O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado pela exterioridade e determinador do que diz: essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito de direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de/por sua vontade. (Orlandi, 2007, p.2)

Nesse sentido, o sujeito desse discurso é constituído como professor, e individualizado enquanto sujeito. E, na produção desse discurso, é interpelado pela posição sujeito de diretor, um lugar de hierarquia na posição social, demonstrando as condições de produção e força, estando em posição de autoridade em relação aos professores, vai ser atravessado por discursos dominantes. Esse sujeito professor deve ter as habilidades de compreensão, de doação, sendo está física e intelectual. Essa doação não se limita apenas à transmissão de conhecimento, mas também envolve uma entrega física, ressaltando que deve haver o aspecto humano da relação educativa. Quanto a habilidade de compreensão, em "É antes de tudo **compreender-se** através do outro" traz o sentido da educação dialógica na prática docente, conceito trabalhado por Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*⁴⁰.

Nessa perspectiva, a educação dialógica seria o encontro de sujeitos, em que se busca o conhecimento, por meio da capacidade de estabelecer diálogos na educação, e sugere uma interação constante entre o professor e o aluno, destacando a necessidade de empatia e compreensão. A concepção de Freire, considerado Patrono da Educação Brasileira, visava a construção de uma escola democrática e uma pedagogia crítica, sendo, atualmente, norteadora para grande parte da categoria dos professores. Assim, essa sequência reformula sentidos, parafraseando esse "já dito", esse "pré-construído", ressignificando-o. A primeira frase "É antes de tudo compreender-se através do outro" já apresenta um deslizamento de sentido. O fio discursivo está nesse sentido de ser constituído pelo "outro", na entrega, na doação, e justifica essa característica por meio de ideias já conhecidas e aclamadas na profissão. A SD (4) continua construindo essa imagem do professor ideal.

SD (4) "Ser professor é ter a certeza de que em longos anos de dedicação, Toda aula é prepara com afincos e meticulosidade, Assumindo características e detalhes

⁴⁰ Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, Coleção Leitura, p.76 páginas

exclusivos, Nunca podendo ser uma repetição de outrora, Porque a originalidade ser-lhe-á tão marcante, Quanto seu amor para como a razão de ser do seu pensar: o aluno.”

A fórmula “ser professor é” vai sendo retomada na constituição do sujeito professor constituindo essa representação da identidade desse lugar social. Essa sequência apresenta uma imagem do sujeito professor sob a perspectiva da dedicação e da originalidade no processo de preparação das aulas e no relacionamento com os alunos. Para isso, utiliza os vocábulos que indicam a consciência de sua ação como “convicto”, na sequência anterior, e “certeza”, nessa, conduzindo ao sentido de ciência do processo de sua prática docente.

Nessa linha, apresenta instruções de sua práxis que, além de dedicação, deve ser feita com “afinco” (perseverança) e “meticulosidade” (de forma minuciosa, sistemática), “exclusividade”, “originalidade”, características que ressaltam a importância da constância e da entrega ao ofício docente. Também destaca a busca pela inovação e pela singularidade em sua prática pedagógica, sentido corroborado por “Nunca podendo ser uma repetição de outrora”, construção discursiva que deixa subentendido que há/havia profissionais que sempre ministram/vam as mesmas aulas sem tal cuidado e originalidade, por isso a originalidade é enfatizada, reforçando a ideia de que cada aula é única e não uma repetição do passado, destacando a questão do comprometimento.

A sequência é finalizada com “*Porque a originalidade ser-lhe-á tão marcante, Quanto seu amor para como a razão de ser do seu pensar: o aluno*”, atualizando a imagem de professor por amor, do afeto e do cuidado, aqui parafraseada através da associação entre o aluno (motivo do pensamento do professor) e o pensar do professor, ressaltando a importância das relações afetivas e do cuidado no processo educativo. Esses sentidos contribuem para construir uma representação do sujeito professor como alguém dedicado, minucioso na preparação das aulas, comprometido com a originalidade e singularidade de cada experiência educativa, além de evidenciar o amor e cuidado para com os alunos.

SD (5) “Ser professor é majestosamente atuar como atores e atrizes, É cumprir com destreza a tarefa de decodificar a vida real, Reduzindo o hiato entre o ser, o saber, o fazer e o aprender, É possibilitar a compreensão holística das concepções, É preencher o vazio com a oferta da ideia em constante mutação, É suscitar a dúvida.”

Nessa construção discursiva, a conceituação de professor é feita por comparação: “majestosamente atuar como atores e atrizes”, sugere que ser professor é desempenhar um papel, uma performance. Essa representação tem que ser “majestosamente” e com “destreza”. Essa atuação deve ligar “o ser, o saber, o fazer e o aprender”, fazendo referência aos Quatro

Pilares da Educação.⁴¹O discurso está pautado na concepção de educação apresentada nos documentos oficiais como a BNCC:

A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) estabelece que a educação básica no Brasil deve promover o desenvolvimento humano global dos estudantes, para que sejam capazes de construir uma sociedade mais justa, democrática, inclusiva, sustentável e solidária. Uma proposta orientada por uma concepção de educação integral, cujo pressuposto é o apoio ao desenvolvimento do ser humano em suas dimensões intelectual, física, emocional, social e cultural. (BNCC, 2019)⁴²

As paráfrases dos conceitos e propostas de educação são a base da materialidade. Nesse aspecto, o locutor atribui ao professor as características para desenvolvê-las, sendo ele o um agente ativo na construção do conhecimento e no desenvolvimento dos alunos, como agente que vai “preencher o vazio”. Outro efeito metafórico “[...]majestosamente atuar como atores e atrizes[...] no deslizamento do sentido entre ensinar e atuar, o ator representa uma personagem, na atuação não pode se colocar, mas representar um papel, da vida a outro ser que não ele. O sentido do que é ser professor, mesmo com a metáfora permanece, pois é visto como esse personagem em tempo integral.

SD (6) “Ser professor é superar os obstáculos e o cansaço, Através da sublime experimentação de um eterno aprendiz, Que aprende e ensina diariamente. Que duvida da própria dúvida. Que não se conforma com a inércia. Que possibilita o contraponto. Que não se alicerça em dogmas. Mas, sobretudo, que não se dar por vencido.”

Nessa última sequência, trecho que apresenta a conclusão, finalização da mensagem, a formulação “ser professor é...” constitui o fio de sentido dessa situação discursiva que constrói uma representação do profissional professor como agente ativo na construção do conhecimento e na formação do sujeito aprendiz. A imagem de superação, resiliência, criticidade, autoconhecimento concluem esse encadeamento discursivo da representação do professor como agente ativo na construção do conhecimento e na formação do sujeito aprendiz, um deslocamento por efeito metafórico entre mestre(professor) e aprendiz. Os

⁴¹DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. ED.96/WS/9, 2010. Em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por, acesso em 10/01/2024, às 17h.

⁴²<https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2019/09/BNCC-trajetorias-diagramado-17.09-interativo-final.pdf>

sentidos relacionados à representação do sujeito professor: Superar obstáculos e cansaço, sublime experimentação de um eterno aprendiz, dúvida da própria dúvida, não se conforma com a inércia, possibilita o contraponto, não se alicerça em dogmas, não se dá por vencido. Pode-se observar, implicitamente, a questão da neutralidade, do não posicionamento com a palavra “alicerça”, uma metáfora para constituir a ideia de base do professor.

Assim, esses elementos apontam para a construção de uma identidade docente baseada na resiliência, persistência, determinação e superação; na flexibilidade intelectual e na busca por uma educação dinâmica e aberta ao diálogo, com uma postura engajada, crítica, reflexiva e analítica. Uma construção identitária homogênea e que atualiza os sentidos de Sacerdócio, herói, dom, sentimento maternal, ao mesmo tempo desvelando implicitamente que os profissionais que não possuem essa postura, não estão enquadrados.

Ainda podendo ser observado como esses sentidos são (re) significados nesse discurso com a explicação da origem do Dia 15, trecho não analisado, mas apresenta uma frase do professor Salomão Becker, um dos mentores para comemorar o dia dos Professores, a qual proporciona uma reflexão sobre essa representação da identidade profissional do professor: "Professor é profissão. Educador é missão". Os sentidos formulados nesse dizer indicam exatamente que a profissão professor, quando executada nos limites profissionais e técnicos, seria uma profissão significando trabalho, como algo menor. E educar seria além, viria de uma vocação, sendo, nesse sentido, uma missão.

A frase de Becker está na página do portal do MEC⁴³, em um texto que aborda a origem da comemoração na data 15 de outubro, assinado como “Assessoria de Comunicação Social”, e afirma que essa frase ainda motiva muitos educadores, apresentando a fala do filho do professor Becker: “Para o filho Sérgio Becker, que é palestrante, o exemplo do pai é o seu maior legado. *“Com ele, aprendi que só deve ser professor quem for vocacionado. E jamais achar que sabe tudo, pois ele mesmo estudou até o fim da vida”, destaca.*” Esse sentido que “só deve ser professor quem for vocacionado” é o que atravessa o imaginário social, inclusive de professores, da missão, vocação como dom.

43

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/educador#:~:text=Sua%20c%C3%A9lebre%20frase%20%E2%80%9Cprofessor%20%C3%A9,ser%20professor%20quem%20for%20vocacionado.>

Um outro aspecto relevante é que a representação que constitui essa imagem do professor, incluindo o que é estabelecido nos documentos oficiais, atribui uma série de competências que resultam em uma sobrecarga no profissional. Esse modelo pré-estabelecido que “educa” os professores a trabalhar, a exercer a profissão, além do que estudado na formação acadêmica. São atribuições que regulam a ação profissional, mas, na realidade, não são compatíveis com todos os sujeitos que estão nessa posição social e foram formados, porém não foram preparados adequadamente. Na práxis, a estrutura educacional não possui uma base que dê à profissão condições materiais, uma vez que além do conhecimento pedagógico, do aumento das exigências e das demandas sobre o profissional, outros problemas a nível social interferem também.

A seguir, o próximo discurso analisado traz uma perspectiva diferente, pois é um trecho de um discurso político do deputado Eduardo Bolsonaro, o qual deprecia a profissão, em uma tentativa de recriminar o docente.

4.7 Texto 7

Esse texto apresenta o discurso do deputado do PL, partido de extrema direita, Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro. No dia 9 de julho, um domingo, o deputado discursou no 4º Encontro Nacional do Pró-Armas pela Liberdade, na Esplanada dos Ministérios. O seu discurso chama atenção pelo ataque aos professores. A Sequência Discursiva (SD) que conduzirá o gesto analítico deste trabalho é:

SD (1) "Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior, porque ele vai causar discórdia dentro da sua casa, enxergando a opressão em todo o tipo de relação. Fala que o pai oprime a mãe, a mãe oprime o filho e aquela instituição chamada família tem que ser destruída"

O discurso do deputado é mais um dos que ele tem proferido desde o aumento das investidas da direita, no período que antecedeu ao golpe contra Dilma Rousseff, em 2016. Tais ataques contra a democracia, a cultura da intolerância, do preconceito, da violência, o repúdio às minorias são ações que perpassam a sociedade brasileira desde a interrupção do mandato da presidenta pela votação dos senadores, porém nenhum crime de responsabilidade, foi comprovado. Nessa conjuntura, discursos semelhantes são proferidos nas redes sociais, divulgados e difundidos pela mídia. Expressões como “professor doutrinador”, ou que faziam

“doutrinação ideológica”, “professor comunista”, “professor não faz nada”, “não estudou, foi ser professor”, “professor não trabalha”, “professor repete as aulas”, “além de dar aula, você trabalha?” são ditos construídos que já afetam essa posição social, mas, diante das condições de reprodução das relações sociais, os dizeres se reformulam e constroem uma imagem que é desqualificada na sociedade como a comparação do deputado **“Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante”**.

Se não há diferença, há igualdade. Organizando o enunciado, “Um professor doutrinador não tem diferença para um traficante.” A expressão “doutrinador” vai modificar e determinar essa posição social. Conforme o Aulete Digital⁴⁴, doutrinar é “1. *instruir (alguém) em (doutrina, ideia etc.); ENSINAR; 2. Pregar doutrina; 3. Incutir ideia em (alguém), para que proceda de certa maneira; 4. Ant. Tornar treinado e/ou manso; ADESTRAR; AMESTRAR.*” Tais sentidos significam que o professor vai além de ensinar, ele vai “incutir ideia”, no caso, “ideologia de gênero” e “doutrinação ideológica”, o que formula o sentido de que o professor induz o aluno a algo ilícito, que desvia a regra como o traficante.

Destacando as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção, tem-se a conjuntura dos ideais neoliberais e conservadores, além do movimento Escola Sem Partido que teve origem em 2003, em que os idealizadores e os apoiadores visavam combater a doutrinação nas escolas. O movimento se fortaleceu a partir de 2014, com o apoio do deputado do PL, crescendo o número de projetos de lei pelo Brasil, com o fito de implementar a censura em sala de aula e acabar com o Estado laico. A pauta tomou grande proporção social, estando presente na mídia, nas redes sociais e nos discursos políticos. A interatividade proporcionada pelas mídias sociais permite um diálogo contínuo com o público, promovendo uma sensação de proximidade e transparência.

Além disso, a segmentação de audiência nas plataformas sociais permite que as instituições personalizem suas mensagens de acordo com os interesses específicos de diferentes grupos, contribuindo para uma representação mais precisa e atrativa. Dessa forma, as mídias sociais se tornam poderosas ferramentas para construir e consolidar uma presença online que reflete os valores e objetivos das instituições de maneira estratégica e impactante, reforçando discursos dominantes, por meio do simbólico, atravessam a imaginação dos sujeitos, avançando sobre as subjetividades e sobre as subjetivações.

⁴⁴ <https://www.aulete.com.br/doutrinar> Acesso em 12/03/2024 às 22h.

Sendo assim, percebe-se que a web, com o grande alcance que a internet possui e a facilidade de comunicação que ela oferece, é também um aparelho ideológico de Estado e formula as representações por meio de imagens (re)criadas simbolicamente e que atravessam os sujeitos e (de)formam suas identidades. A comparação entre professor e traficante coloca o professor em uma posição social subversiva, periférica. Seguindo a definição do Aulete Digital⁴⁵: “1. *Que pratica comércio ilegal, esp. de drogas*”. É atribuído ao docente o desempenho de uma ação ilegal, que está fora da lei. O jogo simbólico por meio dessa representação leva à conjuntura política entre 2017 e 2021, na qual os professores foram denominados “comunistas”, ou que faziam “doutrinação ideológica”, sendo alvo de perseguição do governo federal, fazendo que grande parte da sociedade reproduzisse esse discurso. Além disso, os alunos foram incentivados a filmar aulas, falas, as quais entendessem como “ideológicas”, aumentando as críticas no sentido político e ideológico.

Ademais, a politização da educação se manifesta e se difunde na mídia através de discursos polarizados e ideologizados sobre temas educacionais, seguindo um percurso reverso, uma vez que o sujeito professor é responsabilizado por supostas agendas partidárias ou ideológicas nas salas de aula. Pode-se perceber esse mecanismo no trecho da SD, “*enxergando a opressão em todo o tipo de relação*”. Daí os problemas são atribuídos aos profissionais que “enxergam” problemas, como se estes não existissem, fossem invenção. E o trecho é complementado como “**Fala que o pai oprime a mãe, a mãe oprime o filho e aquela instituição chamada família tem que ser destruída**”, corroborando o sentido de que o professor cria problemas na sociedade, vendo problema no lugar de atitudes normais no relacionamento familiar.

O vocábulo “instituição” é atribuído a família. Segundo o Aulete Digital⁴⁶, nas entradas 1, 2 e 3, denomina instituição como “1. *Ação ou resultado de instituir; CRIAÇÃO; ESTABELECIMENTO*; 2. *Aquilo que foi instituído ou estabelecido*; 3. *Soc. Costume ou estrutura social decorrente de necessidades sociais básicas, muitas vezes estabelecidas por*

⁴⁵ <https://www.aulete.com.br/traficante#googlevignette>. Acesso em 12/03/2024 às 22h.

⁴⁶ <https://www.aulete.com.br/institui%C3%A7%C3%A3o#:~:text=Soc.-,Costume%20ou%20estrutura%20social%20decorrente%20de%20necessidades%20sociais%20b%C3%A1sicas%2C%20muitas,privada%3A%20a%20institui%C3%A7%C3%A3o%20do%20casamento>.

lei, que vigoram num país ou num povo: a instituição da propriedade privada: a instituição do casamento.” A família é derivada dessa instituição privada do casamento, com sua estrutura tradicional cujo senhor é o homem, ele que é o responsável por essa instituição, enquanto a mulher cuida, e procria. Em funcionamento está o discurso patriarcal, em que a liderança é sempre masculina, a autoridade é masculina, o privilégio social e o controle das propriedades são masculinos. São formações ideológicas do discurso patriarcal e religioso, ou seja, do discurso dominante, os quais perpassam a sociedade e estão em funcionamento, reforçando sentidos que controlam as relações sociais de poder.

Nessa perspectiva, o professor que é o “desviante”, ele que “incute pensamentos ilegais”, “vê conflitos inexistentes”. Também é importante considerar a influência das narrativas midiáticas sobre o público em geral, especialmente entre os pais e os próprios estudantes. A exposição constante a narrativas negativas sobre os professores pode afetar a percepção das pessoas sobre a educação e os profissionais que a tornam possível. É nítido como esse espaço foi utilizado para criar e reforçar sentidos contra o professor, formulando imagens estereotipadas que desvalorizam a profissão, sendo retratados negativamente, como profissionais que não merecem respeito ou reconhecimento por tais condutas, além de afirmações de que o professor não trabalha, que não é responsável, ou como incompetentes, desinteressados, autoritários, dentre várias outras colocações. Isso pode resultar em uma percepção social generalizada de que a profissão de professor não é importante ou digna de prestígio.

Por essa razão, são frequentemente culpabilizados por problemas no sistema educacional, como baixas taxas de sucesso escolar, indisciplina dos alunos ou falhas no currículo. Isso pode levar a uma visão simplista e injusta de que os professores são os únicos responsáveis pelos problemas educacionais, ignorando outros fatores sistêmicos e sociais, assim como problemas de estrutura e de administração educacional pelo Estado. É um contexto político e ideológico, em que os professores são alvos de ataques deliberados por parte de grupos que são interpelados pela ideologia dominante na tentativa diminuir a autoridade dos professores como mantenedores do conhecimento e da educação crítica, pois pelo conhecimento pode desestruturar a ideologia da classe dominante. a ideologia existe devido aos aparelhos ideológicos e suas práticas.

Acerca dessa lógica, a escola e a mídia seriam aparelhos ideológicos (AIE), de acordo com Althusser (1987), que operam para manter a dominação da classe dominante, gerando mecanismos de perpetuação e de reprodução das condições de produção materiais, ideológicas e políticas de exploração, ainda que implicitamente. Nisso, os AIEs operam

através da linguagem, uma vez ocorre o processo de subjetivação, ou seja, a interpelação do sujeito, pela memória discursiva e o atravessamento da relação com o social. O discurso faz essa mediação, produzindo sentido socialmente, e o professor faz parte desse mecanismo, engendrando-o. ele opera como parte do AIE, mas também é regulado por ele, para servir aos interesses do Capital, aos interesses do Estado. Para manter esse funcionamento, os AIEs (escola, mídias) reproduzem sentidos do discurso dominante, neste caso, criando representações do docente, regulando suas características e atuação.

Portanto, os sentidos dissimulados pelo discurso de Eduardo Bolsonaro fazem parte da sua posição social e política que é tradicional, patriarcal e dominante e visa difundir os valores neoliberais, assim como toda proposta que sustenta essas ideias dominantes, utilizando, para isso, a escola, a educação que tem seu formato estruturado para esses fins. Daí o sujeito professor ser representado como “traficante”, “doutrinador”, diminuindo sua influência e respeito social como representante do conhecimento, controlando sua atuação.

Após a apresentação, descrição e análise das Sequências Discursivas, é perceptível as contradições existentes acerca da docência, originadas nas representações imaginárias que a profissão carrega. Essas representações são constituídas nas relações sociais que se organizam por meio da imagem que um indivíduo faz do outro, sendo tais relações subordinadas dessas imagens recíprocas. Coracini afirma que “São as representações, que sempre partem do outro, que constituem a identidade de cada um” (2015, p.133). No que concerne a interação social, entende-se que elas derivam das representações feitas a partir dessas imagens que vão estruturando o social pelo simbólico. Nesse sentido, uma representação social é fragmento, feito pelas imagens que formam o imaginário individual que é afetado pelo coletivo. Segundo Orlandi (2005, p.40), o processo do imaginário ocorre:

Assim, não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição. (Orlandi, 2005, p.40)

Assim, as representações são formuladas pelos sistemas simbólicos que produzem sentidos diversos e diferentes significados mutáveis. É a imagem o resultado do imaginário atravessado pela pluralidade do real, com valores e costumes de uma conjuntura. Em Coracini (2015, p.142), a autora conceitua “o conjunto de representações ou imagens constitui o imaginário, registro do ego, que deseja ser o desejo do outro, fazer o que o outro quer para agradá-lo e/ou para pertencer a um determinado grupo”. Com isso, as relações sociais são

resultado de como os discursos e os signos que os compõem se inscrevem nos indivíduos, enquanto sujeitos, pela interpelação, e como elas são internalizadas por eles. As relações de classe são relações de poder.

Nesse interim, os textos apresentados possuem discursos acerca do professor ora “educando-o” a ser professor, ora enaltecendo a profissão, ora como própria do sujeito, ora localizando politicamente tradicional. Nas sequências dos seis primeiros textos, possuindo características publicitárias, percebe-se a regularidade de expressões como: **O professor como missão; professor é generosidade, é transformador, professor por amor** que vão sendo ressignificadas no interdiscurso, mas compoem FDs que significam socialmente pela historicidade. Já a discursividade 7 apresenta a formação discursiva da política que considera o professor agente de coerção do Estado, deve servir a tais ideais. Para identificar as Formações Discursivas (FDs) que atravessam a materialidade discursivas e evidenciar a regularidade de FDs produzidas a partir da similaridade, segue uma tabela com FD nomeadas, para efeito deste trabalho, assim como as que se assemelham pelo sentido a elas, identificando os sentidos dos seis primeiros textos:

<p>FD Gênese- remetem à missão, vocação, amor, ou seja, ao sentido missionário jesuítico, ou a figura materna.</p>	<p>FD Didática- instruções de como exercer a profissão.</p>	<p>FD Pedagogismo- frases que remetem a metodologias e práticas de ensino.</p>	<p>FD Política- remetem ao professor como AIE.</p>
<p>“uma missão cotidiana.” “a paixão pelo privilégio de ser um profissional da educação” “Para mim é uma missão” “A afetividade é fundamental para a aprendizagem, por isso é comum ouvir que alguém é professor por amor.” “[...]exercem a profissão por amor, pois sentem prazer em compartilhar do conhecimento[...].” “[...]ser um exemplo aos alunos, por ser uma das figuras mais próximas, ele costuma servir de modelo e referencial[...].” “[...]estabelecer uma</p>	<p>“Ser professor tem como maior objetivo ensinar, construir conhecimentos com os alunos, compartilhar informações, instruir, corrigir, apresentar caminhos e possibilidades.” “nunca para de estudar.” “[...]e o professor precisou se reinventar[...].” “[...]e o professor precisou se reinventar[...].” “que o professor deve se basear é a Base Nacional[...].” “[...]o professor deve seguir com a formação continuada[...].” “[...]preciso que os docentes continuem seus estudos.”</p>	<p>“referência de aprendizagem, ensinamento e dedicação” “Ser professor é transformar o país” “além de ensinar, é saber viver, conviver, respeitar o próximo e aprender com ele.” “[...]devem ter habilidades socioemocionais, desenvolvendo afetividade e vínculo com os alunos para que a aprendizagem seja efetiva.” “é um mediador do conhecimento, o que projeta o aluno como protagonista do próprio aprendizado” “A nova pedagogia tem o professor como incentivador e orientador da aprendizagem[...].”</p>	<p>“[...]é preciso se despir das suas crenças e se libertar de qualquer choque[...].” “Que não se alicerça em dogmas.” “proteger a emoção é essencial para nutrir as relações saudáveis” [...].ele costuma servir de modelo e referencial[...].”</p>

<p>parceria na qual ambos aprendam e cresçam.”</p> <p>“Mas quando se é professor... ah, isso não é nada!”</p> <p>“Ser professor é uma profissão que exige muito esforço, preparo, conhecimento, pesquisa, tempo e dedicação, mais ainda, que requer compromisso e comprometimento[...]”</p> <p>“[...]o que exige amor.”</p> <p>“[...]comprometimento com sua missão.”</p> <p>“Doa-se sem esperar o retorno, pois reconhece que proteger a emoção é essencial para nutrir as relações saudáveis.</p> <p>Ter o olhar no outro[...]”</p> <p>“[...]apaixonado por sua profissão, pelo seu trabalho e orgulhoso de sua dedicação!”</p> <p>“Ser professor é doar-se intelectual e fisicamente[...]”</p> <p>“Quanto seu amor para como a razão de ser do</p>	<p>“Ser professor é uma profissão que exige muito esforço, preparo, conhecimento, pesquisa, tempo e dedicação, mais ainda, que requer compromisso e comprometimento.”</p> <p>“Através da sublime experimentação de um eterno aprendiz[...]”</p>	<p>“[...]Ser professor é compartilhar conhecimento, propagar informação, fazer o outro crescer, mostrar caminhos, dar as mãos, e para isso tudo é necessário criar vínculos, se aproximar e compreender o outro, <i>o que exige amor.</i>”</p>	
---	---	--	--

seu pensar: o aluno.” “[...]emociona de forma genuína[...]”			
--	--	--	--

Quadro 2: Formações Discursivas sobre o professor.⁴⁷ (Do Nascimento, 2024)

Os seis primeiros objetos de análise do *corpus* apresentam regularidades, em sua constituição no discurso, de dizeres que remetem ao que nomeamos neste trabalho Formações Discursivas da Gênese que remetem ao sentido de missão, de vocação, de amor, ou seja, ao sentido missionário jesuítico, ou a figura materna da mulher que se apresentaram no princípio da constituição dessa profissão. Pela historicidade, os sentidos vão sendo retomados quando se atribui à missão, ao dom que remete a gênese do processo de educar como era feito por filósofos que foram as primeiras representações de professores, ou pelos escravos que levavam os filhos da classe mais alta para observar os filósofos nas ágoras, ou pelos sofistas que começaram a cobrar por aulas. Todos esses modelos iniciais de professores tinham a influência da religião. No Brasil, os jesuítas são os primeiros a executarem esse papel, em meio a colonização das terras brasileiras. Esses primeiros contornos da profissão atravessam os sentidos atuais pela memória discursiva, atualizando dizeres, no processo parafrástico, e constituindo a imagem do professor. (Nóvoa, 1999)

Observando o discurso textualizado no texto 7, pode-se perceber que o que ele crítica é o posicionamento dos professores, é o professor trabalhar com seus alunos o conhecimento que vá de encontro à ideologia dominante, no caso tradicional, patriarcal, fundamentada em preceitos religiosos e que serve aos interesses do capital. Implicitamente, a ideologia da neutralidade já atravessa os textos institucionais analisados como foi visto com os dizeres da FD Política. A posição social da docência, em sua institucionalização, é pensada com fins capitalistas e deve servi-los, conforme esse mecanismo ideológico. Nisso, atesta as contradições nas representações do professor, a contradições da luta de classes.

Assim, a mídia é aliada em atualizar e reproduzir essas contradições que materializam essas imagens construídas socialmente atravessadas pela ideologia dominante, cristalizando-se nas práticas e representações dessas identidades. Nesses discursos que apresentam “o que é

⁴⁷ Tabela organizada por mim, como parte do dispositivo analítico.

ser professor” vai atualizando as imagens , sentidos construídos e presentes nos documentos oficiais, sem refletir a construção da evidência da práxis e inscrevendo na memória a evidência da identidade pelos processos de identificação e (des)identificação do sujeito professor, na relação interpelação – identificação de acordo com as condições em que tais discursos circulam, refletindo as formas de representação que constituem e atravessam as identidades. No próximo capítulo, faremos essa reflexão sobre a constituição da identidade docente.

5. CAPÍTULO 5 - A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: EFEITOS DE SENTIDOS E A IMAGEM DO PROFESSOR

O sujeito é, assim, fruto de múltiplas identificações – imaginárias e/ou simbólicas – com traços do outro que, como fios que se tecem e se entrecruzam para formar outros fios, vão se entrelaçando e construindo a rede complexa e híbrida do inconsciente e, portanto, da subjetividade. (Coracini, 2003, p.203)

Como já visto, a identidade não é uma construção fixa e homogênea. Ela é multiplicidade e mudança e se faz na diferença. E é na linguagem que se situa esse sistema representacional que permite significar, constituir posições. A formação da identidade, segundo Dubar (2005) ocorre através das relações entre individual e coletivo, entre subjetivo e objetivo, entre biográfico e estrutural dos variados processos de socialização que, conjuntamente, constroem a posição sujeito, formando-se a partir da interação do ser humano com o meio no qual está inserido. Diante disso, a representação das relações imaginárias entre o sujeito e suas condições de existência é constitutiva da ideologia.

Nesse sentido, a identidade é um processo de construção do sujeito que além do lugar social, pela historicidade, que já ocupa como filho, trabalhador, estudante, assume uma posição profissional que também o constitui. Esse lugar profissional é formado dessa subjetivação do “eu-nós”, constituída na diferença e semelhança, como também das experiências na troca com a coletividade da posição. Uma subjetividade que vai individualizá-lo, enquanto sujeito professor, e outra que vai formá-lo como identidade coletiva que assume simbolicamente todos os direcionamentos que o formam nesse grupo. Essas identidades dialogam e os professores são perpassados por sentidos de diversos discursos e suas representações, constituindo-o simbolicamente como sujeito do discurso. Machado argumenta que

É impossível analisar e compreender a identidade docente alheada da pessoa do professor, da sua historicidade subjectiva, ou seja, da sua história de vida, sem a perspectivarmos em tempos e lugares específicos (no núcleo interior de cada sujeito, no contexto do local e do global) (Machado, 2007, p.217).

Nesse processo de reconstrução de significados e formação de identidades flexíveis, a evidência de verdade se torna temporária e influenciada pelo discurso, em um constante ciclo de criação e recriação de subjetividades. É na subjetividade que os discursos da mídia criam e reconstroem novas identidades. A mídia é esse espaço múltiplo cujo funcionamento objetiva propagar o poder, por meio dos discursos dominantes. Nos textos analisados, a materialidade discursiva demonstra uma regularidade nos sentidos que formulam as representações do

imaginário social e constituem essa identidade docente no sentido identidade da profissão. A imagem constituída é de uma profissão que surge como dom, algo intrínseco, divino. E nisso também precisa de atos heroicos para transformar a sociedade. Muito comum ouvir expressões como: “o professor é a única profissão que forma todas as outras”; “o professor é inspiração”; “escolhi ser professor para mudar o mundo”. São discursos atravessados por esse “já dito” que permeia a memória discursiva.

Nessa direção, tais dizeres constituem a memória e são atualizados para atender aos interesses do contexto de produção. O processo de educar, no seu percurso de prática institucionalizada, corresponde a uma determinada concepção de mundo que envolve aspectos políticos, econômicos, científicos e culturais de uma sociedade, ou seja, transformou-se em uma prática social. Através de tal processo, os sujeitos são moldados conforme interesses da ideologia dominante para servirem à produção e reprodução das relações sociais no que tange à estrutura socioeconômica, ao processo de produção, ao processo/divisão do trabalho, à produção/reprodução da força de trabalho e à evolução tecnológica. Nessa lógica, vale retomar o conceito de FD, trazendo-o conforme definição de Orlandi

A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção. De outro lado, podemos dizer que o que define a formação discursiva é sua relação com a formação ideológica. Assim podemos perceber como se faz a relação das marcas formais com o ideológico (Orlandi, 2011, p. 132).

Com essa definição, pode-se perceber como os discursos são atravessados ideologicamente em um confronto de sentidos que engendram outros sentidos. O professor é um agente que molda e é moldado por esse processo, pois pode reforçar a ideologia dominante e é atravessado e constituído por ela. Sendo, dessa maneira, constituído de múltiplas identificações, tanto imaginárias quanto simbólicas.

Acerca disso, o discurso da Escola da Aldeia é um exemplo, uma vez que o discurso é apresentado com falas dos seus professores, corroborando os dizeres como uma espécie de ventríloquo, conforme apresentado no primeiro gesto de análise, que reproduz o dizer do empregador (dono dos meios de produção) para manter seu emprego. Daí, pode-se salientar que há a identificação do sujeito professor com os sentidos que formam ideologicamente o discurso da Escola da Aldeia, assujeitando-se a ela. É o famoso “vestir a camisa”, tomando para si a representação de professor feita pela instituição como sua própria identidade profissional. Essa FD Gênese com sentidos ideológicos da profissão como maternal, como sacerdócio, como missão, como vocação.

Dessa maneira, as relações sociais de produção capitalistas são perpetuadas por meio das instituições de ensino que funcionam como um dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), os quais servem para manter a ordem e a divisão social, embasado em valores. Esses Aparelhos Ideológicos de Estado (aparelho escolar, familiar, religioso, político, sindical, da informação, da edição-difusão e o cultural), segundo Althusser (1999), funcionam como um sistema formado por instituições e organizações na superestrutura com a função de elaborar, disseminar e reproduzir a ideologia dominante, corroborando na constituição e reprodução da divisão social do trabalho, das classes sociais e do domínio de classe. Por isso, o desenvolvimento da instituição escolar está atrelado à burguesia e ao capitalismo. Relacionado a isso, Frigotto coloca que

Na perspectiva das classes dominantes, historicamente, a educação dos diferentes grupos sociais de trabalhadores deve dar-se a fim de habilitá-los técnica, social e ideologicamente para o trabalho. Trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital. (Frigotto, 1999, p.26).

Diante do gesto de leitura delineado com as seis discursividades, analisando as sequências discursivas em cada materialidade individualmente, em sua textualidade, pode-se constatar que sujeito professor é representado com uma imagem romantizada, que o singulariza, fazendo uma distinção dessa profissão com as demais. Logo, ao apresentar um sujeito que simboliza o aprender, a dedicação, a neutralidade, representando a figura da mãe, do amor, do afeto, revelando “implícitos” que dialogam com a exterioridade, expectativas acerca do comportamento subserviente do sujeito professor em relação à instituição. Nóvoa (1999) afirma que:

A elaboração de um conjunto de normas e de valores é largamente influenciada por crenças e atitudes morais e religiosas. A princípio, os professores aderem a uma ética e a um sistema normativo essencialmente religiosos; mas, mesmo quando a missão de educar é substituída pela prática de um ofício e a vocação cede o lugar à profissão, as motivações originais não desaparecem. Os professores nunca procederam à codificação formal das regras deontológicas, o que se explica pelo facto de lhes terem sido impostas do exterior, primeiro pela Igreja e depois pelo Estado, instituições mediadoras das relações internas e externas da profissão docente. E, no entanto, é incontestável que os professores integraram este discurso, transformando-o num objeto próprio: nas décadas de viragem do século XIX para o século XX, a época gloriosa dos Congressos de Professores que constituíram verdadeiros "laboratórios de valores comuns", sente-se a perpetuação de um ideário coletivo onde continuam presentes as origens religiosas da profissão docente. (Nóvoa, 1999, p.15/16)

Nesse contexto, observa-se que os discursos materializam Formações Discursivas diferentes, pelo interdiscurso, mas que dialogam para um mesmo fio de sentido das formações

ideológicos dominantes que é a subserviência. Em algumas sequências os dizeres convergem para as FDs Gênese e FD Política. O texto sete traz dizeres que constituem a FD política com “professor doutrinador”. É uma paráfrase que remete a não neutralidade, o não “se despir” dos discursos anteriores. A ilustração apresenta um paralelo dos dizeres com sentidos semelhantes, pela paráfrase, trazendo “o mesmo” que constituem essa FI.

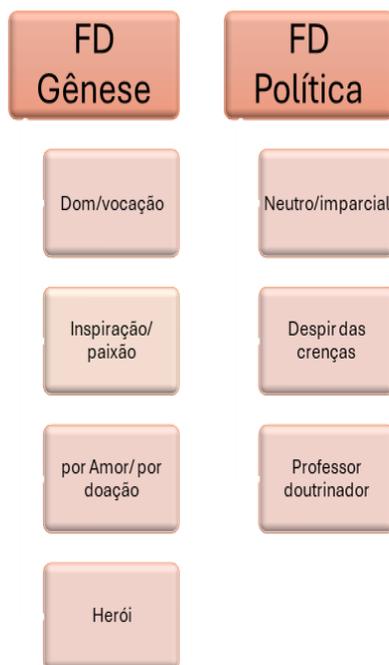


Figura 8: Ilustração Formações Discursivas 2 (De Nascimento, 2024)

Pensando as condições de existência e produção do processo de formação da profissão docente, em sua historicidade, percebe-se como esses pré-construídos foram formulados e continuam sendo (re)atualizados nos discursos. Tem-se, primeiramente, a origem da formalização como profissão que suscita significação na rede de memória.

5.1 A gênese

A gênese da profissão docente remonta há tempos antigos e está intrinsecamente ligada à transmissão do conhecimento e à formação das futuras gerações, uma vez que o ato de aprender é inerente ao ser humano e, naturalmente, ele desenvolveu mecanismos de progresso para sua espécie. Com isso, a transmissão de conhecimentos era fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento das sociedades. Essa necessidade de aprender, de adquirir

conhecimentos, de desenvolver habilidades e valores sempre esteve presente nas sociedades, moldando a história da educação e, conseqüentemente, da própria civilização.

Com efeito, os primeiros professores foram os pais, que transmitiam aos filhos os conhecimentos essenciais para a sobrevivência, como caçar, colher e construir abrigos. As formas de ensinar e aprender evoluíram ao longo dos séculos, moldadas por diferentes contextos históricos, culturais e sociais. As características históricas da profissão influenciam as percepções atuais e as demandas por valorização, ressaltando a importância de compreender o contexto histórico para transformar o cenário atual. A institucionalização da profissão serviu para atender às demandas do Capital, em formar trabalhadores, no caso, para a classe operária, ou intelectuais, quando burgueses. Além disso, Nóvoa (1989) destaca outro fator que era ser um instrumento estatal regulador dos comportamentos, e, nisso, a escola seria um Aparelho Ideológico de Estado (AIE).

A esse respeito, com o desenvolvimento social, com a divisão de propriedades, com o surgimento da propriedade privada, com o surgimento da escrita e do Estado, as sociedades foram tornando-se cada vez mais complexas, e a educação passou a ser formal, assumindo um caráter intelectual, voltada para a elite, ou seja, os cidadãos da sociedade que tinham a possibilidade de pagar seus estudos. É assim que o conhecimento deixa de ser apenas uma atividade concreta, de práticas cotidianas de sua comunidade, e torna-se algo sofisticado que divide a sociedade em classes. Devido ao capitalismo, o processo de educar foi ganhando forma institucionalizada, correspondendo a uma determinada concepção de mundo que envolve aspectos políticos, econômicos, científicos e culturais de uma sociedade, ou seja, transformou-se em uma prática social.

Através de tal processo, os sujeitos são moldados conforme interesses da ideologia dominante para servirem à produção e reprodução das relações sociais no que tange à estrutura socioeconômica, ao processo de produção, ao processo/divisão do trabalho, à produção/reprodução da força de trabalho e à evolução tecnológica. Ser professor é ser empregado e está submetido a um regimento de trabalho. Também, a profissão é regida por documentos que refletem interesses educacionais contemporâneos, passando por várias transformações.

Refazendo o percurso, resumidamente, da história da profissão docente, tem-se, na Grécia Antiga, no espaço chamado como *Ágora*, o palco para diálogos e debates que moldaram as bases da educação formal com filósofos renomados como Sócrates, Platão e Aristóteles, destacando-se os sofistas e a Academia de Platão. Ao promover o desenvolvimento intelectual e a participação ativa na sociedade, a *Ágora* ateniense se tornou

um verdadeiro berço da filosofia e da democracia. Ao promover o desenvolvimento intelectual e a participação ativa na sociedade, a ágora ateniense se tornou o berço da filosofia e da democracia, dessa forma, foi berço da educação formal, valorização do intelecto e da participação cidadã. Já em Roma, a educação tinha um caráter mais prático e utilitário, com o fito formar cidadãos leais ao Império, sendo relevante o papel do pater famílias na educação dos filhos. A escola romana era dividida em duas etapas: a elementar, na qual se ensinavam as primeiras letras e os números; e a secundária, focada na formação retórica e jurídica. Os professores romanos eram, em sua maioria, escravos cultos ou libertos, que transmitiam os conhecimentos necessários para o exercício das funções públicas.

Seguindo essa trajetória de marcos da gênese da profissão, a queda do Império Romano e a ascensão do Cristianismo trouxeram, conseqüentemente, o controle da educação para a Igreja Católica. Os mosteiros e as catedrais se tornaram os principais centros de ensino, onde os monges e os clérigos transmitiam os conhecimentos religiosos e os clássicos gregos e romanos. A educação medieval era elitista, restrita aos membros da Igreja e à nobreza.

Todavia, as transformações sociais renascentistas ocasionaram as navegações mercantilistas e, com isso, outros objetivos para o ato de ensinar, transformando o conhecimento, devido aos interesses racionalistas e científicos, surgindo assim as universidades. Nesse contexto, também surge a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola no século XVI, que desempenhou um papel fundamental na história da educação. Os jesuítas criaram um sistema educacional próprio, baseado em princípios rígidos de disciplina e ordem, com o objetivo de formar homens virtuosos e leais à Igreja. Os colégios jesuítas se destacaram pela qualidade do ensino e pela formação de elites intelectuais. Assim, a educação, ao passo que é um instrumento de desalienação, trazendo avanços enormes, também é um instrumento de poder. O conhecimento também é manipulado pelo jogo ideológico.

No Brasil, a educação possui uma trajetória complexa e marcada por profundas transformações ao longo dos séculos. Desde o período colonial até os dias atuais, a escola brasileira tem sido influenciada por diversos fatores, como as políticas governamentais, as questões sociais e as demandas da sociedade capitalista. No período Colonial, a Companhia de Jesus foi responsável pela criação das primeiras escolas no Brasil, com foco na formação religiosa e na transmissão dos valores da Igreja Católica. A educação para a população

escravizada era restrita e visava, principalmente, à formação de mão de obra para as atividades agrícolas.

Com a Independência, no Império, o ensino passou a ser centralizado pelo Estado, mas a educação continuava sendo restrita às elites. Com isso, surgiram as primeiras escolas secundárias, com o objetivo de formar os futuros líderes do país. Com a Proclamação da República, houve a separação entre Igreja e Estado, o que resultou na laicização do ensino. Houve um grande esforço para expandir o acesso à educação, mas a desigualdade social, como sempre, é o grande desafio. Ao longo do século XX, foram realizadas diversas reformas educacionais, como a Reforma Francisco Campos (1934) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961. Trazendo o contexto da Ditadura Militar, a educação foi centralizada e militarizada, com o objetivo de formar cidadãos obedientes ao regime. Em 1996, foi promulgada uma nova LDB, que estabeleceu os princípios e as diretrizes da educação brasileira e ampliou o acesso e a permanência dos estudantes na escola.

A história da docência é repleta de avanços e retrocessos, por lutas e conquistas. Em especial, a escola brasileira ainda enfrenta muitos desafios, mas também possui um grande potencial para promover a transformação social e o desenvolvimento. Diante desse cenário, a história da profissão docente é marcada por diversas transformações ao longo dos séculos. A figura do professor evoluiu de mestre a tutor, de sacerdote a profissional. As formas de ensinar e aprender também se modificaram, adaptando-se às diferentes realidades sociais e culturais. Nesse ínterim, os professores são atravessados por essas marcas históricas que refletem na profissão uma crise identitária.

Ainda pensando nas relações sociais de produção capitalistas que formam a sociedade, tem-se nas instituições de ensino como reguladores que funcionam como Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), os quais servem para manter a ordem e a divisão social, embasado em valores de uma conjuntura político-social. Com a institucionalização, o saber, antes aberto a todos, tornou-se patrimônio e privilégio da classe dominante, por isso a escola, ao elitizar o saber, tem desempenhado um papel de exclusão da maioria. Mesmo no contexto atual, o ensino público não oferece a estrutura semelhante ao ensino particular, mas atribui a defasagem do ensino ao trabalho do professor. Daí circular dizeres sociais como “professor não trabalha”, “professor repete as aulas”, “além de dar aula, você trabalha?” São formulações de discursos para minimizar a influência do professor que circulam socialmente, mas não

aparecem explicitamente nos discursos que respondem à questão “o que é ser professor?” Nos discursos em que aparecem inscrições do tipo:

SD (2) “Ser professor, além de ensinar, é saber viver, conviver, respeitar o próximo e aprender com ele. É um compromisso consigo mesmo. É na generosidade, poder disseminar conhecimento. Ser professor, é legado e também uma missão cotidiana.” T1

SD (2) “Para realizar essa tarefa, é necessário aprender a ensinar. Essa é uma profissão que exige muito preparo e dedicação, sendo preciso adquirir conhecimentos sólidos, por meio de estudos, pesquisas e constante atualização – nunca para de estudar.” T2

SD (14) “A formação continuada é um processo permanente e constante de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade dos educadores. É uma prática de desenvolvimento pessoal e profissional do professor, fundamental para adquirir habilidades e se adaptar à realidade em que estão inseridos, com base na construção de novos conhecimentos.” T2

Nessas construções, o que está dito, parecendo uma ingênua descrição da prática docente, reflete o não dito, não é professor ideal se não faz parte desse processo, ou ainda o dizer “não trabalha”, ou “só dá aula”, diminuindo a profissão como se não fosse trabalho, já que é dom. Desse sentido de trabalho vocacionado, de missão, ou dom também parece significar que o professor tem uma tarefa maior que em outras profissões, ele sempre tem que dar o exemplo, sempre deve estar entregue ao ofício, pois é vocação, formações ideológicas originadas na instituição da vocação.

Outra questão é a identificação dos docentes com os ideais da instituição, como demonstra os dizeres dos professores da Escola da Aldeia. Os Dizeres fazem representar o consenso com a escola. Foi apresentado com Woodward (2009) como as relações de poder definem as identidades, determinando quem é incluído ou excluído e influenciando a formação dessas identidades. Os professores que não se adequam, são excluídos, não se encaixam na instituição. Para manter seu trabalho o profissional vai assumindo tais sentidos e constituindo sua identidade.

Dentro dessa lógica, o significado das identidades é construído por meio de diversas práticas sociais, seja promovendo a igualdade ou destacando a diferença. A delimitação entre identidade e diferença estabelece limites entre quem faz parte e quem não faz, entre aquele que está integrado e aquele que está excluído. Isso ocorre porque ao afirmar "eu sou", há

automaticamente uma diferenciação em relação ao que "não sou". Quando a identidade é declarada, fronteiras são delineadas, criando uma distinção clara entre o que está incluído e o que está excluído (SILVA, 2004).

Por um lado, o dizer do próprio professor que se coloca como “eu” que faz parte daquela instituição, portanto também é diferenciado do “outro” que não faz parte daquele grupo “seleto”. Por outro, o subentendido que está no dizer da instituição e do professor que nela trabalha: se não possuir essas características, não pode fazer parte do grupo “diferenciado”. A identificação pela interpelação ideológica funciona, conforme explica Pêcheux (1996, p. 150): a “evidência da identidade esconde o fato de que ela é o resultado de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem externa, não obstante, é-lhe estranhamente familiar.”

Como a origem da profissão tem essa relação com a religião, depois com o Estado, os motivos que levaram a formar uma profissão irão atravessar ideologicamente essa formação social no qual ela é executada. Essa significação de ser vocação, devido ao sacerdócio, ou ser elemento a mando do Estado desvela também a desvalorização diante do social.

5.2 Desvalorização política e social

As políticas educacionais desempenham um papel fundamental na moldagem da percepção e valorização dos professores, exercendo impacto direto na qualidade do ensino e no ambiente de trabalho. Medidas que reconhecem a importância da profissão docente e que promovem condições adequadas para o exercício da função são essenciais para valorizar os professores, como políticas que estabelecem salários adequados, investem em formação continuada, oferecem recursos adequados em sala de aula e criam condições de trabalho saudáveis têm efeitos positivos. Todavia, as políticas educacionais somam em mudanças na e da prática pedagógica, não respeitando efetivamente os professores que vivenciam a sala de aula. Esse impasse sobrecarrega, desmotiva e desrespeita o profissional diante da sociedade.

O texto 2 apresenta várias sequências que materializam esse processo na constituição da prática docente em que o professor está em constante formação, segue modelos institucionais, precisa adequar-se, precisa acompanhar as mudanças para uma “melhor educação”:

SD (9) “As metodologias de ensino se transformaram e o professor precisou se reinventar, introduzindo em suas aulas as metodologias ativas, o ensino híbrido, a

gamificação, a cultura maker, os recursos digitais, a sala de aula invertida, entre outros.”

SD (10) “O professor deve se adequar às diretrizes educacionais, que se atualizam constantemente, respeitando suas definições no planejamento e execução das aulas, adaptando sua metodologia para contemplar o que as leis determinam.

SD (11) “A principal normativa em que o professor deve se basear é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define as aprendizagens essenciais e as competências que todos os alunos precisam desenvolver ao longo da Educação Básica.”

SD (12) “Os professores também devem contemplar uma formação integral, que envolve além dos aspectos acadêmicos, os emocionais e sociais, bem como o desenvolvimento das habilidades do futuro.”

SD (13) “Além disso, após a formação inicial, o professor deve seguir com a formação continuada, uma necessidade ainda mais acentuada atualmente, em razão das constantes atualizações nos processos educativos. O processo de formação do professor não se encerra na graduação ou licenciatura, tampouco na pós-graduação ou em cursos de especialização, é preciso que os docentes continuem seus estudos.”

SD (14) “A formação continuada é um processo permanente e constante de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade dos educadores. É uma prática de desenvolvimento pessoal e profissional do professor, fundamental para adquirir habilidades e se adaptar à realidade em que estão inseridos, com base na construção de novos conhecimentos.”

Consequentemente, os professores se sobrecarregam, muitas vezes não se identificam, ou não acompanham as atualizações que vão sendo impostas, com poucos debates, sem que o sujeito professor, que também se transforma em sua identidade pessoal e em sua identidade profissional.

Em contrapartida, medidas que negligenciam esses aspectos, realidade do sistema capitalista, resultam na desvalorização da profissão, pois é o professor que “não é comprometido”, “que não se atualiza”, “que não acompanha as transformações educacionais”. Para elucidar essas questões, Nóvoa (1992b) apresenta mecanismos políticos que contribuíram para a conjuntura atual em relação à profissão docente:

Durante o Estado Novo há uma política aparentemente contraditória de desvalorização sistemática do estatuto da profissão docente e, simultaneamente, de dignificação da imagem social do professor. A compreensão deste paradoxo obriga a um duplo raciocínio. Por um lado, o Estado exerce um controlo autoritário dos professores, inviabilizando qualquer veleidade de autonomia profissional: a degradação do estatuto e do nível científico inserem-se nesta estratégia de imposição de um perfil baixo da profissão docente. Por outro lado, o investimento missionário (e ideológico) obriga o Estado a criar as condições de dignidade social que salvaguardem a imagem e o prestígio dos professores, nomeadamente junto das populações. A ambiguidade resolve-se através do reforço da carga simbólica da acção docente, no interior e no exterior da escola, por via de uma legitimidade delegada, que impede a emergência de um poder profissional autónomo. Paralelamente, assiste-se à produção de uma retórica laudatória sobre os professores, que não se traduz numa melhoria da sua situação socioeconómica. (Nóvoa, 1992b, p. 4/5)

Esse antagonismo nas imagens que representam o professor vem de uma prática histórica para controlar o profissional, o saber. Por isso, políticas que impõem avaliações excessivamente padronizadas e ignoram a diversidade das condições materiais nas escolas e de sujeitos professores contribuem para a desvalorização dos professores, servindo ao mecanismo da ideologia dominante. Além disso, cortes orçamentários e redução de investimentos na educação prejudicam a infraestrutura escolar, impactando negativamente a qualidade do ensino e o bem-estar dos professores. A valorização dos professores também está intrinsecamente ligada à autonomia profissional, sendo essenciais políticas que reconhecem a capacidade dos professores de adaptar metodologias e participar ativamente nas decisões pedagógicas da escola para promover satisfação e eficácia na prática docente.

Em suma, a profissão docente enfrenta desafios significativos na atualidade, que vão desde a falta de reconhecimento político, promovido pelo próprio mecanismo de controle, principalmente com os ideais capitalistas tradicionais que favorecem as relações sociais desiguais e influenciam a desvalorização social, atravessados por características históricas que moldam o cenário educacional. É fundamental reconhecer as demandas e desafios enfrentados pelos docentes na atualidade, refletindo as representações sociais do professor, em sua historicidade e materialidade, para buscar soluções que promovam a valorização da profissão e garantam condições dignas de trabalho, considerando seu papel na construção de uma sociedade educada e desenvolvida.

6. CAPÍTULO 6 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mediante o que foi apresentado neste trabalho de doutoramento, percebe-se como a linguagem possibilita a interação significativa, a troca de sentidos compartilhados entre o sujeito e a formação social da qual faz parte, como ela cristaliza dizeres, que perpetuam representações. Com isso, para entender o movimento histórico, é preciso analisar a maneira pela qual produzem os bens materiais necessários à sua vida, uma vez que é nesse movimento que se percebe o embate das forças contraditórias entre as classes sociais, o conflito de interesses antagônicos entre as camadas sociais ao longo do tempo, como percebe-se na relação capitalista x proletário, empregador x empregados.

A história precisa ser analisada a partir de fatores materiais, econômicos, técnicos (infraestrutura) e da luta de classes, uma análise material histórica que possa refletir essas relações de poder. Em razão disso, por meio do simbólico, como foi visto, as palavras iguais podem ter diferentes significados e isso vai depender, exatamente, da formação discursiva em que tais palavras se inscrevem. Esse sujeito, em sua heterogeneidade, é observado na produção de sentidos, no social, uma vez que não está deslocado do mundo. Ele pertence a um tempo, a um lugar, a um espaço determinado, representando, portanto, uma determinada classe, e, em seu discurso, estão implicados interesses e a ideologia de um determinado grupo social.

Nesse contexto, a identidade é compreendida como construção, processo; não como algo dado, característica biológica do sujeito. É um processo de constituição por meio de representações das posições ocupadas pelo sujeito, das imagens construídas simbolicamente, e que, pelo funcionamento ideológico, há a ilusão de que as identidades são algo inerentes ao sujeito, algo da essência. Com a teoria pecheutiana, a construção identitária é analisada através das formações discursivas, as quais funcionam dentro de uma formação ideológica, por meio das quais há a interpelação do sujeito que se identifica sem ter a noção que está sendo interpelado.

Nessa perspectiva, é necessário colocar alguns pontos sobre os mecanismos interpretativos que corroboraram para responder à questão proposta, qual seja quais sentidos são produzidos e atravessam as discursivizações materializadas em enunciados de *sites* de instituições educacionais, formulando a imagem do professor na mídia, por meio de formações ideológicas, observando como essas imagens recriam a identidade do professor, para depois observar que efeitos produzem. Quanto a isso, percebe a relação antagônica entre

os sentidos que constituem essas representações, uma vez que essa posição-sujeito é atravessada ideologicamente por FDs semelhantes nos efeitos produzidos socialmente.

Nesse sentido, o primeiro foi o gesto de seleção de textos em sites que utilizou uma questão “O que é ser professor?”. Ao respondê-la já se cria uma imagem, já se formula uma representação imaginária e social sobre esse lugar, sobre essa posição social. Pautando-se em Orlandi (1995), “Texto e Discurso”, entende-se o texto como uma unidade complexa, como um todo que resulta de uma articulação, representando um conjunto de relações significativas individualizadas em uma unidade discursiva, a qual possibilita ter acesso ao discurso. Assim, é a materialização de um discurso. O objeto simbólico em questão, o discurso de homenagem ao Dia dos Professores, se transforma num manual de instrução de como ser professor. Por meio de construções frásticas, normatiza-se uma regra geral, mas também significa que para ser o professor daquela instituição deve seguir esse padrão.

Nessa direção, o segundo gesto foi separar a materialidade discursiva em SD e interpretá-las por meio das categorias de análise. Com isso, FDs e CP foram analisados primeiramente. Os quatro discursos educacionais apresentam uma FD que foram nomeadas: **FD Gênese** - remetem à missão, vocação, amor, ou seja, ao sentido missionário jesuítico, ou a figura materna; **FD Didática**- instruções de como exercer a profissão; **FD Pedagogismo**- frases que remetem a metodologias e práticas de ensino; **FD Política**- remetem ao professor como AIE. Essa escolha deve-se a organização do dispositivo analítico em elucidar dizeres que significavam termos oriundos da origem da profissão, dizeres que refletiam a prática do professor, orientando de como ela deve ser, dizeres que remetiam as metodologias educacionais e dizeres que significavam a relação político-social.

Ao colocar esse ponto, a pretensão é destacar que são discursos atravessados de dizeres de caráter instrucionais, normativos de como deve proceder um professor. Esses sentidos ficam implícitos nas homenagens, e nos mecanismos discursivos de transferências de sentido, são discursos para uma homenagem, mas é estruturado para normatizar o ser professor”. Esses efeitos de sentido ocupam as formações imaginárias que formam a memória, pelo já-dito, estabilizando sentidos, conduzindo o senso comum. Pelo implícito, tem como efeito de sentido a subordinação dos professores ao empregador, à ideologia dominante. O professor deve seguir as regras para isso deve ter “dedicação, mais ainda, que requer compromisso e comprometimento”, ou ainda “preparo”.

Como condição de produção imediata, tem-se que os discursos estão em páginas institucionais o que configura uma outra FI, que simula as ideologias dominantes, do patrão, do dominador, daquele que possui os meios de produção. O discurso do texto 7 é um discurso

político, proferido em um movimento de extrema direita, também simulando a ideologia dominante. Como condições de produção ampla, tem-se a história da profissão e suas características desde a criação. As condições de força permeiam o empregador x empregado; professor x Estado. A submissão ideológica, ou seja, a aprendizagem dos “conhecimentos” e “comportamentos” de classe é requisito para que, materialmente, as forças de trabalho se renovem.

A recorrência de formulações que constituem instruções, ou relacionam o trabalho à novas metodologias, colocando que o professor tem que estar atualizado, apresentar as etapas de formação, os regimentos educacionais, deixa claro que não é qualquer indivíduo que ocupa essa posição sujeito, é uma identidade que difere das demais. Outras formulações ideológicas remetem a FD pedagógica. As expressões “deve se adequar”, “deve se basear”, “devem contemplar”, “deve seguir” são típicas de textos instrucionais que servem para orientar, ensinar. A intenção é apresentar o passo a passo do que é e precisa fazer para exercer o papel de professor, produzindo o efeito de sentido, de que ensinar e aprender é constitutivo do professor, “ele é exemplo”. Também consta as FI de que esse sujeito é diferente, é exemplo. E, essa imagem é forte na sociedade. É comum ver críticas e surpresas quanto à comportamentos, à gostos dos professores, que são considerados comuns. E, também, na internet, há páginas que trazem essas situações como memes, ou postagens de posicionamentos de professores contrários a essa formulação, a essa imagem de “diferente”, “refinado”.

Também significam as expressões “algo que toca”, “que inspira e emociona”; “grande responsabilidade” remete mais uma vez a FDs da Gênese como “professor é missão”; “professor apaixonado pela profissão”; “docência como dom”; “professor é doar-se à profissão”, “ser imparcial”, “trabalhar com neutralidade”, a ideologia subentendida de que o lugar professor e o sujeito que assume essa posição não se separam em nenhum momento, o professor é esse “herói” que conduz o tempo inteiro, sem emitir “ideologia”, seguindo as do Estado, por isso é responsabilidade e entrega. Também “missão”, “dom”, “vocação” que remete ao sacerdócio, a doação completa, como era no início, a educação era realizada pelos jesuítas. Contudo, “ser imparcial”, “trabalhar com neutralidade”, “despir-se dos dogmas” remetem à FD política, de servir às instâncias ideológicas dominantes, de trabalhar a serviço do Estado, do Capital.

A repetição percebida ao longo da análise tem o efeito material de assegurar o espaço da estabilidade, da paráfrase como também pode caracterizar uma cisão da identidade material de determinada palavra ou enunciado. Nas sequências analisadas, os sentidos parecem

estabilizados socialmente, atualizados pelos mecanismos de paráfrases, pelo efeito metafórico, por apagamentos de sentidos. Mesmo fazendo essa distinção entre as FDs, os efeitos convergem para o mesmo sentido “subordinação”, “submissão”, “sujeição”.

Com isso, a imagem da figura materna, representação da imagem familiar, acolhedora fazem significar na FD discursiva. O professor Acolhedor, “tio/tia”, os quais formam o interdiscurso que vai se reformulando historicamente e operando ideologias dominantes: professor como substituto da “mãe”, cuidadora, dedicada, que faz tudo, mas para ela, ou para esse sujeito professor, é normal, “não é nada” (“as mães fazem tudo pelos filhos, por amor”). Com a profissionalização, as mulheres que eram vistas nesta posição, a tarefa de educar, preparar para ser cidadão, uma formação ideológica de FD patriarcais, tradicionais.

Por isso, essas FD e as formações ideológicas que foram apresentadas, além das demais que constam na análise, são evidências de como as representações são constituídas, em um processo que é parafrástico, mas também polissêmico, o mesmo sentido com nova roupagem. Partindo do postulado de Orlandi (2005) de que o sentido sempre pode ser outro, o funcionamento dessas discursividades operam pela ótica da ideologia dominante, remetendo a FIs de obediência, serviço ideal que significa trabalhar a serviço do Estado e do Capital (instituições) e da manutenção dessa ideologia. A escola é um AIE, por isso esse choque identitário da profissão docente. Nesse sentido, o professor “aceita” algumas imposições por precisar trabalhar, outros acabam se identificando com o modelo dominante, construindo sua identidade, tendo-a como base. Outros, não se reconhecem nesses moldes, buscando resistir as imposições ideológicas das relações de poder.

Ademais, com a discursividade analisada no texto 7, fica claro que o discurso do deputado do PL, Eduardo Bolsonaro, contra os professores, designando-os como “professores doutrinadores” e equiparando-os a traficantes revela uma estratégia discursiva que visa deslegitimar a autoridade e o papel educativo dos professores. Esses dizeres formulam sentidos que mascaram o objetivo de manter os interesses neoliberais, mantendo as relações sociais de reprodução do poder, assim como nos outros discursos.

Na construção discursiva analisada, a palavra “doutrinador” é carregada de conotações negativas, sugerindo que os professores não estão apenas transmitindo conhecimento, desenvolvendo o saber, mas impondo ideologias ou visões particulares aos alunos de forma coercitiva. Como se a prática docente fosse disseminar mentiras que desestruturam a sociedade, a ordem e os valores, principalmente, a família. Ao associá-los a traficantes, há a tentativa de criminalizar a atividade pedagógica, criando uma imagem de que os professores estão envolvidos em um ato ilegal e prejudicial à sociedade, à moral e à religião.

Com efeito, esse discurso busca desacreditar os professores, seu lugar social, minando a confiança na instituição educacional e desencorajando o pensamento crítico dos alunos e criando, socialmente, uma série de sentidos preconceituosos, estereotipados e problemas sistêmicos que afetam a percepção pública da profissão docente, além de prejudicar a identidade profissional do docente. Essa formulação discursiva não apenas difama os professores, mas também mascara a verdadeira natureza do processo educacional, que é baseado na troca de conhecimento, reflexão e construção de entendimento e pensamento crítico.

Portanto, a profissão docente enfrenta desafios significativos na atualidade, como a falta de reconhecimento político e a desvalorização social, já salientados anteriormente, influenciados por características históricas que moldam o cenário educacional e dissimulam o mecanismo capitalista de manutenção das relações de produção. É fundamental reconhecer as demandas e desafios enfrentados pelos docentes, refletindo sobre essas representações negativas e os efeitos que provocam socialmente para promover uma compreensão mais profunda e respeitosa do papel social que os professores desempenham na sociedade.

Em relação a base teórica, fazer essa análise através da interface entre AD, Estudos culturais e Psicologia social, a partir dos conceitos que dialogam entre as três, amplia nossa percepção da constituição do sujeito. Esse paralelo ocorre, uma vez que a AD e os Estudos Culturais compreendem a identidade como uma construção discursiva situada em um momento histórico. Isso significa dizer que ela só terá sentido nos discursos sociais em que são produzidos. Hall (2003, p. 109) afirma, em relação às identidades, que “compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”.

A Psicologia Social, após os estudos de Ciampa (1987), e os estudos dos autores apresentados, também trabalha com esses conceitos, compreendendo a identidade em relação a uma formação social, em processo de transformação. Atinente ao sujeito, tanto a AD quanto os Estudos Culturais e a Psicologia Social compreendem o sujeito como sendo disperso, fragmentado, múltiplo (HALL, 2006, p. 34-38), assim como as identidades. Elas vão se constituindo por meio do social. Não há identidade sem sujeito, nem sujeito sem discurso. As identidades se produzem a partir do outro. Dessa maneira, o diálogo entre elas foi possível.

Por fim, retomando o questionamento, as representações da imagem do professor apresentadas na mídia, ou que circulam nesse espaço cristalizam ideologias dominantes com discursos que remontam a origem da profissão, ao caráter missionário, religioso e de subordinação ao Estado, uma vez que a escola serve como AIE. Essas implicações

cristalizadas na memória são acionadas por mecanismos discursivos num embate entre o mesmo sentido e o novo sentido, devido a nova formação social, aos novos modelos de interpelação ideológica.

Por isso, ora o professor é “a profissão que forma todas as outras”, ora é comparado a “traficantes” e “doutrinadores”, uma vez que os sentidos formulados se repetem metaforicamente, convergindo ao mesmo propósito discursivo, trazendo implicações que desestruturam essa identidade coletiva do docente e provoca uma crise que também afeta a identidade profissional individual do professor. Aqui é apenas um gesto de interpretação do funcionamento discursivo, sem esquecer as palavras de Pêcheux (2015), discursivamente, todo dizer, é um deslocamento nas redes de filiações do sentido.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan - Marx e Freud**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

Antonieta de Barros. Disponível em: https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/68-Antonieta_de_Barros . Acesso em: 3 set. 2023.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**- Geral e Brasil. 3a. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. 2.ª ed. Campinas-SP: 2009.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 25–42, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636824. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824> . Acesso em: 19 jul. 2023.

AUTHIER–REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. 2005. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar.

BECHARA, EVANILDO. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1 ed., 2011, p. 715.

CAPCS. **Operadores Booleanos**. Disponível em: <http://www.capcs.uerj.br/voce-sabe-o-que-sao-operadores-booleans/> . Acesso em: 4 de junho de 2024.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CIAMPA, A.C. Identidade. **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 8ed. 1989 (1ed., 1984).

CIAMPA, A. C. Políticas de identidade e identidades políticas. In: C. I. L. Dunker & M.C. Passos (Orgs.). **Uma psicologia que se interroga: ensaios** (pp.120 - 135). São Paulo: Edicon, 2002.

CITELLI, Adilson (org). **Imagens do professor na mídia**. Educomunicação. São Paulo: Paulinas, 2012.

CNNBRASIL. **Eduardo Bolsonaro compara professores a traficantes**. Youtube, 10 de jul. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bjAp6-mJnLU>. Acesso em 10 de novembro de 2023.

CONEIN, Bernard et al. **Materialidades discursivas** (A espessura da linguagem). Campinas: Editora Unicamp, 2016.

CORACINI, Maria José. **Posições subjetivas e o sentimento de identidade**: a mídia televisiva e a escola. Desenredo, Passo Fundo, v. 2, n. 2, p. 224-235, jul./dez. 2006.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras; 2007.

CORACINI, M. J. A celebração do outro na constituição da identidade. In: **Revista Organon**. V. 17, n. 35. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2003, p. 201-220.

CORACINI, M.J. Representações de professor: entre o passado e o presente. **Reflexão e Ação**, v. 23, n. 1, p. 132-161, 16 jun. 2015.

CORACINI, M.J. **Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Editora UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

DELA-SILVA, Silmara; CARNEIRO, Ceres Ferreira. Dos discursos da/na mídia: um percurso com Michel Pêcheux. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 23, p. 1-16, 2023. e-1982-4017-23-28.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. ED.96/WS/9, 2010. Em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590> , acesso em 10/01/2024, às 17h.

DE NARDI, F. S.; GRIGOLETTO, E. Figuras identitárias: a (não) manutenção de lugares sociais. **Anais eletrônicos do III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade**. Campinas: USP/UNICAMP, 2012, p. 1-13.

DICIONÁRIO ONLINE - Dicionário Caldas Aulete. **Significado de doutrinar**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/doutrinar%20%20Acesso%20em%2012/03/2024> . Acesso em: 12 de março de 2024.

DICIONÁRIO ONLINE - Dicionário Caldas Aulete. **Significado de doutrinar**. Disponível em: https://www.aulete.com.br/traficante#google_vignette. Acesso em: 12 de março de 2024.

DICIONÁRIO ONLINE- Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/topos/topoi/> Acesso em: 12 de março de 2024.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> . Acesso em: 12 de março de 2024.

DICIONÁRIO ONLINE. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: 2008-2024**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/t%C3%B3pos> . Acesso em: 12 de março de 2024.

DUBAR, Claude. **A Socialização: Construção das Identidades Sociais e Profissionais**. Porto: Porto Editora, 2005.

DUBAR, Claude. **A Crise das Identidades: A interpretação de uma mutação**. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 2009.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DURAND, G. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/educador> . Acesso em: 3 set. 2023.

ESCOLA ALDEIA. O que é ser professor? Disponível em: <https://escolaaldeia.com.br/o-que-e-ser-professor/> . Acesso em: 22 ago. 2022.

FERACINE, Luiz. **O professor como agente de mudança social.** São Paulo: EPU, 1990.

FREITAS, Lourival C. de. **Mudanças e inovações na educação.** 2. ed. São Paulo: EDICON, 2005.

FREITAS, R.; DELA-SILVA, S. “Se a base da educação é a mesma, as oportunidades também serão?” A propaganda sobre educação no governo Temer. **Investigações (online)**, v. 31, p. 49-71, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/237922> . Acesso em: 16 março 2024.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923).**

Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Obras completas-v.15.

FREUD, S. Conferência XXV (1917). In: **Obras Completas**, v.15. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.457-479.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real.** 3 ed. São Paulo: Cortez,1999.

GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade.

Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 98, p. 85–90, 2013. Disponível em:

<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/798>. Acesso em: 28 mar. 2023.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade Pessoal.** 2. ed. Oeiras: Celta, 1997.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades.** Mídia, comunicação e consumo. São Paulo, v.4, n.11, p. 11-25, nov. 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo.** São Carlos: Claraluz, 2003.

GRIGOLETTO, E. Do lugar discursivo à posição-sujeito: os movimentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E.A. (Orgs.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 47 -65.

GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S. D. **Identificação, memória e figuras identitárias: a tensão entre a cristalização e o deslocamento de lugares sociais**. Gragoatá, v. 18, n. 34, 6 Jul. 2013.

GUILHAUMAU, J. “Aonde vai a Análise de Discurso? Em torno da noção de Formação discursiva”. In: **Línguas e instrumentos linguísticos**, nº 16, Pontes, Campinas, 2006.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Da enunciação ao acontecimento em Análise de Discurso. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 61-70.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. Tradução de Suzy Lagazzi e José Horta Nunes. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de Leitura – Da história no Discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. p. 163-183.

GUILHAUMOU, J; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. **Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso**. Tradução: Carolina P. Fedatto, Paula Chiaretti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

HALL, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) **Representation. Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. Org. e revi. Arthur Ituassu, Trad. Daniel Miranda e William Oliveira.

IFB. **O que é ser professor?** Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/principal>. Acesso em 21 de agosto de 2022.

IFS. **Comemoração: Dia dos Professores.** Disponível em:

[http://\(https://www.ifs.edu.br/ultimasnoticias/4172diretordocampusaracajuparabenizaprofessorrespeloseudia#:~:text=Ser%20professor%20%C3%A9%20doar%2Dse,e%20o%20permita%20tamb%C3%A9m%20aprender](http://(https://www.ifs.edu.br/ultimasnoticias/4172diretordocampusaracajuparabenizaprofessorrespeloseudia#:~:text=Ser%20professor%20%C3%A9%20doar%2Dse,e%20o%20permita%20tamb%C3%A9m%20aprender) . Acesso em: 18 de dezembro de 2023.

KELLNER, D. **A cultura da mídia. Tradução de Ivone Castilho Benedetti.** Bauru: Edusc, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LACAN, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Lacan, J., Escritos (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1949)

LACAN, J. A Identificação. In: **O Seminário**, livro 9, inédito, 1961-1962. Tradução de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. (Versão do Centro de Estudos Freudianos do Recife.)

LANE, S. T. M.; W. Codo (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1989, 8ª ed. (1ª ed. publicada em 1984).

MACHADO, G. Ser professora/Ser pessoa. In: FLORES, M. A.; VIANA, I. C. (Orgs.). **Profissionalismo Docente em Transição: As Identidades dos Professores em tempos de Mudança.** Braga: CIEed, 2007, pp.215-224.

MALDIDIER, DENISE. **A Inquietação do Discurso: (Re) ler Michel Pêcheux Hoje.** Traduzido por Eni P. Orlandi.SP- Campinas: editora Pontes, 2003.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E.P. (org). **Gestos de leitura.** 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MAZIÈRE, F. **A Análise do Discurso: história e práticas.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MITTIMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Análise do Discurso no**

Brasil: Mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos (SP): Claraluz, 2007, p. 153-162.

MOSCOVICI, S. La représentation sociale de la psychanalyse. In: **Bulletin de psychologie**, tome 14 n°194, 1961. pp. 807-810. [www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_1961_num_14_194_8539](http://www.persee.fr/doc/buppsy_0007-4403_1961_num_14_194_8539)

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Trad. por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 291p.

MOSCOVICI, Serge. **Sobre representações sociais**. (Traduzido por Clélia Nascimento Schulze para circulação interna). Núcleo de Psicologia Social, Departamento de Psicologia, UFSC, 1985.

MOSCOVICI, S. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Trad. Pedrinho A. Guareschi.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 13-52.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992b.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. 2 ed.v.3 Porto: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, A. **Profissão: Professor. Reflexões históricas e sociológicas**. Análise Psicológica, 7, 435-456, Lisboa, 1989. <http://hdl.handle.net/10400.12/5229>; repositório ISPA - AP-1989_123_435.pdf. acesso em 25 de julho 2023.

OLIVEIRA, M. **Representação social e simbolismo: os novos rumos da imaginação na sociologia brasileira**. IN: Revista de ciências humanas. Curitiba: Editora da UFPR, n.7/8, 1999, p.173-193.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas –SP: Pontes, 2012, 4 ed.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2007, 5ª ed.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 2005, 6ª ed.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 2011, 6ª ed.

ORLANDI, Eni P. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Eu, Tu, Ele- Discurso e real da história**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2ª ed., 2017.

ORLANDI, E. P. Texto e discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.29365. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29365> . Acesso em: 17 jul. 2023.

ORLANDI, E. **Segmentar ou Recortar?** Linguística: questões e controvérsias: Série Estudos 10. Uberaba: Fiube, 1984.

ORLANDI, E. **A Análise de Discurso é possível?** Línguas e Instrumentos Linguísticos. Campinas:SP, 2019, n. 44, p. 138-156, jul./dez.

ORLANDI, E. **A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica**. ComCiência. Campinas: LABJOR-UNICAMP, n. 89, jul. 2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=...> .

PACÍFICO, I. M. R. **A mídia como dispositivo de poder**: os impeachments no Brasil em discurso. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, Araraquara, 2020. 136 f.

PAYER, Maria Onice. **Processos, modos e mecanismos da identificação entre o sujeito e a(s) língua(s)**. Revista Gragoatá- Revista dos programas de pós-graduação do Instituto de Letras da UFF, v. 18 n. 34 (2013): Análise de discurso e discursos contemporâneos: hegemonias e resistências, ISSN 2358-4114, <https://doi.org/10.22409/gragoata.v18i34>, p. 183-196.

PAYER, M. **Linguagem e Sociedade Contemporânea**: Sujeito, Mídia e Mercado. Revista Rua, v. 11, Campinas, 2005, pp. 9-26.

Paulo Freire. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira> . Acesso em: 3 set. 2023.

PÊCHEUX, M. **A análise de discurso: três épocas (1983)**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1993a, 2ª ed. p. 311-318.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso (AAD-1969)**. In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1993b, 2ª ed. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 19, p. 7–24, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636823. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 9 abr. 2024.

PÊCHEUX, M. **Ler o Arquivo Hoje**. In: Gestos de Leitura, E.P. Orlandi (org.), Ed. Unicamp, Campinas, 1994.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. De Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 2015, 7ª ed.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, 2ª ed.

PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. IN: **Papel da Memória**. Pierre Achard et al. Tradução: José Horta Nunes. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p.43-51.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ŽIŽEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152.

PIOVEZANI FILHO, C. F. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, M. R. V. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 49-64.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Universidade FEVALE, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI R, ed. **Linguagem e identidade**. Campinas: Mercado de Letras; 1998.

RI/UFS. **Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe**. Disponível em: <https://ri.ufs.br/>. Acesso em: 16 de junho de 2024.

SAEDIGITAL. **Profissão: ser professor!** Disponível em: <https://sae.digital/ser-professor/> Acesso em: 21 de agosto de 2022.

SARMENTO, Teresa. **Aprender a profissão em diferentes espaços de vida**. Rev. educ. PUC-Camp. Campinas, set./dez., 2013.

SAVIANI, D. **Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação. v. 14 n. 40. jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em: 25/07/2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 3. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2009.

SOARES, G. L. **O que é ser professor?** Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/ser-professor/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SOUSA, Esther Alves de. **Silvia Lane**: uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 225-245, 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2009000100018&lng=pt&nrm=iso Acesso em 21 julho de 2023.

TARTAGLIA, Ednaldo. **Discursos Midiáticos**: o jogo discursivo em funcionamento no processo de validação de matérias de um jornal on-line do estado do Paraná. *Fórum lingüístic*, Florianópolis, v.15, n .2, p.3017-3024, abr./jul.2018. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412>. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6499230.pdf>, acesso em 22 de julho de 2023.

TFOUNI, F.E.V.; GRIGOLETTO, Evandra. **Imaginário e identificação no discurso sobre Donald Trump: análise do funcionamento de capas das revistas Exame e ISTOÉ**. *Fórum lingüístic.*, Florianópolis, v.17, n.2, p.4815-4830, abr./jun.2020. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2020v17n2p4815/44099>

TFOUNI, F.; TFOUNI, L. **A mídia e a fabricação do “bom” sujeito**. *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*. São Paulo, v. 16, n. 1, p. 116-124, maio 2014, p. 116-124. <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v16n1p116-124> Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274481537_A_Midia_e_a_Fabricacao_do_Bom_Sujeito, acesso em 5 de maio de 2023.

TFOUNI, F. E. V. **O interdito e o silêncio**: duas abordagens do impossível na linguagem. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 8, n. 2, p. 353-371, maio/ago. 2008. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/393/413 . Acesso em: 23/03/2023.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998. VINHAS, L. I. Considerações sobre o pré-construído na Análise do Discurso: gesto de interpretação de dizeres de uma mulher presa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 62, p. 1-15, e020024, 2020.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8658800/25841>. Acesso em 23/03/2023.

UFS/ PROGEP. **15/10: Dia dos Professores**. Disponível em:

<https://progep.ufs.br/conteudo/70444-15-10-dia-dos-professores>. Acesso em 15 de dezembro de 2023.

UFS/ CECH. **Dia dos Professores e Professoras do Brasil**. Disponível em:

<https://cech.ufs.br/conteudo/73181-feliz-dia-dos-professores>. Acesso em 18 de dezembro de 2023.

APÊNDICE A – LISTA DE TRABALHOS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

REFERÊNCIAS DAS DISSERTAÇÕES E TESES PESQUISADAS:

ARAÚJO, Maiara do Nascimento. **Imagens da construção da identidade de professores de Língua Espanhola em relatórios de estágio da UFRN**. Orientador: Sulemi Fabiano Campos. 2022. 106f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/50809>. Acesso em: Acesso em 15 de junho de 2024.

CAMPOS, Alcione Gonçalves. **Fragmentos de identidades em (dis)curso**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras

e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/13862>. Acesso em: 15 de junho de 2024.

CAMPOS, Alcione Gonçalves. **Arqueologia, genealogia e ética em formações discursivas de organização profissional docente**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem- UEL. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/16472>. Acesso em 15 de junho de 2024.

CASTRO, Arlene Moreno de. **A imagem do professor das séries iniciais na formação de leitores em textos acadêmicos**. 2023. Tese (Doutorado em Educação, Linguagem e Psicologia) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/T.48.2023.tde-21112023-160718. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-21112023-160718/pt-br.php>. Acesso em: 2024-06-15.

CERQUEIRA, Maria Aline Borges Dantas. **Trajetórias de profissionalidade docente: Narrativas de professores da rede pública do município de Ouriçangas - Bahia**. 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/1485> : Acesso em: Acesso em 15 de junho de 2024.

MELO, Carlos Ian Bezerra De. **Constituição da identidade profissional de professores de Matemática sob a ótica dos formadores**. 2021. 249 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2021) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=99845> Acesso em: 15 de junho de 2024.

RORATO, D. C. C. P. **As identidades profissionais docentes em construção: representações de professores egressos de um curso de pós-graduação**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem: UEL, 2024. Disponível em <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/15422>: UEL, 2024. Acesso em 15 de junho de 2024.

ROSSI, Eliane C. S. **A construção do conhecimento e da identidade do professor de inglês**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2024. Disponível em <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/8621>: UEL, 2024. Acesso em 15 de junho de 2024.

SANTOS, Leonardo José Ferreira dos. **Desvelando identidades na formação docente: uma análise discursiva crítica das representações de alunos/as estagiários/ as**. 2020. 453 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/40684>. Acesso em: 15 de junho de 2024.

SILVA, Maria José Sousa da. **Narrativas de professores de geografia: histórias de vida e trajetórias formativo-profissionais na composição da identidade docente**. Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) - Programa de Pós-Graduação em Geografia: UFPB, 2022.

Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23552>. Acesso em: Acesso em 15 de junho de 2024.

SILVA, J. O. **Uso e ousadia de professores em suas relações com o livro didático: uma análise discursiva de identidades em (re)construção.** Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2024. Disponível em <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/14826> : UEL, 2024. Acesso em 15 de junho de 2024.

SOUSA, Vânia dos Reis. **Cursos e percursos de professoras em formação continuada: autoria, identidade e protagonismo em transformação.** Dissertação (mestrado) — Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2022. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/45345>. Acesso em 15 de junho de 2024.

SOUZA, Laís Cristina de. **Condições de produção e formações imaginárias da constituição da identidade docente: uma análise do discurso.** Dissertação pelo Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais - IELACHS: Curso de Graduação em Letras- UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO- UFTM, 2021. Disponível em: <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/123456789/1095>. Acesso em 15 de junho de 2024.

VASCONCELOS, Maria Goreth da Silva. **Tessituras identitárias de professores em situação de creche na cidade de Manaus.** 2021. 241 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8297>. Acesso em 15 de junho de 2024.

ANEXO 1

TEXTUALIDADES DISCURSIVAS: Textos utilizados na análise

Texto 1

O que é ser professor?

Criado: Quarta, 15 de Outubro de 2014, 20h14 | Publicado: Quarta, 15 de Outubro de 2014, 20h14 | Última atualização em Quinta, 16 de Outubro de 2014, 08h03 | Acessos: 47945

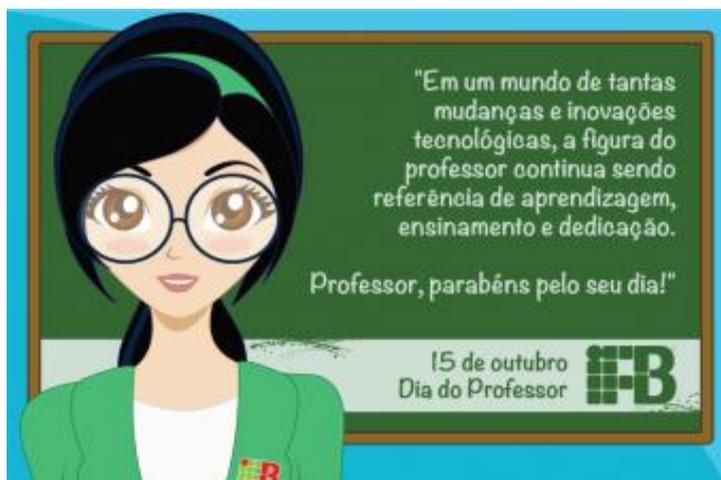


Figura 3: <https://www.ifb.edu.br/principal>

Ser professor, além de ensinar, é saber viver, conviver, respeitar o próximo e aprender com ele. É um compromisso consigo mesmo. É na generosidade, poder disseminar conhecimento. Ser professor, é legado e também uma missão cotidiana.

Nesta data tão importante, o Instituto Federal de Brasília (IFB) registra sua homenagem a esse profissional que em um mundo de tantas mudanças e inovações tecnológicas, continua sendo referência de aprendizagem, ensinamento e dedicação.

Philippe Tshimanga e Cinthia Nepomuceno, duas pessoas com um sentimento em comum, a paixão pelo privilégio de ser um profissional da educação. Hoje, homenageamos os cerca de 600 professores do IFB, com o depoimento desses dois educadores sobre **“o que é ser professor”**.

“Ah, desde pequena gostava de brincar de dar aula para os meus colegas. Ser professor? Nossa! É um desafio e tem sido muito gratificante, principalmente ao realizar um trabalho coletivo com os estudantes. Tenho visto bons frutos. Muitos dos nossos estudantes que se formam já estão conseguindo entrar no mercado de trabalho. E isso tem sido muito compensador para nossa realização pessoal e profissional aqui no Instituto”, diz Cinthia Nepomuceno, professora do curso de dança.

“É uma maneira muito significativa de contribuir para o bem-estar social. Além de ser uma forma de fazer com que o nosso conhecimento seja utilizado como instrumento de transformação da sociedade para melhor”, esse é o sentimento também compartilhado pelo professor de economia, Philippe Thsimanga. *“Ser professor é transformar o país, ajudar na transformação das pessoas e um trabalho muito importante, um trabalho social. Para mim é uma missão.”*

(Professor Gustavo Filice de Barros – Campus Brasília) “Não há soberania entre professor e aluno. Ser professor é ter o privilégio de poder trocar conhecimento com o seu próximo.”

(Professora Eneida Brites – Campus Samambaia) **Feliz Dia dos Professores!**

<https://www.ifb.edu.br/reitori/7813-o-que-e-ser-professor-1>

TEXTO 2

O que é ser professor?

Ser professor tem como maior objetivo ensinar, construir conhecimentos com os alunos, compartilhar informações, instruir, corrigir, apresentar caminhos e possibilidades.

Para realizar essa tarefa, é necessário aprender a ensinar. Essa é uma profissão que exige muito preparo e dedicação, sendo preciso adquirir conhecimentos sólidos, por meio de estudos, pesquisas e constante atualização – nunca para de estudar.

Constituir um educador passa pela formação inicial, um processo formativo acadêmico, para adquirir conhecimentos, habilidades humanas e sociais necessárias para ministrar aulas, trabalhar em equipe, conhecer o sistema escolar, os conteúdos curriculares, as metodologias de didática, e refletir sobre os valores educacionais.

A formação inicial ocorre por meio de:

Magistério: formação de nível médio, que capacita educadores para dar aulas na Educação Infantil por meio de um curso profissionalizante. Essa modalidade de formação tem sido questionada e tende a ser substituída pelas seguintes.

Curso de Graduação em Pedagogia: formação de nível superior, que capacita profissionais para dar aulas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, além de atuar nas áreas de gestão escolar e educacional.

Licenciaturas plenas: formação de nível superior em diferentes áreas do conhecimento, que preparam profissionais para lecionar no Ensino Fundamental e Médio.

Entretanto, ser professor é muito mais do que dar aulas, passar atividades e corrigi-las. Além de formação acadêmica, devem ter habilidades socioemocionais, desenvolvendo afetividade e vínculo com os alunos para que a aprendizagem seja efetiva.

A afetividade é fundamental para a aprendizagem, por isso é comum ouvir que alguém é professor por amor. As trocas de afeto entre o professor e o aluno permitem o desenvolvimento de habilidades relacionais, sociais e cognitivas, necessárias para o processo de ensino e aprendizagem.

Uma pesquisa realizada em 2018 confirma que 52% dos professores exercem a profissão por amor, pois sentem prazer em compartilhar do conhecimento e em colaborar com a formação de crianças e jovens.

Um ambiente acolhedor, seguro e afetivo, que promove a confiança mútua na comunidade escolar, facilita a aquisição de conhecimento, pois gera motivação nos alunos, desperta a curiosidade e estimula habilidades cognitivas e sociais.

Ser professor é também reconhecer cada aluno, entender suas necessidades, adaptar suas aulas para que todos possam aprender, acompanhar o desenvolvimento e buscar a melhor maneira de educar, promovendo uma aprendizagem significativa.

Ser professor é se reinventar, se adaptar às mudanças, evoluir constantemente e compartilhar o melhor de si com cada um que assiste e participa das aulas, impactando positivamente a vida de seus alunos.

Ser professor é participar da formação e desenvolvimento de uma nova geração, que pode construir o futuro da sociedade de maneira mais consciente, responsável e cidadã.

Ser professor é contribuir com a construção do projeto de vida de crianças e jovens, oferecendo os conhecimentos necessários, estimulando suas habilidades, ensinando a caminhar e a se desenvolver integralmente.

Ser professor é participar da formação de todas as profissões, contribuindo em todas as esferas da sociedade por meio do ensino na formação de novos profissionais.

Ser professor é ser um agente social, pois a educação, como pilar da sociedade, tem o professor como agente formador de cidadãos aptos a atuar na comunidade onde vivem, munidos de conhecimento e habilidades essenciais.

Ser professor é ser um exemplo aos alunos, por ser uma das figuras mais próximas, ele costuma servir de modelo e referencial para as crianças e os jovens, que o admiram por sua inteligência e os inspiram a ser como ele. Além disso, os encoraja a seguir seus sonhos por meio da educação.

Só a educação pode transformar o mundo, e o professor é o principal agente da construção e transformação da sociedade.

Profissão: ser professor!

Como é a vida de um professor?

O trabalho do professor não acontece somente na sala de aula, antes de ministrar as aulas, ele precisa planejar os conteúdos e os materiais que vai utilizar, deve escolher a metodologia mais apropriada, preparar atividades e provas, para depois corrigi-las.

Ele avalia o processo de ensino e aprendizagem, dá atenção a cada aluno para analisar seu desempenho e suas dificuldades, e ajuda os alunos que precisam de maior atenção para aprender.

Entre uma aula e outra está sempre estudando algo, preparando aulas, corrigindo provas e trabalhos, atendendo aos alunos para tirar dúvidas e, muitas vezes, leva o trabalho para casa.

O professor também participa de reuniões, conselhos de classe, eventos escolares, formação continuada, participa da gestão pedagógica, cuida da organização da sala de aula, inclusive precisa lidar com a indisciplina, que atrapalha seu trabalho.

Ele deve reportar ao coordenador/diretor e aos responsáveis os problemas ocorridos em sala de aula, como a indisciplina, ou seja, é imprescindível estar atento a tudo o que envolve o processo de ensino e aprendizagem.

O que é ser professor nos dias de hoje?

A educação passou por muitas transformações ao longo da história e, com a evolução tecnológica, as mudanças estão ocorrendo em um ritmo mais acelerado, sendo imprescindível que os professores se adéquem à realidade atual para que o ensino das novas gerações seja efetivo.

Denomina-se Educação 4.0 a transformação provocada pela tecnologia na forma como adquirimos e transmitimos conhecimento, reestruturando a experiência do ensino e da aprendizagem por meio dos recursos tecnológicos.

Atualmente, o professor é um mediador do conhecimento, o que projeta o aluno como protagonista do próprio aprendizado, bem diferente do modelo tradicional de educação.

A nova pedagogia tem o professor como incentivador e orientador da aprendizagem, que proporciona aos alunos a iniciativa e autonomia na construção de conhecimento e consolidação da aprendizagem.

As metodologias de ensino se transformaram e o professor precisou se reinventar, introduzindo em suas aulas as metodologias ativas, o ensino híbrido, a gamificação, a cultura maker, os recursos digitais, a sala de aula invertida, entre outros.

O professor deve se adequar às diretrizes educacionais, que se atualizam constantemente, respeitando suas definições no planejamento e execução das aulas, adaptando sua metodologia para contemplar o que as leis determinam.

A principal normativa em que o professor deve se basear é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define as aprendizagens essenciais e as competências que todos os alunos precisam desenvolver ao longo da Educação Básica.

Os professores também devem contemplar uma formação integral, que envolve além dos aspectos acadêmicos, os emocionais e sociais, bem como o desenvolvimento das habilidades do futuro.

Além disso, após a formação inicial, o professor deve seguir com a formação continuada, uma necessidade ainda mais acentuada atualmente, em razão das constantes atualizações nos processos educativos.

O processo de formação do professor não se encerra na graduação ou licenciatura, tampouco na pós-graduação ou em cursos de especialização, é preciso que os docentes continuem seus estudos.

A formação continuada é um processo permanente e constante de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade dos educadores. É uma prática de desenvolvimento pessoal e profissional do professor, fundamental para adquirir habilidades e se adaptar à realidade em que estão inseridos, com base na construção de novos conhecimentos.

<https://sae.digital/serprofessor/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20ser%20professor,%C3%A9%20necess%C3%A1rio%20aprender%20a%20ensinar>

Texto 3

O que é ser professor?

Tempo de leitura estimado: 3 min.

17 de outubro de 2016

GESTÃO ESCOLAR



Ser professor é muito mais que exercer uma profissão, dar aulas, aplicar e corrigir provas.

Ser professor é uma profissão que exige muito esforço, preparo, conhecimento, pesquisa, tempo e dedicação, mais ainda, que requer compromisso e comprometimento.

Mas quando se é professor... ah, isso não é nada!

O profissional da educação sabe que seu objetivo maior é ensinar, compreende que o caminho para isso é muito mais complexo, não exige apenas seu desenvolvimento cognitivo, mas sim de suas habilidades socioemocionais que possibilitarão uma atuação mais efetiva e próxima.

Conduzir, acompanhar...

Ser professor é compartilhar conhecimento, propagar informação, fazer o outro crescer, mostrar caminhos, dar as mãos, e para isso tudo é necessário criar vínculos, se aproximar e compreender o outro, o que exige amor!

Todo professor deve se orgulhar do vínculo que cria com seus alunos e do comprometimento com sua missão. É necessário estabelecer uma parceria na qual ambos aprendam e cresçam.

O professor sabe que é fundamental conduzir seus alunos, mas, acima de tudo, respeitar o tempo de cada um, compreendendo que ao desenvolvimento humano é constante e contínuo e cada um tem seu ritmo.

Sabe enfrentar os seus e os obstáculos do outro, ajudando-o no que for possível a superar suas perdas e frustrações.

Doa-se sem esperar o retorno, pois reconhece que proteger a emoção é essencial para nutrir as relações saudáveis.

Ter o olhar no outro...

Não importa se é um professor da Educação Infantil, do Fundamental ou do Ensino Médio, qualquer um deles sabe que é preciso conhecer e reconhecer o contexto de cada aluno, suas necessidades e seu repertório de vida.

Sabe que é preciso se despir das suas crenças e se libertar de qualquer choque, seja cultural, geracional ou social para conseguir compreender o processo de aprendizagem e assim compartilhar seus conhecimentos.

Despir-se de suas crenças também envolve lidar de forma natural com as dificuldades dos alunos, sabendo que é essencial despertar a curiosidade, permitir que duvidem, que critiquem que questionem para que se tornem sujeitos autônomos.

Planta sua semente...

O professor tem medo de errar, sim, mas esse medo nunca o paralisa. Ele vai e faz, e assim, superando cada obstáculo (e não são poucos!) e encarando os riscos, pois não há risco maior que o de não cumprir a sua missão.

Ele planta a semente e cultiva seu crescimento a cada dia, e nutre a cada minuto mesmo sem saber quais serão os frutos.

Ser professor é manter-se, apesar das dificuldades, apaixonado por sua profissão, pelo seu trabalho e orgulhoso de sua dedicação!

A Escola da Inteligência compreende que ser professor é isso e muito mais, assim o agradece por ser esse poeta da educação, por investir e acreditar no ser humano, por desejar fazer a diferença no palco da existência e por auxiliar na construção de um presente e futuro mais saudável e próspero.

Parabenizamos e reverenciamos seu importante trabalho e suas conquistas diárias!

<https://escoladainteligencia.com.br/blog/ser-professor/>

Texto 4

O que é ser professor?

por Escola Aldeia - Publicado em 11 de março de 2020

O professor é um personagem essencial na formação do ser humano. Muito além de dar aulas e aplicar provas, o professor cria, dentro da escola, um local de formação social e exercício da vida.

Convidamos as professoras e os professores da Aldeia para refletir sobre o papel desse profissional no dia a dia de uma escola e na vida dos alunos. Confira!

“Ser professora é a maior aventura da vida. É onde eu me encontro como pessoa, onde encontro motivos pra exercer de fato essa profissão. Estar em sala de aula é muito revolucionário. É na sala de aula que me sinto útil para o mundo.” – Bárbara Miguel, professora do 5º ano

“A gente passa muito tempo da vida no trabalho, e ele tem que ser algo que toca, que inspira e emociona. É uma grande responsabilidade, que o assumo com gosto. É bom poder ver que a gente está tentando fazer uma coisa que tá fora da caixinha.” – Mariana Ribeiro, professora do 4º ano

“Já superamos a ideia de que os conhecimentos estão compartimentados em gavetinhas, de matemática, português ou ciências. Tudo tem que ter um sentido para a criança, pois ela pode até memorizar, mas não vai entender e conseguir usar aquele conhecimento na vida prática.” – Danúbia da Silva, professora do 3º ano

“Para mim a educação precisa estar a serviço da vida. Não tem outro sentido estudar e aprender, se não for para viver. Estar na Aldeia não é só uma realização profissional, é pessoal também. Todas as nossas pesquisas, todo o material produzido é pra instigar na criança o desejo pela aprendizagem. Se ela deseja, ela vai aprender. Todos os nossos investimentos enquanto professores e coordenação são justamente para envolver os meninos na aprendizagem.” – Josenir Machado, coordenação

“Fazer parte dessa família é um privilégio, porque é um lugar onde posso ter autonomia e ainda consigo trazer criticidade e ajudar a formar pessoas cidadãs, que vão além de reproduzir o conhecimento. A partir do momento que as pessoas entram nessa família, elas conseguem ter uma visão de mundo ainda maior. É encantador a gente poder transmitir um conhecimento para o próximo. Mais do que transmitir, é uma troca de conhecimento.” – Lauriana Oliveira, professora do 4º ano

“Aqui é um espaço de gestão de novas ideias, de novas maneiras de entender a criança e de entender educação. Uma alguma coisa mais universal, e não tão quadrada ou fechada em teorias. Relacionamento humano, né? Educação é isso, e a escola Aldeia realmente tem esse primor.” – Danilo Rosolém, professor de música

<https://escolaaldeia.com.br/o-que-e-ser-professor/>

Texto 5

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)



Arte: Giulia Sánchez Atualizado em: Sáb, 15 de outubro de 2022, 15:29
(<https://progep.ufs.br/conteudo/70444-15-10-dia-dos-professores> - acesso em 15/12/2023, às 18h.)

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

Dom, 15 de outubro de 2023, 10:38

Feliz Dia dos Professores!

O CECH parabeniza todos e todas professoras e professores

O CECH parabeniza todos e todas as professoras e professores. Comemoramos o dia 15 de outubro com essas três figuras importantes para a história da educação. Antonieta de Barros, presente! Paulo Freire, presente! Professora Ângela Melo, presente!

15 DE OUTUBRO DE 2023: Dia das professoras e professores do Brasil

Caras/os professoras/es

Em 1962, o Método Paulo Freire alfabetizou 300 trabalhadoras/es em 45 dias. O que valeu ao mestre um convite do presidente João Goulart para repensar a alfabetização de adultos em âmbito nacional. No ano seguinte, Jango assinou o Decreto Federal 52.682, de 14/10/1963, instituindo o feriado escolar no dia 15 de outubro, que deveria ser para comemorar condignamente o dia das mestras e mestres com solenidades que enaltecessem a função na sociedade moderna.

Comemoremos, então, a queda de todas as ilusões que romantizam nossa profissão, para dar lugar à indignação diante da mercantilização da educação e da desprofissionalização de professoras e professores da educação pública e privada de Sergipe e do Brasil.

“Lute como uma professora!”
“Lute como um professor!”

Viva o dia 15 de outubro!



CECH | UFS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS HUMANAS

Atualizado em: Dom, 15 de outubro de 2023, 10:42

(<https://cech.ufs.br/conteudo/73181-feliz-dia-dos-professores> , acesso em 18/12/2023 às 12h.)

Texto 6

COMEMORAÇÃO

Diretor do Campus Aracaju parabeniza professores pelo seu dia

Criado: Sexta, 14 de Outubro de 2016, 12h13 | Publicado: Sexta, 14 de Outubro de 2016, 12h13 | Última atualização em Segunda, 17 de Outubro de 2016, 10h44

Elber Gama destaca a luta dos profissionais por uma educação de qualidade
Na manhã dessa sexta-feira (14), o diretor geral do Instituto Federal de Sergipe – Campus Aracaju, Elber Gama, divulgou mensagem parabenizando todos os profissionais do magistério pela passagem do dia do professor, comemorado nesse sábado (15).

“Sinto-me honrado em nesse momento poder saudá-lo, professor e professora! Embora tenha a certeza de que todos os dias são também do professor, aproveito esse 15 de outubro para parabenizá-los e ratificar nosso apreço e respeito para com aquele que está sempre atento e presente na luta por uma educação de qualidade, que emociona e se emociona de forma genuína em seu fazer cotidiano, que contagia com o otimismo e que transforma a utopia em realidade”, declarou.

Mensagem

Ser professor?

Sim, SER PROFESSOR!!!

É antes de tudo compreender-se através do outro.

Ser professor é doar-se intelectual e fisicamente,
Convicto de que todo esforço será válido,
Basta que para tanto tenha o aluno se apropriado do conhecimento,
Goste do que aprendeu e o permita também aprender.

Ser professor é ter a certeza que em longos anos de dedicação,
Toda aula é prepara com afino e meticulosidade,
Assumindo características e detalhes exclusivos,
Nunca podendo ser uma repetição de outrora,
Porque a originalidade ser-lhe-á tão marcante,
Quanto seu amor para como a razão de ser do seu pensar: o aluno.

Ser professor é majestosamente atuar como atores e atrizes,
É cumprir com destreza a tarefa de decodificar a vida real,
Reduzindo o hiato entre o ser, o saber, o fazer e o aprender,
É possibilitar a compreensão holística das concepções,
É preencher o vazio com a oferta da ideia em constante mutação,
É suscitar a dúvida.

Ser professor é superar os obstáculos e o cansaço,
Através da sublime experimentação de um eterno aprendiz,
Que aprende e ensina diariamente.
Que duvida da própria dúvida.
Que não se conforma com a inércia.
Que possibilita o contraponto.
Que não se alicerça em dogmas.
Mas, sobretudo, que não se dar por vencido.

A origem

No dia 15 de outubro de 1827, Pedro I, Imperador do Brasil baixou um Decreto Imperial que criou o Ensino Elementar no Brasil. Pelo decreto, "todas as cidades, vilas e

lugarejos tivessem suas escolas de primeiras letras". Esse decreto falava de bastante coisa: descentralização do ensino, o salário dos professores, as matérias básicas que todos os alunos deveriam aprender e até como os professores deveriam ser contratados.

Mas foi somente em 1947, 120 anos após o referido decreto, que ocorreu a primeira comemoração de um dia efetivamente dedicado ao professor. Começou em São Paulo, em uma pequena escola da Rua Augusta, onde existia o Ginásio Caetano de Campos. O longo período letivo do segundo semestre ia de 1 de junho a 15 de dezembro, com apenas dez dias de férias. Quatro professores tiveram a ideia de organizar um dia de parada para se evitar a estafa – e também de congraçamento e análise de rumos para o restante do ano.

O professor Salomão Becker sugeriu que o encontro se desse no dia de 15 de outubro. O discurso do professor Becker, além de ratificar a ideia de se manter na data um encontro anual, ficou famoso pela frase " Professor é profissão. Educador é missão". Com a participação dos professores Alfredo Gomes, Antônio Pereira e Claudino Busko, a ideia estava lançada. Mais tarde, em 1963, a data foi oficializada pela lei Decreto Federal 52.682. (Fonte: Wikipédia)

(<https://www.ifs.edu.br/ultimasnoticias/4172diretordocampusaracajuparabenizaprofessorespelosedia#:~:text=Ser%20professor%20%C3%A9%20doar%2Dse,e%20o%20permita%20tamb%C3%A9m%20aprender>. Acesso em 18/12/2023 às 12:35.)